FON
FON
ANNO XXIV — N.º 28
Rio, 12 de Julho de 1930
PREÇO: 1$000
OROZIO

CARTOMANCIA

NOEMI PITANGA

GABINETE confortavelmente installado, de cartomante da moda.

A cliente — mulher moça, elegante, uma grave melancolia no olhar.

• • •

— E' a primeira vez que me procura, não é? De onde vem? Quem a conduziu até aqui?

— Senhora... Sei da fama de que goza. Quiz-e conhecer o futuro, um pouco do presente, tão velado...

— Assusta-se? Põe em duvida o que dizem as cartas? Descrê do Desvendado pela sciencia? Então...

— Não, minha senhora, não. Fatigou-me o subir suas escadas. O cansaço nada exprime. Meu receio provém da puerilidade de pela primeira vez desvendar o Imprevisto de modo tão imaginativo... E, para quem traz a duvida, basta a palavra calma, basta...

— Sim, sim... Vamos...

A cliente aproxima-se timidamente. Descalça as luvas; n u a s as mãos, cujos gestos fidalgos e lentos revelam aristocracia e distincção, lembram posturas perdidas de artista alucinado.

Os symbolos exoticos, em cada canto; as sombras que despertam lentas phantasmagorias, infiltrando-lhe o receio e a nervosidade, obrigam-na a reprimir as lagrimas fa... quasi arrependida de ter vindo.

E' tão profundo o silencio, que parece ouvir-se o rythmo descompassado de sua respiração.

As cartas espalham-se na mesa.

A voz mysteriosa e fria enterra-se-lhe no peito com a agudeza de um punhal:

— Tem um noivo... Alto, moreno, elegante... Ha muitos dias não o vê... Doença, talvez... Desprendimento, p r e o c cupações... Um pouco bohemio, a alma vadia, cheia de divagações... Ha, porém...

Hesitação. Um olhar de supplica. As cartas, immoveis, parecem obstinar-se em crueis revelações. Um "Rei", com sua espada enigmatica e sombria, perfura-lhe o coração, em delirio. A "Dama", ao lado, sorri, ironicamente. Todas as figuras, emfim, num connubio infernal e diabolico, a lhe sangrar a intelligencia e os sentidos...

— Ha, porém... Uma outra mulher, frivola, loira como os trigaes, que lhe corôa os melhores momentos de emoção... E é subjugado de sua belleza... belleza de espirito irrequieto e moço, que o perturba violentamente.

Um soluço suffocado. A cartomante observa-a com interesse, profundo interesse, devassando seus olhos a uma revelação maior.

— O sentimento espesinhado, roto, perdido...

— Como, senhora? Não é possivel! Si vibra nelle toda minha razão de ser! Si me dei, perfeita, á sua ternura! Si lê em meus olhos toda a verdade do amor immortal! Não, minha senhora, não! Inspire-me! Afaste, com a magia de suas mãos, o despenhadeiro em que anniquilo o pensamento!

— As cartas revelam sempre: m u l h e r loira, olhos vivos, intranquillos... Os seus, senhora, são melancolicos, errados... Sempre foram assim? Os homens abominam o romantismo. Veja neste espelho a agua estagnada e fria de suas pupillas mortas! Nada dizem sinão que amam, que soffrem, que choram... As lamurias afugentam, sabe?, os homens sedentos de variedade: de dia — sóes, arroubos de primaveras, trinar de passarinhos... A' noite — luares, estrellas tontas, fugidias... E seus olhos carregam, apenas, agonias de crepusculos, sóes-postos, ave-marias, solidão...

Um gemido estrangulado, outro, mais outro... Mãos esguias que se comprimem em desespero.

— Renuncie, senhora, ao sentimento que lhe violenta a razão, tal uma chaga viva. Deixe rolar, embora, a ternura fracassado. Anniquile, na delicia do esquecimento, o triumpho que julgou immortal... O nome luminoso jamais entrelaçará o seu, romantico e dolente... O coração credulo nada mais é do que um pobre fantoche nas mãos do homem forte e privilegiado... Deixe-o, volte á casa, medite no Futuro, que só ha de refulgir na renuncia absoluta da paixão ludibriada... Vá... Os homens são monstruosos, vá... E, quando chegar a calma, então,desvendar-se-á h o r i z o n t e mais vasto, de sóes fecundos, de infinito azul, de noites estrelladas para o esplendor integral... Vá, senhora... Tranquillize-se... Si quizer amanhã,,depois... E' só prevenir...

O e s p i r i t o dolorosamente attingido, o olhar enxuto no brilho estranho da doida interrogação, a cabeça erguida numa nobre severidade, retira-se a cliente, com o cumprimento breve e cordial.

A porta fica entreaberta.

Julgando-se s o z i n ha, apoia-se á parede, esconde os rosto entre os braços roliços, abandonando-se, voluptuosamente, ao soluço que já não pode suffocar, ao gemido que a arrebata, inteira, em frente ao s o r r i s o de triumpho d a mentira odiosa e injusta:

— Roberto! Roberto!

A fortuna inesperada

de Josef Robert Harr…

ARREBENTARA a tempestade. Fragores medonhos de trovões surdos e atemorizantes reboavam no espaço, emquanto relampagos breves illuminavam o céo.

Louloute deixou o seu lugar e, muito pallida, correu á janella. A chuva, que cahia fraca ainda, promettia augmentar. Ficou algum tempo a olhar para fóra, e, depois, sorrindo, exclamou:

— Nikolai, peço que não te rias de mim; mas tenho um medo tremendo dos raios e dos trovões. Não sei, é mais forte do que eu, talvez eu seja algum tanto superticiosa...

Nikolai aproximou-se da moçoila e acariciou-lhe docemente os cabellos negros.

— Poderiamos continuar o trabalho, não achas?

— Tenho necessidade de dinheiro, Nikolai..., — murmurou a joven creatura.

— Dinheiro, dinheiro! Louloute, sabes perfeitamente que não possuo nem ao menos dez francos! Tem paciencia, minha queridinha, em tres dias o quadro estará terminado, e, então, possuiremos dinheiro e felicidade! Vamos, sem perda de tempo...

— Para que, Nikolai?... Estou em jejum...

Nikolai não respondeu. Apertou com força os maxillares e a mão lhe tremeu ligeiramente.

— Não fiques triste, Nikolai! O quadro encontrará logo comprador. Esta manhã, a minha amiga Florence propoz-me tomar parte na Exposição dos quadros vivos que terá lugar no Casino dos 777 amigos. Não ha muita coisa a fazer, e ganharei 100 francos... Que dizes a isto?

— Louloute, és a creatura melhor do mundo...

Não posso deter-te então; vae.

A mocinha cobriu os hombros com um chale:

— Vou, Nikolai. Florence espera-me... Não sei quando voltarei. Vives no meu pensamento... Nikolai, não amo senão a ti...

* * *

Escurecia: nuvens densas e sombrias, vindas do occidente, accumulavam-se sobre a cidade.

Nikolai atravessou ruas, vielas e jardins. Vagou sem destino pela cidade durante uma hora mais ou menos. Uma luz vermelha diante de um barracão de madeira, numa praça, chamou-lhe a attenção. Approximando-se, leu o que estava escripto em letras garrafaes: — *O maior Museu de figuras de cêra! Novo para Paris!*

Num cartaz illuminado por lampadasinhas verdes, lia-se tambem que se podia ganhar um... *Premio de 50.000 francos.* Sorriu incredulo, mas entrou na casa de madeira. Sem duvida o frio da noite e a falta de alimento annuviavam-lhe a mente. Cincoenta mil francos!!! A cifra phantastica turbilhonava-lhe no cerebro: pensou nas suas dividas, pensou em Louloute...

Um estranho personagem veio-lhe ao encontro:

— Meu joven amigo, o senhor quer ganhar o dinheiro, não é verdade? Nada mais tem a fazer do que ficar por algumas horas, da meia noite ao romper do dia, no meu museu de estatuas de cêra. Penso que não conhece a casa, não?

— E' a primeira vez que aqui venho, cavalheiro...

— Bem, respondeu o director. — Receberá de minhas mãos uma chave e um envelope fechado. Depois de uma hora abrirá o envelope e ficará sabendo a hora e o relogio registrador em que deverá tocar com a chave que lhe vou entregar. Se o ambiente do meu museu não lhe convier, fará soar apenas uma campainha; e ver-se-á immediatamente livre.

— E não ha mais nada a fazer? Isto só, por 50.000 francos? E não veio aqui n i n g u e m antes de mim?...

— Antes do senhor ...? O cavalheiro é o 235.. Duzentos e vinte homens e quinze mulheres tentaram, mas...

— Mas...???

— Alguns resistiram por uma hora, outros, por duas, e as mais das vezes, depois de um quarto d'hora, tivemos de correr para libertar concorrentes.

— Não comprehendo... — murmurou Nikolai.

— As minhas figuras, de dia, são immoveis. Mas á noite, tornam-se animadas: é o meu segredo, a minha invenção. Cem pessoas em Paris que se encontram no manicomio, devem agradecer ao meu museu.

Nikolai sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

— Quer então tentar a experiencia? — insistiu o gordo director. Sim? Mude, então, de traje.

O joven obedeceu machinalmente. Em poucos minutos, tra… mou-se num perfeito chinês… ças largas e uma blusa … azul. Foi-lhe dado ainda um … de lenço escuro.

— Se quer fumar, eis aqui … garros e charutos. Ha vinho … bem... Tem fome? Não? Bem… quasi onze horas, dentro de … hora, trar-lhe-ei o envelope … chave. Distraia-se!

O homem sorriu para o pin… Este ouviu a porta fechar… chave. Encontrou-se só na … nha prisão.

Como era suave o sabor do … ruto! Na semi-obscuridade, … maça do tabaco erguia-se len… densa. "Como nuvens de um … poral", pensou Nikolai. E o … estaria a fazer naquella … Louloute?

A porta reabriu-se silenc… mente e o director entrou no … queno aposento.

— Quero falar-lhe franca… — disse o corpulento director. … Comprehende que eu não arri… ria de modo algum 50.000 fr… cos. Mas um americano ma… quem a minha collecção de … tuas de cêra agrada muito, de… 100.000 francos, cuja metade … servir para o premio que sab… outra, pertencer-me, no caso de … guem conseguir ficar uma … no seu museu. Tenho encon… facilmente, comprehende, asp… tes á bella somma. Mas o a… cano reservou para si a veri… ção das horas no registrador.

Deve estar intrigado por … lhe eu todas estas cousas. … porque tenho interesse no … da prova..., como é natural. … bre-se assim que as minhas … tuas são de cêra. E estão mo… Grite sempre para si mesmo … as estatuas *são de cêra*. Não p… em outra cousa; as minhas … tuas são apenas figuras com… inanimadas. Tudo mais é f… só isto! E, felicidade!

Uma parede de madeira … tou-se lentamente. O director … appareceu. Nikolai apoderou-se … garrafa de vinho e bebeu … grande gole do liquido rest…

Troque seu Velho Rosto por um Novo

A mulher que em nossos dias se permitte ostentar um rosto cheio de rugas, manchas, pannos e outras imperfeições, commette uma falta gravissiva, pois é uma das mais importantes obrigações da mulher a de possuir uma cutis encantadora.

Nada ha que seja tão facil como a conquista de uma cutis immaculada e fresca como a de uma creança. Já se contam por milhões as mulheres que hão tido opportunidade de comproval-o e de desfructar a dita que semelhante conquista depara. E isto se consegue bastando lavar-se todas as noites, o rosto com agua tepida, applicando-se logo cera pura mercolized. A cera pura mercolized extirpa gradualmente e sem dôr, toda a cutis velha, fazendo que se desprenda em particulas imperceptiveis e que seja substituida pela nova tez, formosa e saudavel, que toda mulher possue debaixo da sua velha pelle.

As mulheres prudentes, as que sabem discernir e tem intelligencia superior, sabem que a Natureza obra sempre de forma discreta e que precisamente nessa discrepção está o segredo dos maravilhosos resultados que em poucos dias se obtem com o emprego da

Cêra Pura Mercolized

(em inglez "Pure mercolized Wax")

dor. Sentiu-se mais bem disposto, mão grado a fome. Pareceu-lhe que o aposento se tinha tornado maior. Os olhos se habituavam, pouco a pouco, á semi-obscuridade do ambiente. Onde se encontrava?

Viu que se achava num angulo de uma grande sala. Junto delle, estavam esquifes abertos, deixando vêr formas alongadas como cadaveres. Tentou desviar os olhos da visão macabra, mas instinctivamente o olhar voltava para as orbitas vasias, horrendas. "Não é senão cêra, só cêra", murmurou Nikolai. Mas a sua propria voz aterrorizou-o. Pareceu-lhe que o som viesse de além tumulo. Uma pequena luz vermelha illuminava a campainha de chamada. O pintor afastou-se bruscamente para resistir á tentação de fazel-a soar. Apoiou-se, sorrindo com ostentação a um grande sarcophago, accendendo um cigarro.

Cantarolou um trecho de uma canção em voga, mas sentiu-se de prompto presa de uma fadiga estranha. Olhou o relogio que lhe tinham deixado ao pulso —; um modesto relogio de nickel — marcava poucos minutos para uma hora.

Foi interrompido em seus pensamentos por uma sombra que se ergueu de um dos esquifes. Uma especie de phantasma fez-lhe um signal em saudação com uma das mãos... Nikolai estremeceu. Cêra, mas não era senão simples cêra... tudo isto. Foi recuando lentamente até sentir-se de encontro á parede. Mas na parede um vão abriu-se silenciosamente e elle teve de apoiar-se para não cahir. Subiu alguns degráos e encontrou-se num quarto na penumbra. O truc continuava evidentemente, mas elle não se sentia, comtudo, seguro. Olhou em torno, aterrorizado. Sobre uma especie de leito, jazia um homem; um homem que parecia ter sido esticado, apresentando mais de dois metros de comprimento. Nikolai teve de afastar o olhar immediatamente... Não passava de cêra... Um homem teria ficado, em parte, desarticulado... Tudo aquillo era repugnante, mas ficticio... Olhou ainda e estremeceu: Deus! seria possivel semelhante cousa??? As linhas do rosto eram as do proprio pae, morto havia muito. Cobriu os olhos para não vêr... Não quiz pensar em mais nada; correu dalli.. O tempo passava; animaes ferozes, serpentes, fakires e egypcios, bailarinas semi-nuas com joelhos dourados; arvores de onde pendiam á guisa de fructas, craneos muito brancos; esqueletos errantes; justiçados que caminhavam com os membros mutilados; guilhotinados que traziam dependuradas, a balançar, as cabeças decepadas; assassinos famosos, imperadores e rainhas celebres; ho

A fortuna inesperada

(Conclusão)

mnes agonizantes, phantasmas e mascaras agitavam-se, gyravam em torno de Nikolai numa dansa infernal.

"E' cêra, não é senão cêra!" — repetia o joven, presa de uma sensação angustiosa.

Olhou o relogio. Uma hora!!! Uma hora ainda!

Leu, então, o papel que estava dentro do enveloppe: "Um quarto d'hora depois da uma, gyrará a chave do relogio registrador que se encontra á cabeça do enforcado."

* * *

Até ás duas e meia, Nikolai gyrou bem uns trinta relogios registradores. Estavam escondidos nos mais estranhos lugares; nas fauces das féras; na carne viva dos torturados; entre a cabelleira de uma dama seiscentista...

Nikolai habituara-se ás figuras de cêra; passeava agora pelas salas do museu dos horrores como um visitante qualquer. Parou a observar o busto de um papa; acariciou o queixo de Napoleão. Não era senão cêra, cêra unicamente!

— A's duas e trinta, subir á direita, perto das mumias". — proseguia o escripto. Uma mumia, á passagem do pintor, alongou, insolente, um braço. Nikolai fechou os olhos e subiu os degráos de uma estreita escada em caracol. Quando o fazia, rajadas de ar frio e humido envolviam-no de quando em quando. Continuava o ribombar dos trovões. Chegou até um terraço sobre uma torre. Nuvens escuras corriam pelo céo, cortado de espaço a espaço por coriscos. A agua da chuva abundante encharcou-lhe as vestes. Voltou, descendo novamente a escada em espiral.

Sobre um divan, jazia uma mocinha. Dos seus traços bellissimos desprendia-se um halito de vida. O pintor acreditou reconhecer Louloute... Uma ligeira fumaça perfumada erguia-se de um thuribulo. Um trecho dulcissimo de musica ondeou no ar... Mas, estridentes, os assobios de uma sereia cortaram o espaço. Os bombeiros. Um incendio? Onde? Nikolai tornou a subir rapidamente a escada e appareceu no pequeno terraço da torre. Viu, então, labaredas inflammadas apoderarem-se do tecto da casa. O museu das estatuas de cêra ardia. O joven voltou á sala onde a estatua de cêra jazia sempre sobre o divan. Fóra de si, procurou encontrar a sahida, quando lhe pareceu que a

figura de mulher se movia. T[illegible] entre os braços, rapidamen[illegible] corpo de carne, de verdad[illegible] carne... Deus dos céos! elle [illegible] louquecia! Aquella era uma [illegible] lher! Uma mulher viva, Q[illegible] agarrava a elle, aterrorizada [illegible] brilho do incendio que se [illegible] atravez das rajadas de chuva [illegible] tidas pelo vento. Elle estava [illegible] a influencia de algum pesadel[illegible] Era illogico tudo aquillo... [illegible] aquella mulher que tinha [illegible] os braços era justamente [illegible] te, a sua Louloute...

O incendio flammejava. O [illegible] lambia as paredes da sala, cu[illegible] já se tornava irrespiravel. L[illegible] loute, agarrava-se-lhe ao pe[illegible] meio desmaiada. Nikolai [illegible] mais uma vez a estreita [illegible] até o pequeno terraço do qu[illegible] descobria toda Paris immers[illegible] somno. Em baixo tudo era [illegible] fornalha ardente.

"Um homem! Um homem [illegible] uma estatua de cêra!" — bra[illegible] a multidão, indicando a torre [illegible] bombeiros.

Uma escada volante pela [illegible] subiu um dos homens, salv[illegible] pintor e Louloute desfallecid[illegible] torre desabou num clarão de [illegible] gmentos incendiados.

* * *

Diante de Nikolai estava o [illegible] rector com o americano.

— Venceu a prova. Por vo[illegible] aquelle raio levava-lhe a [illegible] tambem. Bravo! Foi o prime[illegible] unico a attingir o alvo. Eis [illegible] o "cheque" de 50.000 francos[illegible]

Nikolai sentia-se como a de[illegible] Tudo aquillo parecia-lhe u[illegible] nho... Assignou machinalm[illegible] uma folha de papel que lhe a[illegible] sentaram.

— Mas Louloute... — mur[illegible] rou confuso — naquella torre?

— Psiu! — fallou o Director [illegible] vando um dedo aos labios. — [illegible] se deixe ouvir pelo americano [illegible] pois, eu lhe explicarei o facto.

Nikolai teve mais tarde da [illegible] pria Louloute a explicação [illegible] mysterio. A mocinha não ha[illegible] encontrado a amiga Florence [illegible] lugar combinado. Desolada, e[illegible] vagara tambem ella, pela cidad[illegible] até que chegara diante do Mu[illegible] das estatuas de cêra. O dir[illegible] perguntava-lhe se estava dis[illegible] a fingir-se de estatua de cêra [illegible] uma noite, no seu museu, em su[illegible] tituição a uma figura que se ti[illegible] despedaçado. Pagar-lhe-ia [illegible] francos. E assim Louloute fing[illegible] ser de cêra. Não tinha recon[illegible] cido Nikolai no estranho traje [illegible] trazia.

— A borrasca trouxe-nos em [illegible] bojo a felicidade — murmu[illegible] Louloute, no fim de sua narra[illegible] E inclinou a cabeça no hombro [illegible] pintor.

DORES NA CINTURA
DESORDENS DOS RINS—
V. S. PODE EXPERIMENTAR GRATIS
Este famoso tratamento

Se V. S. é victima de Rheumatismo Chronico, Dôres na Cintura, Musculos Doridos, Articulações Inchadas, Desordens dos Rins e da Bexiga, pode agora mesmo e sem obrigação alguma, gratis, experimentar um tratamento excellente que tem quarenta annos de existencia.

Não duvidamos que o seu medico lhe dará sua opinião sincera sobre o valor das Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Consulte-o sobre a excellencia da formula. Outros pacientes que soffreram como V. S., encontraram allivio para suas doenças graças a este tratamento.

Provar não custa nada. Para que debilitar o corpo com taes purgativos se só se necessita estimular o bom funccionamento dos Rins? Não se trata de uma preparação secreta: a formula está impressa sobre a caixa, e o producto se encontra em todas as Pharmacias. Estamos convencidos de que um pequeno tratamento lhe demonstrará a efficacia do producto.

Milhares de pessoas comprovaram que, submettendo-se a um breve tratamento com as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, voltaram a desfrutar de uma vida sã. Os frascos deste preparado vendem-se por milhões no mundo inteiro.

Tome as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, contra Dôres nas Costas, Rheumatismo, Dôres Articulares e Desordens dos Rins. São boas para moços e velhos. Não são drogas perigosas, mas um tratamento que combate a enfermidade. Para comprovar a sua rapidez de acção, peça-nos um fornecimento gratis para experiencia; dirija a sua carta a E. C. De Witt & Co., Ltd., (Depto. M. 10), Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Pilulas De Witt
PARA OS RINS E A BEXIGA

PARA OBTER SUA CAIXA GRATIS, ESCREVA AO ENDEREÇO ACIMA INDICADO.

M. 18

PREÇOS NO DISTRICTO FEDERAL { Rs. 7$500 O FRASCO PEQUENO
Rs. 12$500 O FRASCO GRANDE

LICENCIADAS PELO D. N. S. P. SOB O No. 148

A estatua do grande escriptor

O senhor alcaide aspirou com deleite um pouco de rapé, cujas qualidades havia, inutilmente, elogiado a seus vizinhos da direita e da esquerda. Depois, fechou os olhos. Reabrindo-os, fixou attentamente o olhar no busto da Republica, velado temporariamente com um mosquiteiro, contra os insectos dipteros e a *musca vulgaris*, em particular.

Afinal, depois de contemplar com a mesma gravidade a capa verde da mesa, o senhor alcaide tossiu tres vezes em meio do silencio geral, levantou-se e disse:

— Senhores, hoje, pela centesima vez, vou incluir na ordem do dia um assumpto que divide o conselho municipal ha mais de sete mezes e meio. Refiro-me á estatua de nosso illustre concidadão César Dubeaupré...

Alguns grunhidos surdos ...ram essas palavras sensatas.

— Trata-se, com effeito, se... res... ou melhor... de que se... ta, senhores? Vós o sabeis ...lhor do que eu... Sim, melhor que eu...

(Grunhidos mais nitidos).

— O local escolhido para ... estatua, que, ha um anno, ... guardada, esperando tempos ...lhores nos galpões do Beach... vós já o conheceis... vós já ...nheceis...

(Grunhidos surdos).

— E' a praça da estação...

(Grunhidos mais accentu...

— Pois bem: de que se ... senhores, senão de resolver que posição daremos á effigie ... grande homem, em relação ... dade e á estação?

(Grunhidos, misturados com ... lavras inintellegiveis).

Depois de verificar que ... do tapete não havia soffrido ... ração alguma, e de que o ... da Republica conservava rig... mente a mesma attitude, o se... alcaide proseguiu:

— Certas pessôas pretendem ... eu sou desse numero; mas ... importa minha humilde opin... — certas pessôas acham q... grande escriptor deve conte... sua cidade natal, e ter o ros... direcção do modesto tecto qu... o berço de sua infancia, onde ... ceu esperando a gloria.

Grunhidos negativos mist... com "apoiados" energicos).

— Infelizmente, se formulou ... objecção. A estatua, assim ... cada, dá as costas para a es... parece, pois, desdenhar as ... leis da hospitalidade, fingind... notar os estrangeiros e tur... que nos visitam. Uma vez q... encontra, por assim dizer, ... tas da cidade, não deveria ... as honras da mesma, da qu... filho e gloria?

— Apoiado! Apoiado! Apo... Está muito bem!

— Não! Não!

O orador, depois de ouvir ... um estremecimento, os dive... variados protestos, dirigiu de... seu olhar para o busto da ... blica, como si lhe quizesse ... seu conselho na qualidade de ... tatua ou de fragmento de es... No emtanto, não tendo o ... manifestado o menor desejo ... envolver na polêmica, o sen... caide recomeçou seu discur... terrompido.

— Um nobre dever é o que ... mos a cumprir, senhores! Cum... mol-o, pois! E, para cumpri... indispensavel perdoar a pa... qualquer que seja a sua vio... é indispensavel cortar pela raiz... Sim..., cortar pela raiz!...

Conto de JORGE AURIOL

O conselho, que até então se mantivéra em differentes grãos de grunhido, lançou uma série de gritos espantosos, entre os quaes se distinguiam as palavras *estação* e *cidade*. Depois, pouco a pouco, se acalmou.

— Cortemos, pois, pela raiz! — repetiu o senhor alcaide, com energia e não sem ter, novamente, interrogado a estatua da Republica. — A estatua olhará a cidade ou a estação? Honrará o solo natal, ou nos sacrificaremos vilmente ao estrangeiro?

— Ponhamol-a de perfil — propoz o conselheiro Lamadon.

— Não, não! — gritaram os outros. — Nada de termos médios! Cortemos pela raiz!

Viu-se, então, erguer-se um homemzinho, sêcco e enxuto. Era o adjuncto. Sem prestar a menor attenção ao busto da Republica, esse homem pronunciou, tranquillamente, esta phrase:

— Peço a palavra!

Foi-lhe concedida.

— Senhores — disse o adjuncto — adivinhaes o motivo que me leva a pedir a palavra, ainda que isto seja contrario aos meus habitos: evidentemente o adivinhaes!

(Grunhidos).

— Evidentemente, tereis notado, como eu (e, por certo, o proprio senhor alcaide lamentou essa circumstancia) — tereis notado, como eu, que as opiniões se acham divididas em relação a essa estatua: evidentemente o tereis notado.

(Grunhidos longinquos).

— Que é o que anima a uns e a outros? — proseguiu o adjuncto. — Evidentemente, um nobre sentimento. Estes querem honrar o seu paiz; aquelles querem, como os arabes, praticar a hospitalidade em toda a sua generosa amplitude. Pois bem: uma cousa resulta evidente: nem uns, nem outros cederão. E' necessario contentar a ambos os lados, isto é, partir a pedra. Evidentemente a tarefa era difficil, mas nada é impossivel ao cidadão realmente compenetrado de seu dever. Eu desatei o nó, e todo o mundo ficará contente.

(Gritos diversos. Grunhidos ligeiros, cheios de duvida).

O adjuncto, depois de enxugar o suor da fronte, aproveitou o breve intervallo para verificar si seu relogio estava em seu logar, e, tranquillizado a esse respeito, proseguiu:

— Evidentemente, senhores, penso que vou propôr-vos simplesmente que a estatua seja collocada em outro logar. Naturalmente, a idéa seria engenhosa. Mas essa manobra não poderia ser, evidentemente, qualificada de verdadeira solução. A estatua será elevada na praça da estação, e eu me atrevo a dizer que os dois lados antagonicos ficarão de accôrdo.

(Silencio.).

— Graças a um mecanismo habilmente dissimulado no pedestal, e cujo desenho tenho no bolso, a estatua gyrará sobre um eixo. Um empregado, pago pela communa, se encarregará de pôl-a em movimento á chegada de cada trem. Dessa maneira, a estatua receberá com carinho os forasteiros e turistas, sem deixar de honrar a sua cidade natal. Evidentemente, a solução é bem simples; mas o difficil era encontral-a. E' o ovo de Colombo. E, agora, senhores, ha objeções?

— Não! Bravos! Admiravel!

Depois de examinado o desenho do adjuncto, foi aprovado seu projecto, por unanimidade, e, um mez depois, se via na praça da estação a famosa estatua movel de César Dubeaupré.

O adjuncto recebeu, por esse motivo, as felicitações do ministro, em carta, que terminava assim:

"Sem duvida, melhor ainda houvéra sido construir uma estatua articulada: isso permittiria ao illustre escriptor sentar-se durante a noite. Mas, talvez, essa nova idéa seja um pouco exaggerada, uma vez que, sem duvida, a situação dos grandes homens foi, sufficientemente, melhorada nos ultimos vinte annos, para se pensar em levar as cousas mais longe."

(*Illustração de Moredio Roberto*)

PHEDRA (Capital) — Ao abrir a sua carta côr de opala, eu disse de mim para mim: "Lá vem a mimosa pudica". E' que me recordei daquella missiva alarmada, na qual v. ex. ficava pelos cabellos, só em pensar que a sua photographia viesse ter ás minhas mãos. Não pelos seus lindos olhos estrabicos, nem por causa do seu vestido de ramagens, parecidas com lagartas de jardim, mas pelo receio de que eu pudesse conhecel-a (?) algum dia.... Ora muito bem. Lembrei-me tambem daquella senhorita pundonorosa, que, ao chegar á praia, gritou, apavorada, como si tivesse sido mordida por um siry irreverente:

— Mamãe! Mamãe! "Me" acuda!

— Que foi, filhinha?

— O mar!

— Que tem o mar?

— E' um desaforado! Faltou-me com o respeito....

— Como foi isso?

— Beijou-me os pés....

E desmaiou.

.. ..

Mas li a sua carta e cheguei á conclusão de que v. ex. queria que eu fizesse calar o garoto que ha em mim. Ora, não é possivel. Esse garoto é a minha defesa contra as creaturinhas angelicaes, os anjos papudos que cairam do céo como Icaro....

A sua carta me trouxe um soneto. Comecei a lel-o e achei-o mediocre. E já me dispunha a atiral-o na cesta, quando verifiquei que era.... Era de quem? Era meu!

Maldosamente, v. ex. o copiou (elle deve ter uns quinze a vinte annos...) e perguntou-me: "Ha quanto tempo, já os escrevia!" Pergunto eu: Ha quanto tempo v. ex. os colleccionava, hein?

Mas vejamos o tal soneto:

A QUEM ME ENTENDE

Não quero mais o teu amor! E [agora
Que sei que tu tão falsa me tens [sido,
Dou por extincto todo o amor que [outr'ora
Me fazia por ti viver perdido!

Oh, sim! desprezo o teu amor, [embora
Eu me veja depois arrependido
E em vão deseje e espere a toda [hora
Ser outra vez por teu amor ven- [cido!....

Vou te deixar.... E em lagrimas [banhado,
Irei por toda parte procurando
Esquecer o teu nome idolatrado...

E, para que de ti nada me reste,
Irei tambem dos labios apagando
Os vestigios dos beijos que me [deste!....

BASTOS PORTELLA.

E' a primeira vez em que me faço juiz em causa propria. Não tenha cuidado: elle já foi para a cesta.

Não era isso o que v. ex. desejava?

IBERÊ POTYGUARA (?) — A sua collaboração não serve para o *Fon-Fon*.

CYRA (?) — Agora, sim, v. ex. me deu uma excellente impressão da sua pessôa. A bem dizer, a sua graphologia só não é bôa, porque apresenta tres traços maus: alma complicada, egoismo e mentira. Mas, afinal, qual é a mulher que não é complicada, não é egoista e não mente?

A ultima pergunta que me faz na sua carta não pode ter uma resposta nesta secção. Essa resposta deveria ter o caracter confidencial da pergunta; e nesses casos, ella ficaria deslocada, numa pagina de revista, que está sob milhares de olhos. E olhos irreverentes, indiscretos, maliciosos, muitas vezes.

NEOPHITO (Minas) — Oh! senhor! Continuam os neophitos de todos os quilates. E' deploravel! Constroem umas semsaborias irritantes e atiram-se ás redacções das revistas com uma *sans façon* literaria que chega a desconcertar o mais solido espirito.

Não, sr. Neophito, o *Fon-Fon* não é revista de principiantes. O sr. deve procurar, de preferencia, uma publicação destinada a collegiaes.

MAURO MOTTA (Pernambuco) — Meu caro conterraneo, só pude aproveitar a *Canção da Felicidade*. Ella será publicada. Espere a sua vez.

CYRINO VAZ (S. Paulo). — Aqui está a carta, onde o sr. [...] ma a publicação de [...] trabalho que me [...] Ora, quem resolve [...] so é o secretario. [...] que haja espaço, e [...] gue a sua vez, o sr. [...] attendido. O *Fon-Fon* [...] uma revista acolhe[...] e amiga dos seus [...] tores.

Agora o sr. [...] mette "A Collecção de emoções" que bem irá ter ás mãos [do] secretario, com a [...] recommendação, o [que,] penso eu, já é um passo largo [para] a sua publicidade.

O sr. diz que é meu [amigo.] Ainda bem. Pensei que, rece[bendo] obsequios desta pagina, lhe [fosse] possivel dizer o contrario. [...] aliás, não seria surpreza, p[ois o] que todos querem é, egoistica[men]te, receber homenagens, que [não] retribuem. Geralmente, os p[...] os escriptores, os que nos p[...] obsequios só tratam de sua p[...] Nunca se lembram de nós [...] um agradecimento banal, a[...] sado, de pura cortezia. Esque[cem] elles que um nome literario re[pre]senta mais que uma fortu[na] encarada a questão sob certo [pon]to de vista. E, como se esque[cem] disso, acham que temos a obri[ga]ção de auxilial-os, de fazer[mos] propaganda delles, como si [...] serviço não valesse nada.

No capitulo feminino, o cas[o é] ainda mais curioso. Vaidosas [...] mulheres, depois que as eleva[mos] ás estrellas, voltam-nos o r[osto] na Avenida, como si o obse[quio] que lhes fizemos nos tornasse [cre]dor da sua descortezia....

E o que é mais interessan[te é] que as homenagens prestad[as a] nós — um cartão, um telegram[ma,] um convite para uma festa [em] sua casa, a lembrança de um [li]vro, etc. — partem sempre [das] leitoras ou dos leitores que n[unca] nos pediram um favor.

E' edificante! O que vale é [que] todos se dizem nossos bons [ami]gos.... Ainda podia ser peor!

ESTUDANTE (Capital) — M[eu] caro, prosiga nos seus estudos, [...] é que se considera um estud[ante.] Deixe as letras áquelles que [ne]cessitam dellas ou que as fa[zem] porque têm em si o fogo sagra[do] da arte.

Isso de se atirar á literatura por simples passatempo, é c[ousa] que não se faz digna da no[ssa] sympathia. Nem pode merecer [os] nossos applausos. Applausos [a] quem faz da arte um sacerdo[cio.]

De resto, o sr. ainda [não] aprendeu a empregar os prono[mes.] Adepto da escola do você [...] embrulha o pronome você com [...]

numa demonstração penosa de pobreza de espirito e de... grammatica.

Exemplo:

.. ..

Depois que você passou, o meu jardim ficou no abandono e na melancolia. Ainda hoje, na tarde serena, as flôres parecem dormir...

E você seguiu, distrahida, o seu destino pelas estradas adormecidas.

Envolvendo-a, foi o perfume de meu soffrimento humilde.

E eu sempre desejei que você fosse feliz, peregrina.

E ainda, e sempre, assim desejo.

Sinceramente.

Commovidamente.

Mas, si a vida lhe fôr triste e amarga. Si você ficar, de repente, com a alma vasia e entediado deante da vida.

Si todos os caminhos, todos lhe parecerem inuteis e infelizes.

Põe no passado seus olhos melancholicos. E vem, em uma tarde assim... Vem devagar pelas estradas tranquillas... Vem, exquisita e triste, para o meu extase...

Francamente: não acha o sr. que era mais prudente ter estudado a sua grammaticazinha, a perpretar babozeiras a que dá o nome de poema?

PRINCIPE D'EU (Parahyba) — O sr. não tem um nome mais literario? E menos provinciano?

O sr. não é habil. Fazendo uns versos bem acceitaveis, compromette a sympathia que nos inspira com o seu nome mutilado e aquella indicação de que se filia a um gremio estadual de nenhuma projecção literaria.

Mais ainda: em logar de consultar o espirito da nossa revista — mundana por excellencia, — envia-me uns poemas decalcados na poetica de Augusto dos Anjos, que é admiravel, mas que só pode ser mediocremente *pastichada*.

Não, meu caro. O sr. me pode descompôr, — depois do panegyrico que me traça — mas não terá o meu beneplácito nesse caso dos versos de fundo scientifico e philosophico, destinados ao *Fon-Fon*. Mande-nos coisa leve, radiosa, alegre, fagulhante e futil mesmo, pois o nosso semanario não é anthologia de poetas gongoricos e pedregosos. E não se esqueça de arranjar um nome mais literario. Pelo menos mais completo do que o seu.

Si o sr. fosse Einstein, Goethe, Shakespeare, Wagner, b a s t a v a utilizar-se do seu prenome. Mas como o sr. é apenas um membro do Gremio Literario Augusto dos Anjos...

Graphologicamente, o sr. é de

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

uma mediocridade atordoante. Mediocridade mugidora, berrante, estridente!

WOODFINE (?) — Não posso attender o seu pedido de graphologia. Argumento deste modo: si a minha sciencia é coisa tão preciosa que interessa a tanta gente, é justo que eu não trabalhe para o bispo — e que seja remunerado. Mas o diabo é que, a essa voz, os leitores começam a achar que a graphologia nada vale...

Foi por isso que Anatole France escreveu que só a Ironia e a Piedade é que nos ensinam a ver os homens e as coisas sem odios nem azedumes...

CHÉRIE (Capital) — Mais non! Vous avez tort. Vous n'êtes pas juste, ma "Chérie". Je ne suis pas méchant ni sceptique.

Si deixei a sua carta anterior sem resposta, foi porque ella exigia uma resposta confidencial, e esta não lhe podia ser dada por uma secção publica.

Ainda agora acontece a mesma coisa. "A bon entendeur"...

Quanto ao ultimo periodo da sua missiva de hoje, devo esclarecer o seguinte: Acho que a eleição

---

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

GRAPHOLOGIA — condições *indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" *deve ser dirigida a* Yves, *nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.*

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 12-7-930

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

---

do sr. Guilherme foi um pr... do seu merito de verdadeiro... Na minha opinião — é ... sob certo aspecto, elle é o ... do Brasil. Como Hermes F... tambem é o maior — olhado ... outro aspecto. Eu me expli... tudo uma questão de obse... e de analyse, feita por um ... comparativista. Exemplo: si ... pessoa é vista em frente ... no nascente, a sombra dessa ... soa é maior do que se fosse ... jectada em qualquer outra ... ção dos quatro pontos card... vista de frente para o occ... sombra seria maior noutro ... tido. Assim são os dois po... Um é maior do que outro, ... de que seja observado de ... diverso — sob o ponto de vista ... arte de cada um.

Voltando á Academia, creio ... a "Illustre Companhia" se ... enriquecendo de valores que ... ella devem ser destinados ... to ao mais, devo dizer que ... conheço o poeta de *Dansa* ... *ras*, senão de nome e photog... camente.

DÊAGÊ (?) — Ah, srs. ... Como sois crueis! Não tendes ... dade de quem é obrigado ... lêr! E' atroz! Por que não ... trabalho, o tempo que se ... ha tambem a considerar o ... canto, a decepção, a mel... o estado de estupidez em ... fica — após a leitura de ... boseira desta ordem:

SONHO...

ILLUSÃO...

CHIMERA...

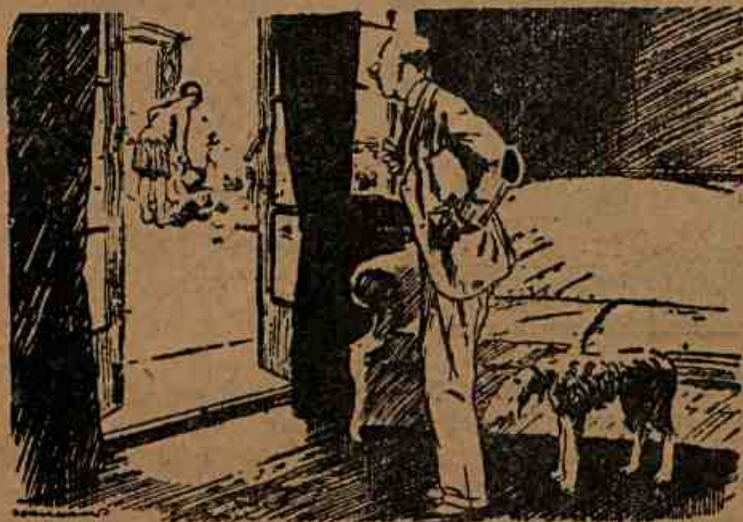
Para ...

... E eu devaneava...
Em ti pensava
E n'um ranchinho
Cheio de amor...
Um jardimzinho
Cheio de flor,
Uma varanda,
Um passaro cantando
Levando a santa união
E o meu coração
Batendo apressadamente
Por ti ver assim contente.
Com o rosto junto ao meu ...
E ouvia com segurança
Uma vóz meiga de creança
Que dizia mesmo assim:
— Como isto é bonitinho! ...
Mamãe e papae, tão juntinhos ...

Basta! Basta! O leitor ... sabendo agora que não sou ... to. Ao contrario, tenho ra... lamentar-me e de fugir do ... d'agua doce...

CHRISTOF P. (?) — ... paciencia: não posso fazer ... tudo de sua letra. A minha ... phologia é remunerada.

ESPIRITO ALHEIO

A patrôa: — Não me recordo de ter dado ordem para que o electricista viesse compôr o apparelho de radio.
O mordomo: — Veio por ordem da cozinheira, patrôa.

A esposa (do jardim). — Vem, querido!
O marido. — A quem estás chamando, ao cachorro ou a mim?

O 1.º ladrão: — Mas, que fizeste, pedaço de idiota?
O 2.º ladrão: — Quasi nada, apenas confundi a campainha de alarme com o botão de luz electrica...

Não se prive do prazer que proporcionam os

DISCOS VICTOR ORTHOPHONICOS

QUALQUER que seja sua musica predilecta, V. S. a encontrará no catalogo Victor.

Lembre-se que qualquer que seja a classe de musica, desde as symphonias mais sublimes até as peças de "jazz" mais populares, somente os melhores artistas e orchestras gravam EXCLUSIVAMENTE em Discos Victor e sómente a Victor usa o systema de gravação *orthophonica* — unico pelo seu realismo absoluto. As imitações não satisfazem.

Possue V. S. os ultimos discos de dança? As canções themas das grandes fitas cinematographicas? As operas favoritas e os grandiosos poemas symphonicos gravados recentemente pela Victor? Visite hoje o estabelecimento de qualquer commerciante Victor desta localidade e deleite-se ouvindo um concerto de sua escolha.

DISTRIBUIDORES GERAES:
PAUL J. CHRISTOPH COMPANY
Ouvidor, 98 — Rio. — S. Bento, 35 — S. Paulo.

Á venda em todas as bôas casas do ramo

Os mortos não contam

De Arthur Schnitzler

EMMA não podia esperar mais dentro do carro. Desceu e começou a passear para cima e para baixo. Já estava bastante escuro; as poucas lampadas da rua daquelle logar quieto e deserto oscillavam fracamente ao vento. Tinha parado de chover. As calçadas estavam quasi seccas, mas as estradas sem calçamento estavam ainda molhadas, e algumas poças se formavam aqui e ali. Era curioso, pensava Franz, que ali, somente a algumas centenas de metros do Prater, se pudesse parecer transportado a uma remota cidade hungara — o que era perfeitamente seguro, de certo. Ella não se encontraria com relações perigosas naquelle quarteirão.

Olhou o relogio. Sete horas — e já escuro como noite fechada. O outomno tinha chegado cedo este anno — com suas malditas tempestades. Deu uma volta na corrente do relogio e recomeçou as passadas mais depressa. "Meia hora mais", disse a si mesmo, "e eu poderei ir. Ah! quasi que eu queria poder ir agora". Estava de pé na esquina, de onde podia ver a rua por onde ella havia de vir.
Sim, hoje ella havia de vir, pensava, emquanto segurava o chapéo, que o vento começava a arrebatar. Era sexta-feira. A junta dos professores tinha reunião naquelle dia. Assim elle podia sahir e ficar á vontade. Ouviu as campainhas dos bondes e o relogio da egreja proxima começar a bater. A rua tornava-se menos deserta e passava mais gente por elle; eram, na maioria, parecia-lhe, de lojas que fechavam ás sete. Todos passavam rapidos e empenhavam-se numa especie de duello com a tempestade, que difficultava a marcha. Ninguem o observava, excepto uma vez ou outra uma ou outra caixeirinha olhara-o com curiosidade. Viu, de repente, um vulto familiar aproximar-se. Apressou-se para a encontrar. "Nem um carro", pensou. "Será ella?"

Era ella, que estugou o passo ao vel-o.

"A pé?", perguntou elle.

"Despedi o carro no theatro S. Carlos. Pareceu-me ser o mesmo cocheiro que me trouxe da ultima vez.

Um cavalheiro passou por elles e lançou-lhes um olhar curioso. O rapaz fixou-o severo, quasi ameaçador, e o cavalheiro sumiu-se. Ella olhou-o.

"Quem era?"

"Não sei. Mas é bom que não encontremos ninguem, por isso fique quieta. Agora vamos para o carro, sem mais demora."

"Este é o seu carro?"

"E'."

"Está aberto?"

"Ha uma hora elle estava muito direito."

Aproximaram-se e entraram logo.

"Cocheiro!", chamou o rapaz.

"Onde anda elle?", perguntou ella.

Franz olhou em torno. "E' incrivel!", exclamou. "Este sujeito não está em parte alguma."

"Que boa graça!", disse ella, suavemente.

"Espera um momento, querida. Elle não pode estar longe."

Franz abriu a porta duma taverna; o cocheiro estava lá com varios outros. Poz-se logo de pé.

"Já vou, já, senhor", disse. E, pondo-se de pé, acabou o copo de vinho.

"Em que jogo anda você pensando?"

"Desculpe, senhor. Estarei lá num minuto."

Avançou, vacillando um pouco, para as cabeças dos cavallos.

"Para onde quer que siga, senhor?"

"Prater — Jardim de Verão", foi a resposta.

O rapaz subiu. A moça estava escondida, quasi encolhida num canto, debaixo da capota.

Franz tomou-lhe as mãos. Ella não se moveu. "Você não me dirá afinal "Como vaes tu?"", perguntou.

"Por favor. Deixe-me só, um momento. Estou ainda offegante", pediu ella.

Elle afundou no seu canto. Ambos ficaram em silencio algum tempo. O carro tinha transposto a esquina do Prater, contornara o monumento Tegethoff e, em poucos segundos, deslisava pela avenida escura e sombria. Emma lançou de repente os braços em torno do amante. Elle ergueu de leve o véo que o separava dos labios [...] beijou-a.

"Pensar que estou comtigo [...] nal", disse ella.

"Lembras-te desde quando nos vemos?"

"Desde domingo."

"E', e foi somente á distancia [...]"

"Que queres dizer com isso? [...] tavas em nossa casa."

"Sim, é verdade, mas isso [...] se repetirá. Não voltarei mais [...]"

"Que foi?"

"Um carro passou agora [...] nós!"

"Queridinha, a gente que [...] hoje no Prater não se [...] comnosco."

"Sei; mas é que alguem [...] olhar."

"Ninguem nos pode reconhecer."

"Não faz mal. Preferia outro [...] minho."

"Como queiras."

Chamou o cocheiro, que [...] recia ouvir. Então avançou [...] cou-o no cotovello. O cocheiro [...] tou-se.

"Vamos voltar. E por que [...] você chicoteia assim os [...] Não ha pressa. Desça a [...] que dá na Reichsbrucke."

"Quer dizer dizer a Reichs[...] sef?"

"Sim, mas nada de galope [...] ha razão para isso."

"Desculpe, senhor, mas [...] pestade assusta tanto os [...]"

Franz sentou-se outra vez.

O cocheiro fez com que os [...] los voltassem a cabeça, e [...] trocederam.

"Por que foi que não te [...] tem?" — perguntou ella.

"Como podia eu?"

"Pensei que tivesses sido [...] dado para a casa de minha [...]"

"Ah! e fui mesmo."

"E por que não foste?"

"Porque é intoleravel ver-[...] tre os outros. Eu não o farei [...]"

Ella deu de hombros.

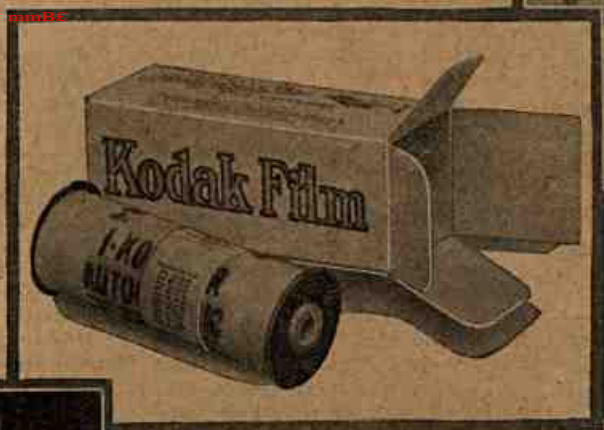
"Onde estamos?" — perguntou [...] pouco depois.

Passavam debaixo da ponte [...] estrada de ferro, na Nova [...]

"Isto vae dar no Danubio", [...] se Franz.

"Estamos a caminho do [...] brucke.. Não conhecemos [...]"

Boa camara, bom film

Combinação ideal e indispensavel para se obter boas photographias

V. S. tem uma Kodak e sabe, por isso, que possúe a melhor camara do mundo. V. S. tem toda a razão tambem de se orgulhar da sua habilidade de photographo. Para que prejudicar essas vantagens fazendo uso de film inferior?

Se V. S. poudésse ver o cuidado e escrupulo com que, na nossa fabrica, preparamos o Film Kodak, facil lhe seria comprehender porque a phrase "o film na caixa amarella é de segurança" veio a tornar-se um axioma universal.

Velocidade, "latitude" e uniformidade são os tres caracteristicos que distinguem o Film Kodak dos demais. *Velocidade* refere-se á rapidez com que este film reage á acção da luz, "*latitude*" a sua margem de sensibilidade que neutraliza os pequenos erros da exposição e *uniformidade*, a constante e absoluta igualdade que mantemos em todos os caracteristicos que fizeram do Film Kodak o de maior segurança e precisão que existe.

Só Eastman fabrica Film Kodak

Film Kodak

Kodak Brasileira, Ltd., Rua São Pedro 268, Rio de Janeiro

guem", acrescentou, as brincadeira.

"O carro está pulando horrivelmente."

"E'. Estamos na calçada outra vez."

"Por que é que elle guia assim em ziguezagues?"

"Elle está guiando assim?".

Mas isso já lhe tinha chamado a attenção tambem, o facto do carro estar jogando com violencia desnecessaria. Entretanto, não commentara, para não a assustar mais.

"Tenho muito que te dizer hoje, Emma. Preciso falar-te muito a serio."

"Podes começar, então. Devem ser nove horas."

"Duas palavras podem decidir tudo."

"Meu Deus! Que será?", gritou ella.

O carro tinha alcançado a linha do bonde e, como o cocheiro tentasse desvial-o, ameaçou virar. Franz puxou a capa do cocheiro.

"Attenção! Você está bebado!", bramiu.

O cocheiro parou com difficuldade.

"Mas, senhor....."

"Vem, Emma. Vamos descer."

"Onde estamos?"

"Na ponte. A tempestade passou. Vamos passear um pouco. E' impossivel falar direito no carro."

Emma baixou o véo e seguiu.

"Não te parece que esta tempestade é bastante forte?" — exclamou ella, porque uma rajada de vento lhe apanhasse as saias.

Elle tomou-lhe o braço e ordenou ao cocheiro que seguisse devagar atraz delles.

Começaram a andar. E como vagarosamente fossem subindo para a ponte, não falavam, e quando ouviam a agua murmurando em baixo paravam um pouco para escutar. Cercava-os uma escuridão intensa. O rio, largo, corria, cinzento e sujo em seus contornos; viam na distancia o reflexo de luzes vermelhas; trens com janellas illuminadas corriam entre os arcos de ferro, como que nascidos na noite, e desappareciam subitamente logo que se aproximavam. O trovão diminuira aos poucos, mas resistia ainda. Só o vento vinha em tuffões cortantes. Depois dum longo silencio, Franz disse:

"Isto deve acabar. Precisamos ir."

"Naturalmente" — replicou Emma, suave.

"Quero dizer que precisamos ir juntos."

"Isso eu nunca faria."

E' porque somos covardes, Emma; é somente por isso."

"E meu filho?"

"Estou certo de que elle te entregaria o menino."

"E nós iriamos assim?" — perguntou ella, em voz baixa. "Iriamos assim, protegidos pela noite e pelo nevoeiro?"

OS MORTOS NÃO CONTAM

(Continuação)

"De certo que não. Tudo o que tens a fazer é dizer-lhe francamente que não podes viver mais tempo com elle, porque pertences a um outro."

"Perdeste a noção das coisas, Franz?"

"Ou, si quizeres, eu te pouparei esse transe e falarei eu mesmo com elle."

"Não has de fazer nada disso, Franz."

Elle procurou ler-lhe a face, mas na escuridão só poude notar que ella tinha erguido o rosto e voltado para elle.

Ficou um instante em silencio. Depois disse calmamente:

"Não te preoccupes. Eu não o farei."

Estavam perto da outra margem.

"Estás ouvindo? Que barulho... Que será?"

"Vem dali" — respondeu elle.

Pouco a pouco, o rumor se chegava, surdo; uma luzinha vermelha brilhou em direcção a elles; logo puderam ver que ella provinha duma pequena lampada segura ás rodas da frente de um vagão, mas não podiam ver si o vagão estava cheio, si havia gente nelle. Immediatamente atraz vieram mais dois vagões. No ultimo puderam ver um homem que accendia um cachimbo. Os vagões passaram. Nada mais ouviram então, senão o attrito das rodas em movimento, até a distancia duns trinta passos. Agora a ponte se inclinava ligeiramente para a outra margem. Viram a estrada mergulhando na treva, ladeada de arvores. E á direita e á esquerda delles jaziam campos perdidos em sombras negras. Era como olhar para profundezas abysmaes.

Depois dum longo silencio, Franz disse ás subitas:

"Então, é a ultima vez."

"Que?" — perguntou Emma, num tom distrahido.

"A ultima em que estamos juntos. Fica com elle. Eu te direi adeus."

"Falas a serio?"

"Muito a serio."

"Espero que vejas que és tu mesmo, e não eu, quem está estragando as poucas horas que temos em companhia um do outro."

"Sim, sim, é verdade" — disse Franz. "Vem, vamos voltar."

Ella apertou mais o braço delle.

"Não" — disse ella, com ternura, "não quero assim. Não quero ser abandonada tão sem cerimonia."

Puxou-lhe a cabeça para si e deu-lhe um longo beijo.

"Onde chegaremos, perguntou, si formos daqui directamente?"

"Directamente, a Praga, amor."

"Bem, não vamos assim tão pressa, disse ella rindo, mas pouco mais tarde, si quizeres."

E apontou para a escuridão fronte.

"Alô, cocheiro!" — cha Franz.

O cocheiro, apparentemente ouviu, e Franz berrou:

"Pare lá! Então não pode?"

O carro continuava, e Franz reu atraz. Descobriu que o coc tinha adormecido. Franz acord gritando e reprehendendo-o vi lentamente:

"Nós vamos um pouco mais ge, pela estrada real. Está vindo?"

"Muito bem, patrão. Como mandar."

Emma entrou, Franz seguiu cocheiro estalou o chicote; os vallos dispararam furiosamente estrada. Mas os dois, dentro do ro, agarraram-se um ao outro, quanto o vehiculo jogava e cudia-os de um lado para outro.

"Isto não é lá muito bom", murmurou Emma, junto á de Franz.

No mesmo momento pareceu que o carro pulara de repente os ares. Sentiu-se arremessada a frente e tentou agarrar-se a quer coisa, mas segurou apenas ar; parecia que tudo rodava torno, numa rapidez louca, gando-a a fechar os olhos. Depois sentiu-se no chão, reinando vasto e oppressivo silencio, uma grande distancia do em plena solidão. E ouviu uma ção de sons confusos. Barulho patas de cavallos a bater no junto aos ouvidos, uma forr lamuria; mas não podia ver Foi então sacudida por uma vel sensação de medo, e gritou, ansiedade crescia a cada mom to, porque ella não podia ouvir proprios gritos. Subitamente apercebeu do que acontecera, carro tinha batido contra alg coisa, provavelmente um marco pedra, e tinha virado. "Onde elle?" foi a sua primeira perg Chamou-o e ouviu o proprio mado, ainda que os seus gritos recessem abafados. Nenhuma posta. Procurou levantar-se, quando muito, conseguiu sentar

Como se puzesse ás apalpadel sentiu um corpo deitado perto la, e então seus olhos começar a penetrar na escuridão. Era Fr estendido ali junto, completam immovel. Passou a mão espalm sobre seu rosto e sentiu alg coisa de humido e quente. Sen palpitações. Sangue? Que tin acontecido? Franz estava ferid inconsciente. E o cocheiro? On

(Continúa no proximo num

R.H.
Leandro
Martins e Cia
Decorações - Moveis
Architectura
rua do Ouvidor 93-95
Rio.

A elegancia do lar

DE SELENE

✻

Por que razão, antigamente, só os ricos podiam ter interiores elegantes?

Por que razão a elegancia era um "luxo"?

Ahi está uma questão que não é difficil de responder.

E' que só as casas ricas podiam dispôr das pesadas cortinas, dos reposteiros de velludo de seda, dos vistosos *gobelins*, dos moveis de *tapisserie* carissima, dos almofadões de seda bordados a ouro e prata ou pintados a oleo, etc.

Ainda não existia a seda vegetal de que hoje se póde fazer tudo quanto se faz com o precioso fio de "bombix". Além disso, quem pensaria em usar tecidos de algodão e de linho para os adornos da casa, para as cortinas, as sanefas, ou para a confecção de divans e cadeiras almofadas?

Sujeitos a receberem a luz do sol, depressa fanavam-se as suas côres e tomavam o aspecto de coisa velha.

As cortinas, ainda quando lisas, de uma só côr ficariam differentes umas das outras, conforme recebessem mais ou menos luz; o mesmo se daria com os moveis estofados.

Além disso, tendo de ser periodicamente lavadas por causa da poeira, ao fim de pouco tempo, era uma vez o brilho do seu colorido, a nitidez dos seus caprichosos desenhos.

A Chimica moderna resolveu esse problema da elegancia dos interiores, elegancia sobria e sem luxo accessivel a todos, com a descoberta das anilinas de côres fixas.

Graças a ellas, podemos ter, hoje, os mais bellos tecidos para fins de ornamentação domestica, com os mais artisticos desenhos, a mais interessante padronagem e em *todas as côres* que os desejarmos: não ha mais côres sujeitas a desbotarem por effeito da luz ou da lavagem.

A questão é que a fabrica que teceu a fazenda tenha empregado, ao tingil-a, corantes fixos, á prova de sol e chuva.

Tudo uma senhora póde confeccionar com tecidos lisos ou estampados, de algodão, linho e seda vegetal, para a sua propria *toilette* ou para ornamentação do seu lar; não se esqueça, porém, de exigir fazendas de côres firmes. Se o não fizer, espera-a uma triste decepção; todo o seu trabalho, todo o seu apurado bom gosto serão perdidos; um pouco mais de sol, uma lavagem mais demorada com agua e sabão transformam o mais bello tecido — se a côr não é fixa — num trapo velho, insupportavel á vista.

"Foot-ball" e Patriotismo

(Astaroth)

O "foot-ball" é, hoje em dia, a idéa fixa de tres quartos da população do Brasil. Quando elle appareceu aqui, ninguem poderia pensar que tal sport deixaria na sombra todos os demais sports e chegaria a popularidade igual á do resistente "jogo do bicho".

O sabbado, o domingo e a segunda-feira são dias em que o predominio do "foot-ball" sobre tudo o mais é patente, absoluto, innegavel.

Nas ruas, nos vehiculos, nos cafés, nas repartições publicas, nas casas commerciaes, nos recessos dos lares, nas praias, nos palacios e nas casas de commodos, em toda a parte só se ouve falar em "foot-ball".

Nenhum sport conseguiria fazer o que o "foot-ball" fez: apparecerem jornaes exclusivamente sportivos, capazes de viver; crearem-se secções sportivas desenvolvidissimas nos jornaes diarios e construirem-se no Brasil os estadios que hoje possuimos.

Esse sport, cuja origem diversos paizes disputam, é uma modificação do "foot-ball rugby" ainda muito usado na Europa.

Considerando-se que o "rugby" é um sport por demais violento, foram creadas as leis do "football" chamado "association", que afinal dominou o Brasil.

Assim, o "association" é um "foot-ball" de salão, uma especie de *perfumaria* deante do violento "rugby".

Esses sports, creados em paizes frios, para gente fria, não são (e nós estamos vendo) lá muito faceis de acclimação aqui, debaixo dos tropicos.

Imaginemos o que seria o jogo do "rugby" aqui, quando o "foot-ball", o simples "association", obriga a policia a comparecer aos pelotões nos campos, para evitar as desordens motivadas pelos excessos da *torcida!*

Quem já assistiu a uma partida de "rugby" poderá fazer a idéa do que seria elle, implantado aqui.

O delicado "foot-ball" que aqui se joga tem servido de pedra de toque para estudar-se a indole, as paixões, os excessos, a educação, o ardor, o enthusiasmo, as attitudes e até o patriotismo e cavalheirismo de um povo.

Esse jogo tem fornecido dados para o estudo da psychologia da nossa gente.

A indole de um povo é amplamente estudada no decorrer das guerras, porque nada haverá capaz de melhor mostrar a alma de um povo sinão as guerras, que obrigam os homens a se mostrarem tal qual são.

Conta-se (para fazer-se differença entre as indoles de tres povos), os seguintes episodios de guerra:

Frederico da Prussia, uma vez, rondando pessoalmente os postos avançados do seu exercito, encontrou uma das sentinellas dormindo.

Consoante as leis de disciplina, o imperador tirou da espada e matou o soldado que dormira no posto avançado.

Napoleão I, fazendo a mesma inspecção, nas vesperas da batalha de Friedland, encontrou a sentinella dormindo, tendo o fusil encostado a uma pedra.

O imperador dos francezes empunhou o fusil, pol-o no hombro e fez o serviço do soldado que dormira dominado pelo cansaço.

No cerco do Porto, D. Pedro I encontrou o soldado dormindo no posto de honra; indignado, acordou-o a pontapés e debaixo de descompostura.

Ahi está a indole severa, disciplinada do allemão, a bondade e altruismo do francez e a simplicidade de ultra lusitana do portuguez.

Ora, acontece que no nosso Brasil as guerras são contadas pelos dedos, de maneira a não se poder fazer idéa da indole de um povo que teve a sua ultima guerra ha 60 annos e que dentro desse tempo evoluiu, se transformou, se metamorphoseou.

O "foot-ball" tem servido para que se faça uma pequena idéa da nossa indole.

Elle nos mostra como somos ainda: mal educados, brigalhões, bairristas, apaixonados, interesseiros e até (valha-nos Deus!), impatrioticos.

Dirão:

— O "foot-ball" não pode, por si só, envergonhar um povo.

E' o que parece, á primeira vista. Pensando assim é que damos ao mundo a prova da desunião, d
ta de patriotismo que reina
aqui, achando que o estra
tem os olhos fechados e os o
obturados.

Na ultima questão dos "foot-ballers" paulistas negados pa
competição mundial de "foot
é preciso que fique bem esc
da a interferencia que tiveram
la elementos estrangeiros que
minam a entidade maxima
"foot-ball" paulista.

Não foi S. Paulo que negou
contingente de jogadores;
ram os paulistas que se ne
a collaborar na represen
Brasil no proximo certamen

Foram elementos estrangeiros
talvez ainda mal acclimata
o Cruzeiro do Sul e indevida
investidos da autoridade su
do grande Estado, que, não
do ter pela nossa terra o amor
lhe têm os natos brasileiros
hibem que os moços paulistas
fendam as cores da sua ban
deante dos "teams" de patr
outros paizes amigos.

Infelizmente, nisso tudo
pouco de culpa a S. Paulo.

Dentro do Estado "leader
Brasil, existem homens capa
conduzir, com acerto, criterio
triotismo, o sport paulista.

Entregar a direcção supre
sport a quatro homens, dos
a maioria é estrangeira, é um
um erro grave.

A lição ahi está; S. Paulo
tirar della o melhor provei

Não queremos dizer que
mento estrangeiro, no nosso
seja prejudicial; dizer isso
uma tolice, provado como está
em clubs onde predominam
elementos estrangeiros, o
mandões de S. Paulo teve
formal.

Quando, porém, o sport
vir para que um povo leve
paiz estranho as cores da
deira, elle deixa de ser o
sport, para tomar sobre os
a carga pesada de uma respo
lidade grande, o nome de

E assim sendo, é preciso
videntemente (sem o menor
bre de xenophobia, mas com
patriotismo), afastemos dos
postos do sport os estrangeiros
ainda não tenham dado pro
sophismaveis de amor pela terra
os hospeda e que possam,
erradamente, collaborar con

A lição ahi está.

Inferno cheiroso

Seria cheiroso o inferno
Sem manchas seria o sól,
Se uzassem, verão e inverno,
O sabonete Eucalol.

Estas marcas significam a maior garantia da fixidez das côres

nos tecidos de algodão, linho, seda e seda vegetal!

Exija sempre tecidos com estas marcas.

O MÁGICO PRODIGIOSO

A ansia de viver e a ansia de saber são eternas no homem, e o acompanham desde o berço ao tumulo. Todos nos detemos *nel mezzo del cammim di nostra vita* como estatuas dantescas, para inquirir o porque de nossa existencia, lançando intenso olhar ao passado, e perscrutador olhar ao futuro, nunca satisfeitos do nosso presente. E todos dizem o mesmo, reflectindo bem diversamente:

— Si eu houvesse dedicado a vida ao amor!... — suspira Fausto, ao declinar o sol de sua existencia em sua alma.

— Si eu houvesse dedicado a vida á sciencia!... — geme Don Juan.

E o aborrecimento consome a velhice do sabi[o] e libertino, quando já não é possivel rectificar a vi[da].

Fausto, o mágico prodigioso, que passou a ju[ven]tude e a edade madura entre seus livros e seus [...] sóes, ao chegar á senectude, se apercebe de que [não] vivera toda a vida, e exclama:

— Nem amei, nem fui amado! Para que quero [mi]nha sciencia?

E assim como Descartes affirmava: "Penso, [logo] existo", e Cleopatra, ao applicar, sorrindo, o [...] venenoso a seu seio eburneo: "Amei, logo vivi!" [...] Fausto, o velho bruxo, contemplando as apagad[as bra]zas que sustentavam o crisol em cujo fundo não [bri]lhava o cubiçado botão da pedra philosophal, mas [...] um punhado de informe escoria, gemia dolorosamente:

— Não amei, logo não vivi!

"Não é grande prudencia amar" — como di[z ro]manticamente, o pensador. Mas não é menor [impru]dencia desdenhar o amor, quando o amor não [pode] nem deve ser desdenhado.

Todos os grandes genios, como os homens [humil]des e desconhecidos, renderam culto á vida, reparti[ndo-a] entre o trabalho e o amor. Fausto quiz aprender [...] nos livros, e conheceu só a metade da vida. [...] cheio de sciencia, procurou tardiamente a paixão [...] diabo offereceu-lhe, em troca de sua alma, uma [...] ventude apta para o amor. Mas, depois de ter [...] a gentil Margarida, comprehende que a sciencia [...] vida consiste em vivel-a toda a um tempo, e, [...] gresso da Grecia immortal, procura imprimir, [...] vez em seu laboratorio, o sublime mysterio dos [...] phosphoricos que brilham ainda no fundo do [...] de um homem que viveu toda a vida, e cujo olhar [...] dacioso rendeu á mulher, cuja palavra encanta [...] as multidões que povoam o planeta e cujo pensa[mento] soberano conheceu todas as bellezas e desditas do [...]

Fausto, a sublime concepção goethiana, atrave[ssa] o tempo e o espaço nas azas da fantasia do poeta [...] creador, procura e encontra, no ossuario da eter[ni]dade, o craneo privilegiado de Miguel Cervantes [...] mergulhando a luz de seus olhos nas portentosas [ca]vernas cervantinas, que contiveram o cerebro [que] ainda illumina o mundo, lhe pergunta:

— Que é a vida, genio immortal?

E responde o pensamento immarcessivel do genio:

— A vida é uma ansia eterna de amor ideal e [de] saber! Não to havia dito ainda, meu cavalleiro [an]dante?

B. M. SAN MARTIN

TOSSE
BROM

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 28

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 12 de Julho de 1930

SABER ENVELHECER

DESDE os mais remotos tempos, os homens buscam, infatigavelmente, meios de escapar á velhice. O amor proprio, o orgulho os guia nesse labor sem tréguas. Raros admittem a velhice como verdadeira redempção de vários males e de muitas dores da juventude, sobretudo das infindáveis e terriveis penas de amor. A grande maioria esquece as leis naturaes, o declinio de tudo — o insecto morto após a fecundação, o valor passageiro de todo reproductor — e agarra-se com unhas e dentes ás esperanças vãs da renovação dum periodo de vida definitivamente encerrado pela mão impiedosa do tempo.

Saber envelhecer é uma virtude maravilhosa. Chaque age a ses plaisirs — diz o brocardo francez. Os da velhice são tão diversos dos da mocidade e, talvez, relativamente melhores. Si se apagou o fogo sagrado das paixões, nasceu a serenidade do julgamento e brotou mais viva a fonte da bondade. Quando a gente passa da idade do Dante e, além do meio do caminho, póde, da cumiada do monte da vida, contemplar a encosta que subiu e a ladeira que vai rapidamente descer, deve preparar-se para saber ser velho.

Nada peor do que o ridiculo. Não cobriria elle o moço que se envelhecesse, affectando ademanes e sentimentos de homem idoso, em logar de rir, de divertir-se e amar como requer a sua idade gloriosa e ardente? Assim, o ridiculo cobre o velho taful e bilontra, que pensa esconder os annos com estudada elegancia e pretende ainda vencer em torneios dos quaes foi afastado pela foice impiedosa do tempo.

Mas o homem não escuta os sábios conselhos da sua propria mente. Afasta-os como môscas importunas que zumbissem. Escorraça-os e tenta sempre arranjar artificialmente o que a natureza muito justamente lhe nega. Muito justamente, sim, porque todos têm o dom da mocidade e si pelo dinheiro ou outros meios conseguissem alguns tel-o duas vezes, seria odiosa excepção e uma das mais horrendas injustiças feitas á humanidade neste valle de dôres, sinão a mais horrenda.

Saber envelhecer não é somente uma sciencia: é um dom dos deuses!

JOÃO DO NORTE

Uma reunião elegantissima foi o chá-dançante que o embaixador italiano e sua exma. esposa offereceram á sociedade carioca, na séde da embaixada do seu paiz, por motivo da sua partida para Moscou, para onde acaba de ser transferido. A essa reunião compareceram, além da altas autoridades, as figuras mais expressivas do mundanismo carioca.

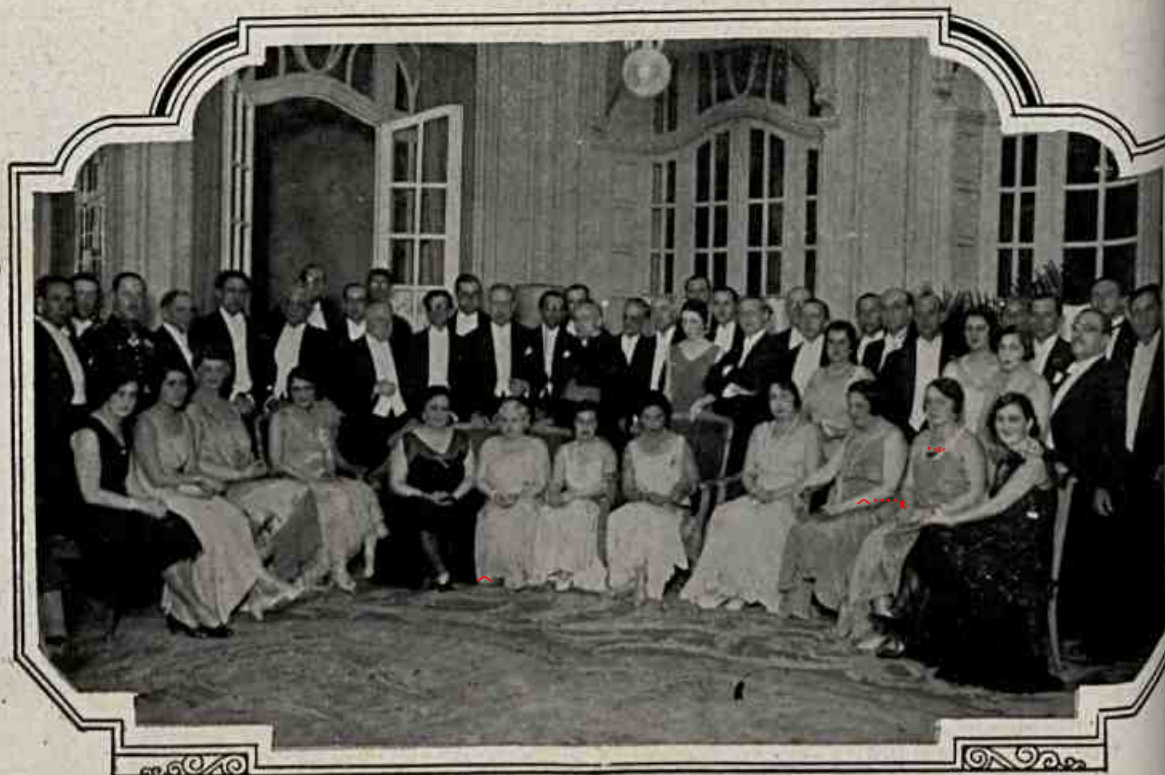
Divina Bravura

Maura de Senna Pereira

—

(Especial para FON-FON)

— E que lhes hei de dizer, de cantar, de exprimir, a elles, a quem a vida agraciou desde o berço, dando-lhes o ouro, o prestigio, o conforto, eu, a quem a vida tudo negou, menos o sonho divino da belleza? Fala, meu amigo, dize-me o teu conselho illuminado, todas as palavras boas do teu grande cora-ção. Fala, meu luminoso amigo...

— Que lhes has de cantar, que tens na alma cantos em apotheose, desafios e tropheos? Tu, que fizeste da tua bocca a amphora sanguinea da fé? Tu, que fizeste das tuas mãos as amphoras

Nos salões do Hotel Gloria realizou-se o lauto banquete que as delegações ao Congresso de Architectos offereceram á Mesa do referido Congresso e ás altas autoridades do paiz. Esse agape, que teve uma grande significação de cordialidade, decorreu num ambiente de effusão e alegria

ca do milagre? Oh! não chores!

"Eu bem sei que a vida não só tem sido, para ti, deusa avara, mas, tambem, madrasta barbara. Eu

Teve um fino cunho de elegancia e um largo espirito de cordialidade o baile que as delegações estrangeiras que tomaram parte no Quarto Congresso Pan-Americano de Architectos offereceram á nossa alta sociedade, nos salões do Hotel Gloria. As gravuras desta pagina focalizam aspectos bem expressivos dessa noite de encanto e de caracter internacional.

bem sei que só tens a riqueza de ti mesma, a graça e o espirito. Por isso serás duplamente vencedora. E a tua victoria será alta e insolente

O novo minist[...] Hollanda junto [...] verno brasileiro, [...] B. Huhwecht, rece[...] mente chegado a [...] capital, apresentou [...] suas credenciaes [...] presidente da [...] blica em audiencia [...] pecial para esse [...] O dr. Washington [...] recebeu o diplo[...] hollandez no salão [...] honra do palacio [...] Cattete, estando [...] acompanhado do [...] ministro das Re[...] Exteriores, dr. Oc[...] M a n g a b e i r a, e [...] membros das casas [...] vil e militar da pr[...] dencia da Repu[...] Nas photographias [...] ta pagina appare[...] ministro J. B. [...] wecht com o presi[...] te Washington [...] no salão de honra [...] Cattete, e s. ex. [...] expressivo instanta[...] quando deixava aq[...] le palacio, após a [...] rimonia.

ermo um pinheiro, esplendida de tantas rosas, aggressiva de tantos trophéos...

"Canta, encho de evohés o teu calvário, semeia de luzes o teu caminho..."

— Mas eu te confesso a timidez revoltada que excitam em mim aquelles para quem o destino foi padrinho generoso e que me olham, por isso, só por isso, os meus afortunados irmãos no sonho divino da belleza, com um olhar de superioridade que me humilha e me faz sentir a esquisita vergonha de viver entre as paredes da afflicção anonyma. Eu te confesso...

— Não importa... Conserva a tua cabeça sempre erguida e os teus lábios gloriosos unge-os sempre de um orgulho saudavel. Não tremas deante de ninguém e baptiza-te com a vontade ardente da perfeição. Cicia e expande e grita todas as bellezas do teu espirito, porque ninguém duvidará do arco de triumpho sob o qual has de passar, mau grado as vergastadas e as sonegações com que o destino te tem magoado. Sê a abelha, a cigarra, a leôa desta divina bravura! Dentro da miséria, sorri... Sorri, dentro da penumbra... Para poderes chorar com o enternecimento de quem criou a sua victoria, gargalhando de todos os tropeços e de todas as condemnações á derrota, no dia em que tiveres cantado o teu canto perfeito, a grande imagem de ti mesma, tendo a tua fronte pallida beijada pela gloria e carregando nos teus hombros formosos o manto dos eleitos da immortalidade.

A LUMINOSA MULTIPLICAÇÃO...

A' hora em que as lampadas se apagam
e os corações se esmagam
contra si mesmos, no silencio insomne
da sua solidão,
e aquella ultima estrella, a cujo phone
tentamos entreouvir, e sempre em vão,
aos nossos mortos-vivos,
por esses tantos mundos redivivos,
os occultos motivos
irremediaveis da separação,
é um grão de areia que a onda leva,
pingo de luz que só é luz na treva,
diamante que só fulge incrustado ao carvão...
A' hora em que as lampadas se apagam
e os corações se esmagam,
eu me esqueci que tinha um coração...
Eu me esqueci que tinha no meu peito
cofre largado, sem utilidade,
esse moedão sem cunho, e já desfeito
á oxydação constante da saudade.
E, da nocturna paz deste meu leito,
á hora em que as lampadas se apagam
e os pensamentos bons mal se propagam
do ultimo pensamento que nos véla,
arremessei pela janella
a pobre moeda sem circulação:
... e o dia foi nascendo
e o horizonte ficou resplandecendo
e a paizagem se foi esclarecendo
e eu creio que me fui adormecendo,
sem ver esse estupendo
milagre, esse crescendo
da minha propria multiplicação!

HERMES FONTES

Faianças

Scepticismo

Antigamente, eu estava certo de que um homem sceptico ou era um ser desgraçado, ou um *poseur*, um fixador de attitudes literarias. Pensava que ser sceptico — quando não se era Anatole France ou Oscar Wilde — era revelar a força de uma descrença anniquiladora. Ou então, — fingir uma attitude insincera, num desejo de demolição e derrotismo.

Negar o amor.

Descrêr dos sentimentos nobres e sublimes.

Não admittir o principio da Omnipotencia Divina.

Negar tudo. Tudo de um modo absoluto.

Eis a obra de um sceptico.

E, no emtanto, o necessario não era negar systematicamente: era crêr, crer mesmo com Santo Agostinho — "Credo quia absurdum;" — crêr para crear, construir, realizar.

Essa a minha philosophia optimista. Resultante, naturalmente, daquelle periodo alegre da minha vida, — cheia de enganos bons e felizes.

Mas o tempo vae se dimentando, sobre o nosso coração, dores sobre dôres, maguas sobre maguas, desenganos sobre desenganos. E, no fim, o que fica é uma estractificação de sentimentos, sob a crôsta rija e invulneravel de uma couraça que o blinda.

Então chega a nossa indifferença por tudo: pelos homens, pelos sentimentos, pelas coisas. Essa indifferença é apenas o nosso scepticismo, que se manifesta sob uma fórma de fina e elegante displicencia.

É uma consequencia inevitavel de quem muito crê e confia; de quem muito sonha e espera: descrêr, não acreditar, duvidar sceptícamente, desoladoramente.

Francamente, eu hoje não penso mais que um homem manifeste o seu scepticismo por uma simples attitude literaria.

Não! Não, senhores!

O amargurado scepticismo que nos invade a alma não é mais do que um envenenamento, uma especie de intoxicação, causada pelas nossas proprias illusões, pelos nossos proprios sonhos, pelas mentiras da gloria e do amor.

Em nome do amor

Henri Bataille observa que todos os romances de amor podiam ser resumidos em duas ou tres formulas verbaes: "Tu m'aimes, je t'aime, nous ne nous aimons plus..."

A observação é feliz.

Reparem os senhores que essas palavras estão em todos os [...] sentimentaes da vida. Da nossa e dos outros. Porque a [...] é que todos amam [...]

Quer dizer que [...] breves palavras [...] mundo gyrar. Pois [...] são ellas o reflexo [...] proprio amor?

—"Amor che muove [...] sole e l'altre stelle."

E, no emtanto, quantas tragedias, quantas dôres, quantas lagrimas, quantas tempestades [...] alma desencadeadas [...] causa daquellas palavras?

Imaginemos si [...] mero dellas fosse [...] Si fosse necessario [...] pregar metade dos [...] bulos que o diccionario encerra?

La Rochefoucauld [...] se que só ha um [...] verdadeiro; o resto [...] passa de espias.

Indica isso que as [...] pestades, as grandes [...] celias, seriam desfeitas [...] em nome daquelle [...] meiro e sincero [...] Mas haveria as [...] — em nome dos [...] — imitação, dos [...] — copia, dos amores [...] plagio. Então, si [...] acontecesse, é claro [...] o mundo já teria [...] parecido sob um [...] diluvio, com arca ou [...] arca de Noé.

— Amo-te. E tu [...] bem me amas?

— Amo-te até a [...]

— Juras?

— Juro pelo meu [...] gue.

Depois, vêm as [...] de odio, de ciume, [...] amargor, de decepção [...] E aquellas breves [...] vras que construiram [...] mundo de esperança [...] sonhos e ideaes [...] mesmas pelas quaes [...] aquella edificação [...] barà com o fragor [...] gedias incriveis, ou [...] uma explosão de [...]

Meus senhores! [...] em esse diapasão [...] oratoria, de meeting [...] timental. Eu não [...] tribuno. Não [...] Demosthenes, nem [...]

A marcha elegante da carioca...

Ceros mais ou menos duvidosos. Mas ha dias em que a gente amanhece com um philosopho dentro da alma e uma mulher dentro do coração.

O philosopho está brigado com a mulher. O resultado é esse de clamar no deserto, como S. João Evangelista...

O sonho que se queimou nas estrellas...

Sob a noite estrellada um balãosinho se equilibrou no espaço lavado de luar. Era um balãosinho de S. Pedro, não azul como um sonho, mas vermelho como um peccado, e como a flor de desejo que sangra no rouge da tua bocca.

Displicentemente, alheia ao meu desespero de vêr que o nosso amor agonizava, que fugia como o perfume de um crystal destampado, e se fendia como o *Vase brisé*, de Sully Prudhomme — tu chamaste a minha attenção para o engenho de papel que subia.

— Olha um balão!...

Nisto, a lanterna voadora se queimou. Primeiramente, uma chamma se abriu num clarão amplo e dourado. Depois, um rastro de fogo desceu sobre o fundo do céo como uma lagrima flammante.

Eu murmurei melancolicamente:

— Eis a imagem de um sonho.

Não sei si comprehendeste o meu symbolo. A credito que não. Mas hoje que tudo já passou, que de ti só me resta um farrapo de saudade, como uma flammula de paz, — de paz ou de renuncia? — içada na torre de marfim da minha alma, eu te quero dizer porque aquelle balãosinho de S. Pedro, a desmanchar-se na grande noite festiva, como uma lagrima de fogo — a escorrer pela face do céo — me suggeriu aquella imagem banal...

Sim, escuta... Mas não sei se tu poderás comprehender a insana amargura que envenena a minha revelação. Recordar um passado bom é soffrer duas vezes: pelas saudades que vão passando e pelas que vêm chegando... E já agora eu não sei si prosiga. Recordo o nosso bello sonho cheio de despreoccupação e de acintes. Despreoccupação pelas coisas que se não ligassem á nossa vida sentimental e acinte aos que intentavam perturbal-o.

Relembro, sim, as nossas bôas horas vividas em que o balãosinho ardia...

... Elle figurava, — ao sabor da insconsciencia dos ventos — o nosso bello sonho de amor que subiu alto, tão longe, que se queimou no fogo dourado das estrellas...

Mysterio — força do sexo fragil

Creio que é Maeterlinck que faz a apologia do mysterio — Mas si

Geralmente, esse mysterio occulta sempre uma creatura feia e deploravel, que não valia o mysterio. Eu falo desse mysterio que é o segredo e a revelação do amor. Segredo, porque só ella, a mulher querida, sabe crear o encanto, a magia, a fascinação hypnotica do seu amor; revelação porque esse mesmo encanto está em toda ella, no conjuncto aereo, gracioso e subtil, da sua personalidade; e, todavia, não sabemos como é que elle se produz...

E esse mysterio, *doublé*

Uma conferencia ao ar livre? Sobre o amor?

no socego discreto da nossa confiança, da nossa "camaraderie", da alegria de amar sem convenções e sem calculos. E por que então — sobre a amargura de uma recordação que dóe tanto, recalcar a dor de uma inquietante saudade?

Não! Eu nada te direi. Mas sei que tu adivinhas o symbolo daquella noite... A imagem que me acudiu á mente, á hora

não esse grande mestre de belleza, deve ser outro espirito culminante. E si não é ninguem, sou eu mesmo que elogio o mysterio espesso que envolve as coisas bellas que amamos...

Não se pense, no emtanto, que faço o elogio desse mysterio banal da mulher que se esconde por traz de um telephone ou do anonymato de uma carta.

de segredo e revelação, que eu louvo e sublimizo na mulher.

E dizendo mysterio, eu creio que digo bem. Porque jamais nós havemos de saber ao certo porque é que a mulher nos attrae, nos fascina, nos leva ao abysmo cego dos erros da vida e nos eleva até a altura das estrellas eternas...

Mysterio — força, toda a força do sexo fragil...

ROSAS DE VELLUDO

A doce melancolia de um crepusculo...

¡ El sol y el mar, con ansias amorosas,
tocándose al poniente en dulce exceso,
ensayan variaciones caprichosas
sobre la gama espiritual del beso!...

José Santos Chocano, o grande lyrico peruano, que você conhece e admira, termina assim, romanticamente emotivo, um hymno crepuscular em que canta a melancolia e a belleza de um pôr de sol com *bruma azul* e ondas de espuma *festonada*.

Eu estava relendo o poeta de *Puesta de sol*, quando recebi a sua luminosa visita epistolar, tão esperada sempre pelo meu espirito e pelo meu coração cheios de você. O correio retardou a sua carta para que ella me chegasse num anoitecer magoado, quando eu procurava em Santos Chocano um consolo e uma palavra para a minha nostalgia de sentimental.

O crepusculo está penetrando, silencioso e taciturno, na sala deserta onde penso em você. E eu, lentamente, me vou impregnando da suave tristeza do crepusculo. E' quasi noite. A luz da tarde agoniza e a cidade, lá fóra, se retorce na sua inquietação do fim do dia. Eu estou só com a minha saudade e a minha angustia. Ninguem perto de mim. Ninguém que me faça companhia nesta hora desolada e penumbrosa em que a sua lembrança desperta na minha pobre alma anseios difficeis mas não impossiveis daquella doce felicidade com que nós dois sonhamos...

Não vejo o sol nem o mar *tocándose con ansias amorosas*, como nos versos de Santos Chocano, mas vislumbro, na sombra quieta que se insinúa até junto de mim, os seus olhos verdes derramando nos meus olhos negros a luz amorosa da esperança. Você não está aqui, com os seus olhos, meu amor. Mas a minha saudade é tão grande, é tão grande o meu desejo de vêl-a, neste momento, que você me apparece — miragem deslumbrante da minha romantica illusão — você me apparece para illuminar a hora crepuscular do seu triste sonhador.

Eu gosto da tarde assim, sombria e solitaria, porque ella augmenta em mim, com a sua volúpia cinzenta, a vontade de apertar os seus lábios vermelhos e dizer-lhe, fitando-a angustiadamente nos olhos de esmeralda, que a felicidade existe, e que você é a grande esperança e o grande deslumbramento da minha vida. Eu gosto da tarde assim, porque me lembro de você, sereníssima princeza, e porque ella me suggere, na sua doce placidez, evocações e saudades de outras tardes em que a sua ternura agitou novas illusões e novos sonhos na minha alma de scéptico. Eu gosto da tarde assim, porque ella se parece commigo, que sou triste como todos os crepusculos onde vibram os rythmos e onde cantam as vozes doloridas da recordação...

¡ El sol y el mar, con ansias amorosas,
tocándose al poniente en dulce exceso,
ensayan variaciones caprichosas
sobre la gama espiritual del beso !...

Mauro de Alencar

[illegible]

O homem vale pela edade que parece ter; a mulher, pela que de facto tem.

* * *

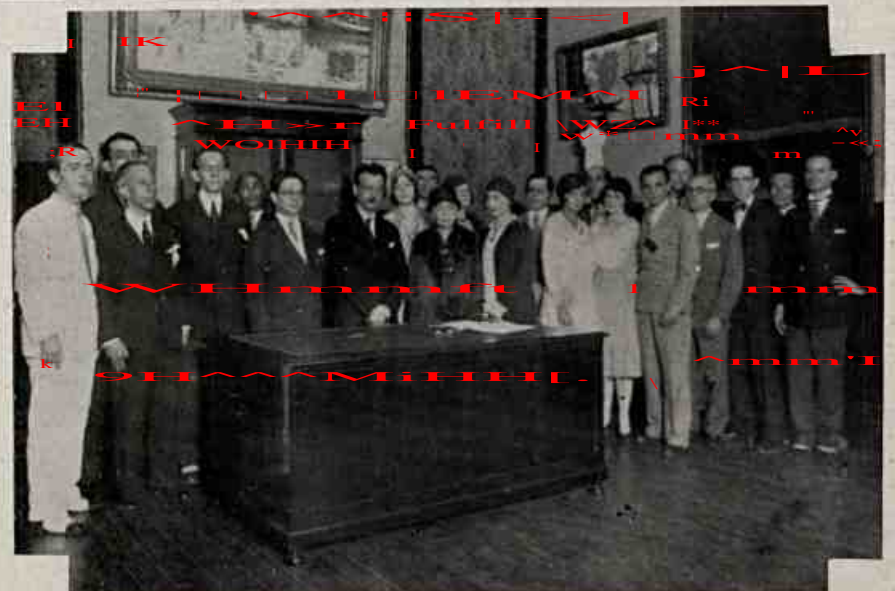
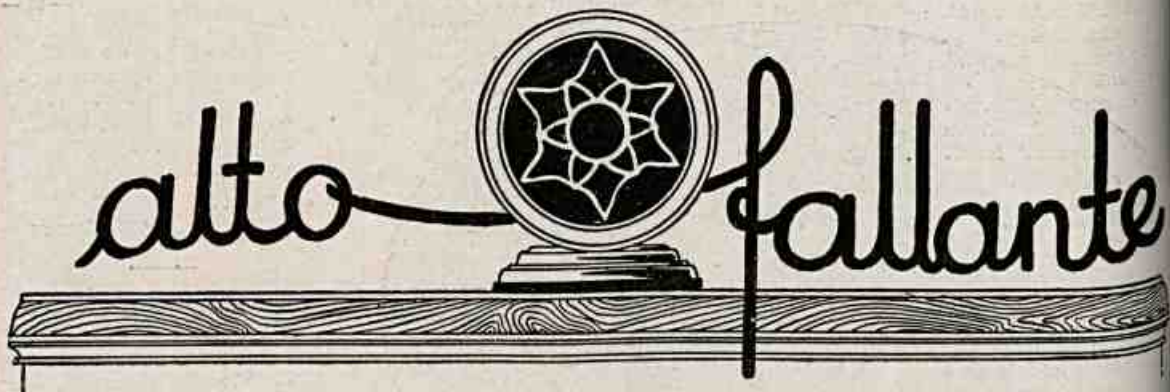
Peço conselhos para não os dar...

MARION

A sociedade britannica desta capital homenageou o commandante e officiaes do cruzador "Delhi", da Marinha de Guerra ingleza, offerecendo-lhes uma deslumbrante festa nos salões do Club Central. Ahi estão dois detalhes dessa elegante reunião.

FILIGRANAS

Na noite calma, a chuva cae lentamente, continuamente. De vez em quando, quebra o seu rumor monótono o ribombar dos morteiros. São os pescadores que queimam na praia ensopada os seus fogos de tradição. Era esta a noite de sua festa annual que a chuveirada veiu estragar. Mas a alegria desses homens rudes desafia as iras do tempo. E os seus tiros noite além seguidamente quebram a monotonia do [illegible] da agua, sem conseguir vencel-a.

E eu penso nos esforços que todos nós fazemos para ver si cortamos de qualquer forma a mesmice da vida...

A Associação dos Artistas Brasileiros realizou solennemente, quinta-feira penultima, com a presença dos seus directores e outras figuras de destaque em nosso meio, a inauguração da sua séde social, no largo da Carioca. E' um flagrante dessa cerimonia o que fixa a gravura acima.

"A LOUCURA SENTIMENTAL"

VOLTO a ultima pagina do novo romance de Benjamim Costallat — A Loucura Sentimental — o que vale dizer: acabo de ler um dos mais bellos livros da literatura brasileira contemporanea.

Lá fora, dentro da noite illuminada, que vela a cidade, a vida se agita e turbilhona, a carrear para os theatros, para os cinemas, para os bars, para os cabarets, a massa inquieta e anonyma dos que a querem viver a seu modo, a seu gosto, de accordo com a expressão e o sentido por que ella se lhes revele.

* * *

UMA expressão, um sentido para a vida?

Le sens de la vie?...

Só o sentimento é que dá á vida a sua mais completa revelação, o seu sentido mais profundo, por mais intensamente humano.

E' sempre a tecer e a augmentar os fios da trama complicada dessa millenaria inquietação sentimental, de continuo trabalhada pelas exigencias inelutaveis do instincto e condicionada por uma especie de razão atavica, é que a vida humana vem realizando, ininterruptamente, o circulo vicioso do seu soffrimento e da sua alegria, da sua belleza e das suas miserias, a procurar, a buscar uma expressão, um sentido para a sua ansia de amor e de felicidade.

* * *

HA muito acompanho, com a maior sympathia, a evolução literaria do bello e inquieto espirito de Benjamim Costallat. Mlle. Cinema, Gurya, D Loucura Sentimental são tres phases accentuadas e expressivas dessa evolução, assignalando e coroando com exito o esforço do escriptor no sentido da maior perfeição da sua arte.

E traduzem, reflectem tambem as obras acima tres phases distinctas do ambiente dentro de que elle viu e sentiu a vida, intensamente focalizada através de tres estados de alma differentes.

A gradação evolutiva de um para outro marca-se accentuadamente. O processus artistico, a factura literaria, a feição intellectual e social — tudo soffre a influencia do raffinement do escriptor, da segurança, da perfeição, mesmo, com que elle chega a enscenar e mo[...]mentar os personagens dos livros, pondo-os em contacto c[om] ambientes cada vez mais dilata[dos] da vida.

* * *

EM A Loucura Sentimental, Co[s]tallat realiza, victoriosamen[te], o romance psychologico. E reve[la]-nos, no typo de Mario Alberto, [...] a sua psychose sentimental, [...] pouco da vida de todos nós — [...] que vivemos profundamente [...] que sentimos intensamente.

"Levei quarenta annos sem gran[...]des soffrimentos e sem grand[es] prazeres. Era um insensivel ao [...] como ao bem. Um dia, como [...] fosse tocado por uma vara de [...]da, passei por uma transforma[ção] profunda. Era outro. Tive a re[ve]lação dos grandes prazeres e [...] grandes dores. Abri os olhos dea[nte] da vida. E, com a comprehen[são] de tudo, entraram-me pelo cora[ção] a piedade e o amor..."

Foi, assim, através das mani[fes]tações da sua loucura sentimen[tal] que Mario Alberto — o persona[gem] principal do ultimo romance [de] Benjamim Costallat — teve a [...] revelação da vida. E é, tambem, [as]sim, que ella, de um modo ge[ral] a todos nós se revela...

* * *

VIRO a ultima pagina do be[llo] livro que o consagrado es[cri]ptor me offereceu com esta de[...] da dedicatoria: "Ao Elcias Lo[...] com o coração do Costallat."

E fico a pensar que o grande [...] nobre coração de Costallat [...] vibra e palpita naquellas pag[inas] tão cheias de sentimento, desse [sen]timento que, nelle, é exaltação [de] bondade, de idealidade, de bel[leza] tambem de... piedade deante [da] vida que, neste momento, de[ntro] da noite illuminada, se agita e [tur]bilhona lá fora...

MAX LIND[...]

AUTORES

Após o exito que obteve o livro «Psychoses do Amor», já em varias edições, surge uma nova obra de Hernani de Irajá, destinada, como aquella, a constituir um verdadeiro successo de livraria. "Sexualidade e Amor» é o titulo da nova e interessante serie de estudos sobre o problema sexual, que o joven medico patricio vem divulgando, com a proficiencia e a segurança do scientista «doublé» de artista, que é. Escriptor elegante, sabendo expressar-se com apuro de linguagem, com «raffinements» de estylo, Hernani de Irajá deu ao seu valioso trabalho uma feição attrahente, que prende o leitor, mesmo quando de todo... leigo na matéria.

O Centro Carioca levou a effeito uma tocante homenagem á memoria do grande poeta Castro Alves, por motivo da passagem do anniversario da sua morte. A ceremonia, que constou de varios discursos sobre o cantor do «Navio negreiro», teve logar em frente á sua herma, localizada no Passeio Publico. Esta pagina offerece flagrantes dessa solennidade.

FILIGRANAS

Fala João Francisco Lisbôa, num dos seus interessantes artigos satiricos conservados para a posteridade, no apparecimento, em plena praça dos maranhenses, do afamado principe russo Labanoff de Rostoff Cevallos y Bataillos, senhor de Rocafuerda e mares adjacentes... Já se vê que essa historia de principes de quotidiana nestes Brasis não é cousa nova. A Republica andou por muito tempo ás voltas com o [illegible] com um outro, ora sumido, de Hollanda e [illegible]. A Monarchia conheceu os Labanoff de Rogneda. Tudo do mesmo naipe. Tão bom como tão bom. E' bem verdade que a historia se repete...

FILIGRANAS

Enumerando os mortos que via com os olhos do seu espirito atribulado, um escriptor falou dos "escravos extenuados de esperar em vão". Sem querer, elle pintou nessas seis palavras o mais fiel retrato dos homens que conheço. Escravos somos todos nós os que nascemos e escravos de leis e contingencias, cujas razões ignoramos. Extenuados andamos todos pelos multiplos trabalhos, desasocegos, complicações e fadigas da vida. E qual foi aquelle ente humano que, á face deste pobre planeta, não levou os seus longos ou curtos dias a esperar em vão se realizassem seus desejos?...

FESTA DE CARIDADE

Uma commissão de damas da nossa alta sociedade está organizando, para o proximo dia 26 do corrente, uma festa em beneficio do Externato São José, estabelecimento que acolhe e educa centenas de crianças pobres.

A festa, que constará de uma "hora de canções e poesias brasileiras" e de um chá, realizar-se-á na "terrasse" do edificio do Externato, á rua Pereira da Silva, 121, nas Laranjeiras.

No programma da hora de arte figurarão os nomes de Anna Amelia Carneiro de Mendonça, Nenê Barouquel, Stephana Macedo, Elisa Coelho, Gilda Abreu, Amalia, Luiza ... Lydia Machado ... Adelmar Tavares, Oli... rio Mariano, Joubert ... Carvalho, Gastão ... menti, Mario Azevedo ... Hekel Tavares.

Da commissão organizadora dessa festa de beneficencia fazem parte as senhoras Eglantina ... teado Prado, Zulei... Mayrinck, Veronica ... me, Lilian Castro ... Léa Azeredo da Silva ... May Ochôa, Anna A... Carneiro de Mendonça ... Carmen Hermanny, A... lia Machado Costa, ... ra Alfredo de ... Laurinda Santos Lobo ... Véra Delgado de Car... lho; senhoritas Cora ... cayuva e Odette Gas... roni.

A doutora Ernesta von Weber, medica e escriptora, ha alguns annos residente em nosso paiz, acaba de publicar um livro interessantissimo: «O Brasil que eu vi». A par de muita observação, a illustre escriptora faz um ardente epinicio á belleza da nossa terra, á nossa civilização joven e gloriosa. E', pois, um livro de critica amavel á realidade nacional, escripto com talento, acuidade e espirito generoso, a que devemos ser sensiveis e gratos.

Senhorita Regina Cintra, hoje senhora Ary Pires.

Senhora Marina de Souza Alvarenga. (Photos De los Rios)

Abnegação

QUANDO Lia pronunciou o "sim", que a uniria indissoluvelmente a Heitor, tinha dezoito annos de edade. Uma criança com aspecto de mulher. Orphã, tendo que aturar uma tia neurasthenica e uns primos indelicados, assim como o passarinho preso que tem ansias de ar e liberdade, ella sentia um desejo enorme de ver-se livre daquelle dominio odioso. Heitor, quarenta annos de edade, rico e bonacheirão, compadeceu-se da pobre florzinha que murchava por falta de ar e de luz. Tornou-a sua esposa. E, no lar confortavel e calmo que os dois organizaram, ella encontrou a paz de espirito e o bem-estar que nunca conhecera. Não amava o marido. Não tinha por elle esse amor feito de vibratilidade e exaltação, de loucura e vertigem... Os seus beijos eram beijos castos, protocollares, onde não fremia o instincto amoroso e nem a emoção que empolga... Lia sentia por Heitor uma amizade mesclada de gratidão. Porque elle a tirara do inferno onde vivia, procurando rodear-lhe a existencia de felicidade. E era-lhe fiel e dedicada como uma filha.

Um dia, fazia dois annos que se tinha casado, numa festa em casa duma amiga, ella conheceu Ramiro Lopes. Viajado e distincto, possuidor de uns lindos olhos negros, Ramiro tinha esse "quê", tão raro e fascinante, que conquista as mulheres. Desde a primeira vez que os seus olhos se encontraram, Lia comprehendeu que elle era o almejado pelo seu coração insatisfeito de mulher moça e ardente. Um amor espontaneo e irresistivel nasceu-lhe no peito. E aquelle amor era a sua tortura. Incapaz de trahir o marido, pois teria horror de si mesma, tão bom e generoso elle era, mas, por outro lado, fraca para vencer aquelle amor, ella se debatia nas suas garras suaves e impiedosas...

* * *

— Lia, tu não deves occultar-me o que os teus olhos me dizem tão claramente. Tu me amas, eu bem vejo... Somos moços, o futuro ainda nos mostra dias cantantes de felicidade e de amor. Por que resistes, pois?

E os olhos negros de Ramiro tinham uma tal seducção, que Lia sentia o desejo de fugir para muito longe, para terras distantes, onde a imagem tentadora não lhe apparecesse... Porque, ficar alli, perto delle, que ella comprehendia agora ser o unico amor da sua vida, era ter a certeza da quéda irremediavel...

— Não, Ramiro, não! Não me fascines! Elle é tão bom, tão generoso! Eu seria um monstro e não uma mulher, si o trahisse. Não; deixa-me! Prefiro mil vezes morrer!...

E uma caudal infinda de lagrimas desceu-lhe dos olhos. Commovido, Ramiro tomou-lhe a mão alva e nervosa. Beijou-a. Sentida e castamente. Depois, olhando-a nos olhos, naquelles olhos que eram a sua fascinação e o seu amor, elle falou-lhe:

— Está bem, Lia. Eu te comprehendo. Quero livrar-te desse horrivel soffrimento. Hoje mesmo, parto para bem longe. Só voltarei quando me chamares, quando sentires necessidade de mim e vires que devem ser abolidos esses tolos preconceitos que impedem a nossa ventura e abafam o desejo de amor que nos corroe o coração... E elle partiu para esquecel-a...

* * *

... "não quero! Não me tentes mais! Eu te amo, eu sei que não resistirei á tua ternura vehemente! Sinto o coração sangrar-me, mas quero antes morrer do que trahir aquelle que me deu o nome. Não, não voltes; é inutil! Eu nunca serei tua! Não sou feliz, não, porque eu te amo demasiado e a vida sem ti me é insupportavel. Mas serei sempre fiel aos meus deveres..."

Aquelle pedaço de carta, que a esposa esquecera sobre uma mesinha do "boudoir", bailava, com letras de sangue, ante os olhos de Heitor.

Lia não o amava, então! Era honesta, não o trahiria, mas a sua vida seria uma continua tortura... Pobre, pobresinha da sua Lia! Que não faria elle, para vel-a feliz!... Reconhecia-se velho e sem attractivos ante a esposa, nova e cheia de encantos. E, por isso mesmo, a queria mais doidamente, com um amor que chegava ás raias da adoração. Vel-a feliz, era o seu anseio! Aquella carta, porém, dizia-lhe o contrario. A esposa amava outro, mas, fiel e dedicada, fugia daquelle amor impossivel... E era infeliz, na sua sêde de ternura vibrante, que só pode dar um amor moço e profundo...

Seus olhos tiveram um rapido clarão, quando elle tornou a pôr no seu logar a carta da esposa fiel e querida...

* * *

Em viagem de nupcias, amantes e felizes, Lia e Ramiro desfrutavam todas as felicidades que só um grande amor pode dar...

E, nos seus arroubos de amorosos, elles não se lembravam do pobre e valoroso Heitor, ha dois annos morto, victimado por uma bala de revolver, numa imprudencia que lhe roubara a vida...

E elles nunca saberão o segredo que agora se occulta sob um tumulo de marmore branco, onde lirios fidalgos e saudades vicejam...

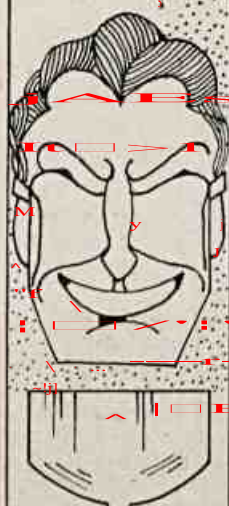
PAULO WERNECK

Lola Kneip

As Duas Taças

— Olha as taças da Vida — tu me dizes —
A da alegria,
Onde vamos reunindo os momentos felizes,
Vê como está vasia!
Póde-se vêr-lhe o fundo...
Entanto, é tão profundo
Meu desejo de vel-a, um dia, a transbordar...
E a da amargura,
Que eu procuro esvasiar a cada instante,
Está sempre transbordante!

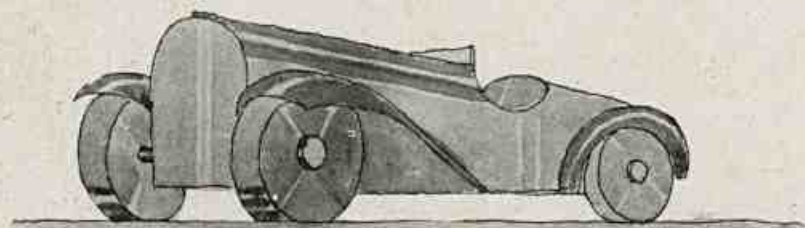
— Deves tirar dahi toda a philosophia:
Nem está no fundo a taça da alegria,
Nem tens a da amargura a extravasar!
Teu pessimismo é o mago que te engana,
E essa insatisfação, que é propria da alma humana,
E' que te leva, assim, a exaggerar.
Busca nos males que te vêm
A parcella de bem,
Que está sempre escondida,
Pois para vêr, realmente, essas taças da Vida
Cumpre saber olhar...

LAURITA LACERDA DIAS

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino offereceu, quinta-feira penultima, no salão do Automovel Club do Brasil, um elegante chá ao dr. Juvenal Lamartine, presidente do Rio Grande do Norte. Foi uma festa brilhante, a que compareceram o vice-presidente da Republica, os representantes de outras altas autoridades e elementos da nossa melhor sociedade. A illustre escriptora sra. Maria Eugenia Celso fez, em nome da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, uma saudação ao presidente Juvenal Lamartine, que agradeceu a homenagem das orientadoras do movimento feminista no Brasil. Tambem se fizeram ouvir a festejada poetisa sra. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça, que recitou lindos versos de sua autoria; a cantora sra. Lydia Salgado e a senhorita Maria Doria Bittencourt.

O Club de Regatas Guanabara realizou, sabbado, um grande baile para commemorar a passagem do 31.º anniversario de sua fundação. Galantes figurinhas da nossa sociedade deram realce a essa linda e elegante festa.

VOLUVEL...

CONTO DE MARIO POPPE

ILLUSTRAÇÃO: MARCELO ROBERTO

— Ligeiro...

— Sim, meu amor.

Renato, em seguida, voltava conduzindo a sua elegante *barata* typo *sport*.

Ella saltou para o lado do rapaz, que, preso ao volante, pedalou o vehiculo, fazendo-o deslisar sobre o macadam das avenidas.

Numa curva deserta, Renato reclinou a cabeça até alcançar a bocca da companheira, colhendo um beijo, rapido.

Leonor, visivelmente nervosa, fez um grande esforço para não desfallecer nos braços do amigo.

Os seios arfavam sob o tecido leve da *toilette*, os olhos brilhavam, e a sua bocca parecia implorar a caricia de outra bocca...

— Ah!

— Que tens?!

— Como são miseraveis os homens!...

— Julgas?!

— Sim.

— Por que?!

— Vivem para enganar.

— Não é verdade.

— Si é...

— Mas, és injusta, pois bem sabes quanto te amo.

Leonor desabrochou á flor dos labios um sorriso pallido, accrescentando:

— Tu não me amas...

— Sim, amo-te.

— Não. Apenas me desejas...

Renato teve impetos de gritar, de desabafar a colera que no peito se lhe debatia.

Haviam attingido um trecho de praia, áquella hora deserta.

O automovel estacou repentinamente.

Saltaram.

O mar orchestrava as suas grandes symphonias de amor.

O sol escondia-se por detraz da crista de uma montanha distante.

O ambiente, de meias tintas, da tarde que morria, estimulava as almas para o noivado dos sentidos...

Um beijo, outro mais, beijos sem fim.

E o fatal juramento de um amor eterno, mais forte que a propria morte, quando o automovel corria vertiginosamente de regresso ao coração da cidade, deixando atraz a poesia das areias fulgidas.

Quando Leonor saltou com a felicidade nos olhos, disse, garotamente:

— Não te pareces nada com os outros homens...

....

Renato, entrando em casa, antegozava a alegria do encontro combinado para o dia seguinte.

Porém, uma cruel surpresa o aguardava.

Sobre a sua mesa de trabalho, uma carta expressa attrahiu o seu olhar.

Abriu-a, para soffrer um terrivel abalo.

A noticia de um mau negocio, que ameaçava causar a sua completa ruina financeira.

Era forçado a partir, immediatamente, para o interior paulista, afim de amparar o golpe da má fortuna.

Tinha de agir sem perda de tempo.

Antes de preparar a mala para apanhar o nocturno, o seu primeiro pensamento foi direito a Leonor.

Devia communicar-lhe o desagradavel imprevisto, que resumiu em poucas linhas de uma carta despachada em mãos do seu criado de confiança.

Ella não o devia esperar para o encontro combinado, nem elle podia affirmar a data segura do seu regresso, muito embora acreditasse que a ausencia seria curta.

Quando já estava no comboio, o criado chegava com a resposta.

Poucas linhas, rispidas, atrevidas.

E Leonor assim terminava a carta: — "Sempre disse que os homens são uns canalhas, que não conhecem o amor. Tu, como os outros, não amas a ninguem. Fui tola, porque só agora percebo que me desejavas beijar, estreitar-me nos teus braços infames."

Renato fechou as mãos, amarrotando a carta num incontido accesso de raiva.

O comboio poz-se em movimento, e o silvo da machina quebrou o silencio da noite, num adeus á cidade.

....

Dois mezes depois, Renato voltava ao Rio de Janeiro, salvo de finanças, disposto á salvação do seu amor, com o pensamento em Leonor.

Havia um juramento para ser cumprido, muito embora a injuria que lhe fôra atirada ás faces.

Não fosse Leonor o lindo sol da sua vida!

E, quando assim pensava, ao longo da amurada do Flamengo, viu-a pelo braço de um homem.

Uma só idéa o acudia: avançar para ambos, insultal-a, arrancal-a dali.

Mas, passado o primeiro assomo da colera, volveu a reflectir no conceito de Leonor, acerca dos homens: — "... uns canalhas, uns miseraveis..."

— Não ha duvida — monologava, baixo, Renato — fui eu quem rompeu o juramento... O miseravel fui eu, que faltei a um trivial encontro para evitar que a fortuna me fugisse das mãos.

Aproximou-se, fixando-a bem nos olhos, e sentiu que estes lhe ordenavam: — acompanhe-me.

Seguiu-a, machinalmente.

Depois, Renato não soube como foi...

Numa sombra de rua, viu-se, repentinamente, enlaçado pelos niveos braços de Leonor.

— Aquelle homem!...

— Meu marido...

— Hein?!

— Casada...

— Que?!...

— Não faz mal, porque só a ti amo na vida...

— Teu marido!...

— Oh! si elle soubesse...

E, sentindo a febril inquietação da boneca de olhos verdes, que lhe beijava a bocca, Renato ironicamente, repetia: "Ah! os homens, uns canalhas"...

Um dynamizador de idéas

Por Beni Carvalho

Em nome dos delegados dos Estados, na sessão solemne de encerramento da Conferencia Penal e Penitenciaria Brasileira, ha pouco reunida nesta capital, o deputado federal dr. Beni Carvalho, vice-presidente do Ceará e illustre cathedratico da Faculdade de Direito do seu Estado, pronunciou a bella oração que FON - FON estampa nesta pagina e que tão bem revela os meritos do primoroso e elegante estylista que é aquelle distincto e culto patricio.

ANATOLE FRANCE, o estheta e nervoso pensador de *Thaïs*, numa de suas paginas de imperecivel fulgor, fez, um dia, com aquella sua penetrante e conhecida agudeza, o suave elogio do sonho, o panegyrico incomparavel da Illusão.

"J' éprouve et je sais que le rêve a plus de puissance que la réalité" — proclamou o mago do *Jardim de Epicuro*.

E pergunta, em seguida: — "Como não ser assim, si elle proprio é uma realidade superior, si é elle a alma das coisas?"

O sonho, meus senhores, é, na verdade, a alma das coisas...

Eu sei que, para muitos, neste seculo atormentado da aviação e do radio, do arranha-céo e do motor, o mundo deve ser visto e apreciado, apenas, pelo seu lado pragmatico, pela sua grosseira expressão de egoismo e de interesse.

Entretanto, é bem certo que, para outros, isto é, para aquelles que não amam nem vêem a vida unicamente sob o angulo agudo da materia, elle não deve ser isso, nem traduzir-se na mesquinhez dessa formula.

Com esses ultimos, creio, está a verdade.

Não é, vêde bem, que eu preconize, aqui, unilateralmente, o primado despotico do idealismo, o apostolado integral da Fantasia. Não. Entendo, meus senhores, que, sem esse poder excelso, sem o sortilegio dessa força, tudo, na terra, será vão, tudo inanidade, tudo mortal desencantamento. Mas isso não exclue nem annulla o Real. Ao contrario, diviniza-o, porque elle só poderá valer como finalidade, sendo, inicialmente, uma projecção de espirito, uma irradiação de sonho que se materializou, um vôo de ideal que venceu.

A historia toda do homem no planeta, no que elle possue de mais alto, de mais nobre, de mais humano, emfim, de mais superiormente real, reflecte, sem duvida, esse conceito de harmonia, esse principio de rythmo, esse equilibrio eterno de belleza, na vida.

* * *

Dizendo-vos essas palavras, meus senhores, bem podereis, sem esforço, imaginar a proposito de quem vos venho falar agora: — dum architecto de sonhos e dum visionario de realidades; dessa figura paradoxal e egregia do grande professor Candido Mendes de Almeida.

Se o seu passado, cheio do seu trabalho, da sua vibração, da sua cultura dynamica, do seu bom combate por ideaes superiores não fosse sufficiente para assim o julgarmos, bastaria, hoje, a coragem desse seu ultimo emprehendimento — a reunião da Conferencia Penal e Penitenciaria na metropole do paiz, para que, sem favor, o proclamassemos um homem de excepção em meio á displicencia social brasileira.

Isso, aliás, d'alguma maneira, delata a sua origem, fala, mediatamente, do incendio tropical do seu espirito. Candido Mendes, senhores, nascido no Sul, é um homem, biologicamente, do Norte, do Norte dos violeiros e da tragedia verde da Amazonia; do sonho perenne e da tenacidade obscura e formidavel do silencio.

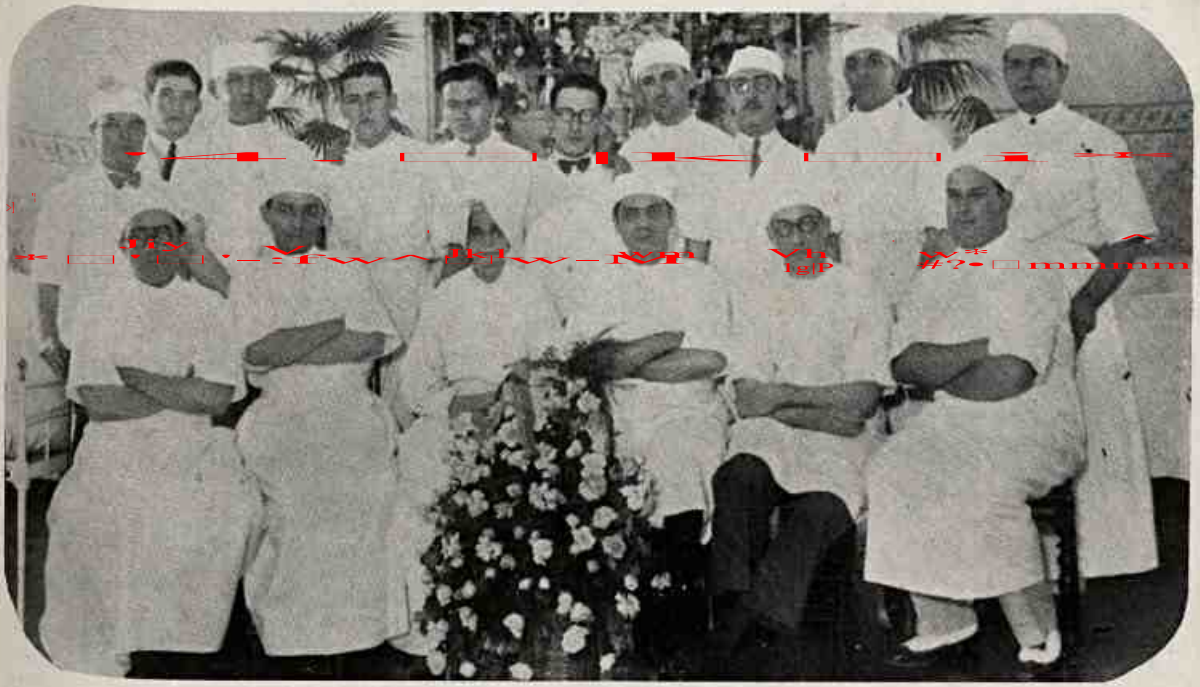
Permitti que vos lembre, aqui, essa circumstancia, apenas, de certo modo, como um indice significativo da sua bravura intellectual, da sua maneira de ser; nunca, porém, nem de leve, como implicita e ligeira diminuição á grandeza, ao triumpho, á força mental dos invictos patricios do Sul.

Assignalo essa pequena particularidade, porque sempre me apraz alludir a essa parte do Brasil semi-esquecido, e que ainda entrou, como uma nota clara, vibrante e expressiva, no concerto symphonico dos grandes destinos da Patria.

A Conferencia Penal e Penitenciaria Brasileira, nesse particular, e a certos respeitos, visa, d'algum modo, a esse designio.

Quando ella não fôra, como, na verdade, o é, um largo gesto em prol da solução dos problemas que entendem, nesta hora mundial, com a diathese, com o phenomeno da criminalidade na sua esphera mais ampla, nos seus aspectos mais polymorphos, — teria, como teve, pelo menos, a virtude de congregar, num cenaculo de espiritualidade e de fé scientifica, de cordialidade e de amplexo brasileiro, as unidades mentaes da nação.

Meus senhores:

Ao homem que foi o dynamizador dessas idéas, o reflector poderoso desses sonhos em marcha para a realidade, a quem, em boa hora, o governo do paiz mandará á Europa, como um dos arautos do pensamento juridico deste pedaço de terra americana — eu venho trazer, em nome dos delegados dos Estados á Conferencia Penal e Penitenciaria, com a palavra verdadeira da nossa homenagem — o applauso unanime do Brasil.

Inaugurou-se, ha dias, na Santa Casa da Misericordia, uma nova enfermaria, a cargo do illustre cirurgião dr. Samuel Guimarães Pereira, nome de grande conceito no nosso mundo scientifico e na nossa sociedade, pelo seu preparo e pelas suas qualidades de cavalheiro. O grupo acima foi tomado por occasião da solennidade inaugural da nova enfermaria, vendo-se, alli, além do dr. Samuel Pereira, os seus auxiliares naquelle serviço: drs. Darcy Monteiro, chefe de clinica cirurgica; Clovis Moraes, Alonso Dutra, Oziris de Freitas, Aldemiro Felicio dos Santos e Rodolpho Pazzo, assistentes; José Kritz, Luis Felippe Sobrinho e José Guimarães Santos, internos, e a Irmã Josepha, encarregada.

Terça-feira, á tarde, realizou-se a inauguração da estatua do grande engenheiro patricio, dr. João Teixeira Soares, creador dos nossos mais difficeis traçados ferroviarios, e figura que se destacou entre nós pelo seu alto saber e pela sua integridade de caracter. O monumento de Teixeira Soares acha-se erigido na praça Mauá, e foi inaugurado em bella solennidade civica, a que compareceram o sr. ministro da Viação e os representantes das demais altas autoridades da Republica. Varios discursos foram proferidos na cerimonia, salientando-se, entre elles, o do ministro Victor Konder e o do senador Paulo de Frontin. Focalizamos alli dois aspectos da expressiva solennidade.

Balcão Florido

SONHO QUE VIVEU...

Eu a conheci assim: um vestidinho preto, uma bolsinha de velludo e um palminho de cara, tão bonito! que eu nunca mais esqueci...

Foi um acaso o nosso encontro. A cumplicidade insidiosa do mar, que bole com a alma dos poetas, aproximou-nos.

Nasceu assim o nosso romance. Um sonho que viveu...

* * *

Outro dia, eu lhe disse: — "Você está differente."

Ella sorriu e negou. Havia ainda no fundo dos seus olhos vestigios da alma, que me attrahia.

—"Você sabe que eu preciso ter cuidado..."

Ha dois annos atraz era eu quem lhe dizia: — Meu amor, não sejas imprudente!...

Anacreonte.

CANÇÃO DA SAUDADE...

MEU amor, lá, ao longe, a alva praia de Ipanema esplende, magnifica, doirada de sol.

E, num ondejar de tristeza, vem até mim a inquietação do mar verde que se quebra a seus pés.

Meu amor, meu grande amor distante, cheio de garôa e de melancolia, Ipanema esplende, maravilhosamente linda, nesta manhã luminosa em que a revejo para lembrar-me de ti.

E, nossas almas, cheias de saudade, encontraram-se ali.

Como, porém, te senti tão differente e tão immensamente distante e longe de mim, tu, que eras a suave e consoladora miragem da minha vida!

Meu amor, o rythmo desordenado do mar verde, que se quebra sobre a praia alva de Ipanema, nos espasmos de seu rude e profundo carinho, diz-me que tu és como as ondas — inconstante e voluvel.

Uma angustia profunda dessa alma incomprehendida de mulher, que a garôa de tua terra velava aos meus olhos deslumbrados, que te buscavam como quem busca

E' hoje á noite que a senhorita Maria da Gloria Ribeiro França, primeiro premio (medalha de ouro) por unanimidade, do Instituto de Musica, dará o seu recital de violino, no salão nobre daquelle estabelecimento de ensino. Ha um grande interesse, em nossos meios artisticos, por essa audição.

desce sobre a alma, nimbada de soffrimento e cansada de desillusões, do pobre solitario que encheu de flores o seu balcão quando tu, como uma miragem illuminada e verde, vieste para elle.

E eu cri em ti, na estranha e feitiça fascinação de tua alma distante, um refugio, uma esperança, uma fé para a sua desgraça de já não crer nem no amor, nem na felicidade... nem nas mulheres.

Meu amor, rolam aos meus pés as ondas inquietas do mar agitado que banha Ipanema. O sol queima e doira de alegria as almas, os cora-ções, as coisas.

Ha, em tudo, uma exal-tação da vida, da vida que se espraia e canta alegremente, sã, feliz e livre.

Essa confortadora ale-gria de viver não chega, porém, para mim, porque não enche de consolação e de paz o mar revolto da minha saudade, da saudade do desconhecido, que nunca te conheceu, ti, que serias, talvez, a sua felicidade.

Meu amor, lindo sol luminoso e perfumado das terras "onde minhas rosas florescem" porque com os rythmos ardentes e impetuosos do mar verde de Ipanema, não trouxeste tambem os rythmos de tua alma, "judiasinha selvagem", que faziam a suave ... ção do meu acariciado sonho de felicidade?

....

O velario illuminado da noite desceu sobre Ipanema e meus olhos, cansados de invocar tua alma ausente, volvem-se tão só, para a noite, luz da minha tristeza, da minha desillusão.

Como uma prece, supplica de desespero, a saudade — minha saudade de ti — canta, em meu coração, a sua canção de angustia e de melancolia.

Meu amor, a noite é che de sombras o balcão florido de onde o teu vulto amigo e bom se debruçava sobre mim como uma consolação.

Saudade — "perfume dos ausentes", "espinho cheirando a flor"... Meu amor, no meu balcão, outrora tão florido e alegre, só a flor da ausência — Saudade — só o espinho da tua recordação — Saudade — ainda me fazem crer e esperar...

HELIANTHO.

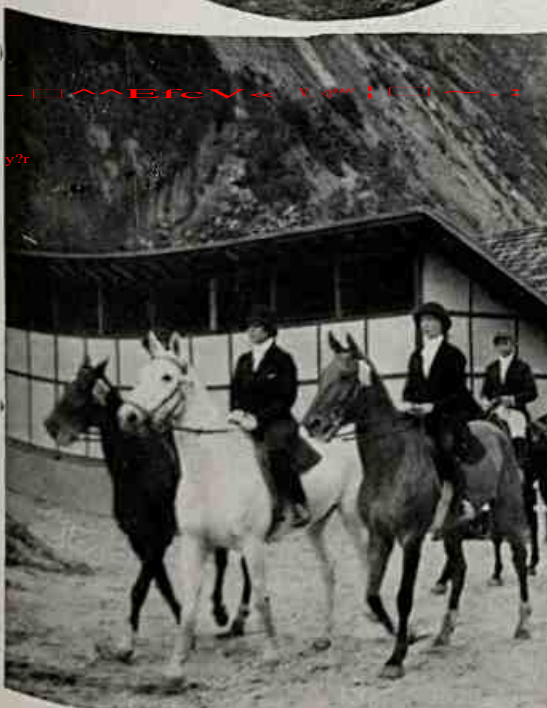
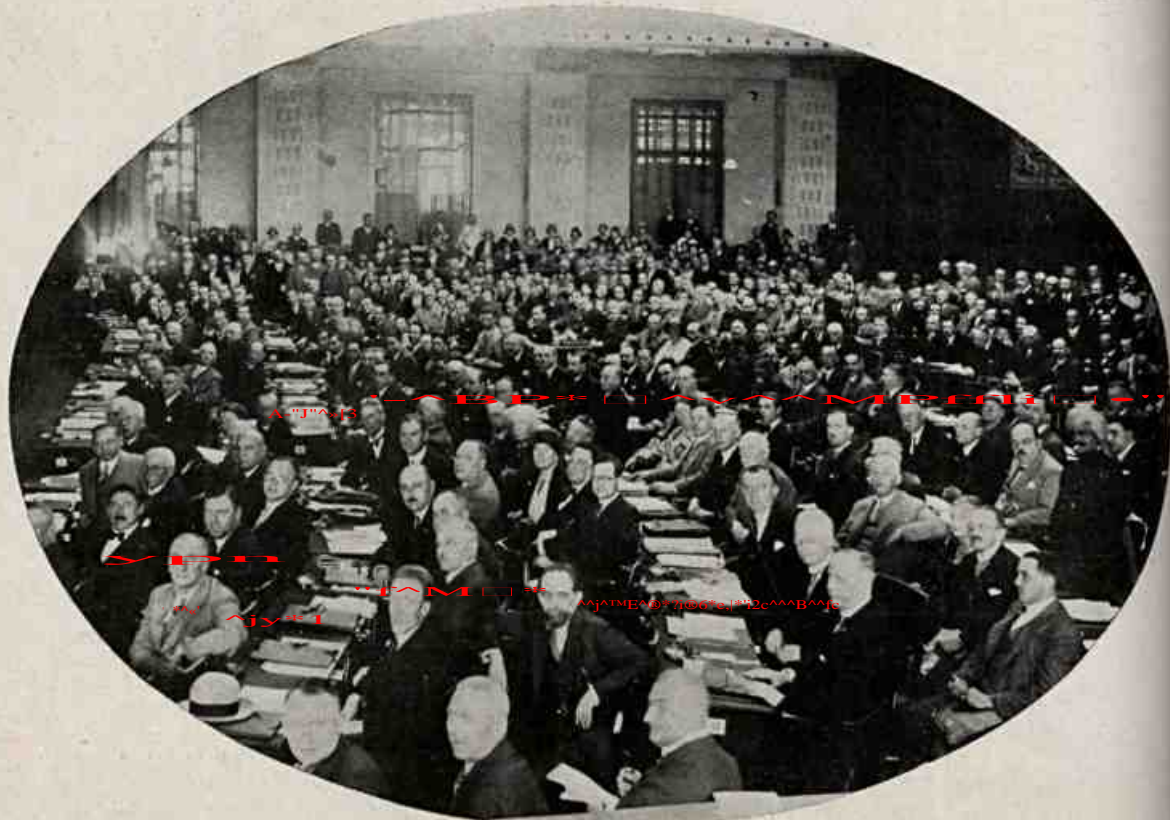
FILIGRANAS

Quasi sempre os donos dos versos dos poetas são outros poetas. Atravez do tempo, elles se vão legando uns aos outros as imagens formosas, como outróra o facho da alegria passava de mão em mão na farandola dos bacchantes. E quando um Malherbe exclama:

> Et rose elle a vécu ce que vivent les roses —
> L'espace d'un matin,

repete o pensamento daquella velha inscripção latina tumular que diz:

> Quasi flos ortus egreditur et conteritur.

A directoria do Centro Hippico Brasileiro inaugurou, ha dias, com uma linda festa sportiva, a pista de obstaculos, no local onde será construida, brevemente, a sua séde. Attrahente, sob todos os aspectos, essa festa assignalou um acontecimento mundano de grande brilho e realce.

Um aspecto da sessão inaugural da XIV Conferencia Internacional do Trabalho, realizada em Genebra, em junho ultimo, com a presença de numerosos delegados estrangeiros, entre os quaes se achavam os do nosso paiz, srs. Bandeira de Mello e Carvalho e Souza.

NOIVAS DA DÔR

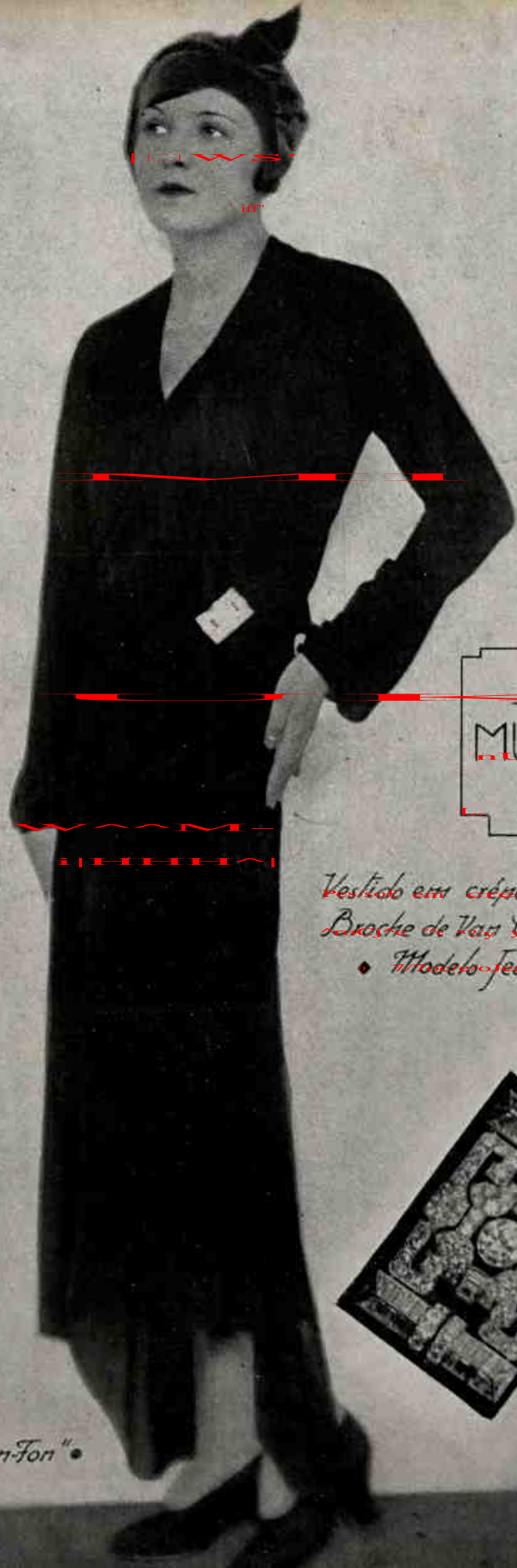
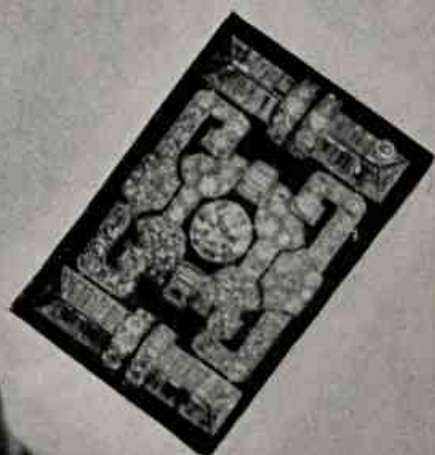
A nave da egreja estava repleta das figuras brancas e compassivas das enfermeiras.

O sacerdote, numa voz impregnada de doçura e fé, começa a exaltar a nobre profissão, e num momento exclama: "Sois as noivas, as mães e esposas do soldado e do marinheiro — porque, quando estaes á beira do leito, num hospital de sangue, levaes ao moribundo a illusão desses tres grandes affectos — os maiores — ao coração do homem!

E quando a sciencia e o sacerdote já têm cumprido o seu dever e se afastam, vós ainda permaneceis carinhosamente alentando a agonia do moribundo, dando-lhe a ultima illusão do affecto que, numa doce evocativa, lhe accode á mente no momento extremo...

Sois ainda vós que lhe enxugaes o suor e as ultimas lagrimas. Oh! como sois bemditas!"

RACHEL PRADO

O prefeito de Nova Friburgo, dr. Arnaldo Pinheiro Bittencourt, em companhia do professor Frederico Eyer, assistentes e enfermeiras da Assistencia Dentaria Infantil Zeferino de Oliveira, quando em visita áquella benemerita instituição.

A MULHER CHIC
Vestido em crêpe billitis negro.
Broche de Van Cleef & Arpels
Modelo Jean Patou
Especial para "Fon-Fon"

Baton de Rouge

CONAN DOYLE

Morreu Conan Doyle. E, quem quer que, como eu — como milhares, milhões de pessoas espalhadas por este mundo a fóra — tenha lido a obra do grande escriptor inglez, ha de ter recebido com tristeza, consternadamente, mesmo, a noticia de seu fallecimento.

O extraordinario e admiravel creador de Sherlock Holmes quanta vez — quanta! — não fez a delicia e o encanto das minhas horas de ocio e de vagabundagem espiritual...

Lia-o com verdadeiro enthusiasmo, e, não raro, realizei coisas maravilhosas ao lado de Sherlock e do bom e pacato dr. Watson, tudo isso, já se vê, como policia amador e em pura... fantasia.

Com a sua prodigiosa faculdade imaginativa, Conan Doyle produziu uma volumosa obra de ficção, que tem a salutar virtude de pôr a gente em contacto com o ambiente de aventuras que elle creou sem, talvez, suppor que tanto bem fizesse aos que, de vez em vez, têm necessidade de fugir á monotona e exhaustiva realidade das coisas para "arejar" o espirito no campo livre do fantastico.

Aqui fica, nesta lembrança da minha juventude distante, o preito da minha saudade a Conan Doyle.

O AMOR NÃO TEM EDADE...

L'age d'aimer, ao que parece, não tem limites. Ama-se, creança ainda, como se ama, tambem, em plena ancianidade.

E' isso, pelo menos, o que faz suppor o recente casamento, em Paris, do principe Louis de Bourbon, de quarenta annos, com a princeza Amadéo de Broglie, de apenas... setenta primaveras.

Amor de principes, de gente raffinée, de puro sangue azul.

Amor ou interesse? — perguntar-me-á o leitor.

E eu — repito: amor, muito amor, um grande amor, mesmo — amor — abnegação, amor — heroismo, amor — loucura.

Porque, a não ser isso, não posso crer que o dinheiro da velha princeza fosse tanto que désse para pagar, sufficientemente, um gesto de pouca vergonha num fidalgo puro-sangue.

Aliás, hoje, on aime á la diable...

Por occasião da decorrencia de sua data natalicia, o illustre engenheiro patricio, dr. José Ayres de Souza, que exerce, neste momento, as elevadas funcções de inspector federal das Obras contra as Seccas, foi alvo de significativas homenagens de sympathia e consideração. Figura de destaque nos circulos da alta sociedade carioca, o dr. José Ayres é, tambem, um dos vultos mais representativos da engenharia brasileira contemporanea. Legitimam-se, assim, as expressivas demonstrações de jubilo com que seus amigos e admiradores o homenagearam no dia de seu natalicio, ha pouco decorrido.

PETIT BLEU

Minha querida ingrata — Acabo de ler a linda cartinha perfumada em que você, maldosa e injustamente, me censura pela minha indifferença, accusando-me do crime de me ter aproveitado da sua ausencia para... esquecel-a.

"Os homens são sempre assim: amam por sport, pelo simples prazer de terem sempre uma sensação nova capaz de lhes dar a certeza de que têm, realmente, um coração. Um coração que é como um hotel, onde nunca faltam quartos para todas as mulheres que nelle procurem hospedagem."

Ora, minha querida, sua maldade fere-me, magôa-me profundamente. Primeiro, nunca tive geito para maitre d'hotel e, segundo, em meu coração nunca houve logar para mais de uma mulher, para mais de um amor.

Você, quando eu a conheci, foi bastante para encher a minha solidão, que era immensa, e era-me, tambem, profundamente dolorosa.

E, como terá visto, nem sombra de mulher havia por lá... Não sei. Talvez houvesse. Mas sómente sombra, porque não haverá homem, na terra, dos quarenta annos, que não marche pelos caminhos da vida carregadinho de sombras de mulher.

Isso é humano, intensamente humano, mesmo, creia você, que ainda é luz, luz esplendente e magnifica, a arder, incessantemente, na lampada votiva do altar em que a trago em perpetua adoração.

Escute: quando resolver regressar, afugentando, com a sua presença, a saudade que me crucia, não se esqueça de "tomar commodo" no unico aposento do hotel de meu coração, sempre reservado para você.

Sim?

FRAGONARD

A bordo do «Conte Verde», viajou, com destino á capital uruguaya, a delegação brasileira que vae tomar parte na grande disputa do Campeonato Mundial de Football, a realizar-se em Montevidéo. Os distinctos «sportmen» patricios tiveram um concorrido bota-fóra, sendo enthusiasticamente acclamados por occasião de sua partida. Na gravura acima vêem-se os membros da delegação brasileira, a bordo daquelle transatlantico, cercados por pessoas de suas familias, collegas e amigos.

FILIGRANAS

Todas as eleições são feitas livremente. **Pelo** menos na theoria. Uma só é feita a portas fechadas: a dos Papas. Reunem-se os cardeaes em conclave — cum **clave**, debaixo de chave e elegem o chefe da Igreja. O que vem da eleição de Gregorio X. Quando o povo de Roma, cansado de ver vasia a séde de S. Pedro, encerrou os cardeaes no seu palacio e sómente os libertou depois que realizaram a eleição.

COCAINA

A maneira pratica de amar o proximo está em tel-o longe de nós...

* * *

Os ultimos amantes das mulheres são sempre os primeiros...

Marion.

Em transito para o Uruguay, em cuja capital vão tomar parte no Campeonato Mundial de Football, passaram por este porto, a bordo do "Conte Verde», os membros da delegação rumena, de que estampamos o grupo acima, apanhado naquelle transatlantico.

Girandola

LÉO-FABIO

PALESTRAS

A' hora do chá, naquelle bungalow
de bairro chic, sob um céo tranquillo e vago,
só se falou
de arte antiga: de Homero, Praxitéles,
Virgilio, o mago,
Dante, o presago.
Quando iamos falar de Gœthe e Hugô,
a conversa variou,
voltámos, de Thucydides e Apelles
a Tynaire (a Marcelle)
e a Octave Mirbeau,
falámos de " Graziéle"
e do poema do O lago,
e, por fim, de Bilac e Cecilio Meyrelles,
de Guilherme de Almeida e de Oswaldo Santiago.

A palestra se anima.
Para Edla Costa Lima,
encantadora e simples no falar,
apesar de modesto e pequenino,
O Oswaldo já tem certo o seu destino,
o poeta tem, seguro, o seu logar.

— Vamos deixar em paz o plectro de Virgilio
e o pincel de Terencio...
E Byron, e Musset, e o pessoal romantico.
Porque, onde existam corações afflictos,
no mar Caspio, ou no Atlantico,
onde haja uma saudade ou um idyllio,
Cada alma em seu silencio,
que tem, ás vezes, millenarios gritos
(ah! Virgilio! ah! Terencio!)
põe, num beijo ou num verso,
o musical silencio do Universo.

E Astréa Santos,
com o seu sorriso de intimos encantos:
— Eh... os poetas são tantos!
basta correr a vista aos arredores.
Mas, em geral, os pequeninos
são os maiores:
E, sem citar a "Illiada" ou a "Eneida",
com argumentos vivos, crystallinos,
com um sabor de fructo fresco em bago,
ella diz: Basta ler o Guilherme de Almeida
o Martins Fontes
ou o Oswaldo Santiago.
— Todos são pequeninos
como Gonçalves Dias...
E eu penso que, em assumpto de poesias
e de Anacreontes,
a Terra é menos para a China e a Russia:
pois a musa anda em caixas pequeninas
e é bem maior do que as immensas Chinas
qualquer pequena ilha lilliputia...

Mas Bilac era alto...
Alto é Alberto; alto e magro é Augusto de Lima...
E outros, que andam a cima
da ultima rampa do ultimo planalto...
O certo é que, em questões de rythmo e rima,
entre estrellas ou fachos,
ha sempre (e isso não é que desanima)
ha sempre altos e baixos...

Em companhia de sua exma. familia, viajou, ha dias, para a Europa, o dr. Ranulpho Bocayuva da Cunha, illustre representante do Estado do Rio na Camara Federal dos Deputados, de que é muito digno 1.º secretario. O embarque do distincto parlamentar teve numerosa concorrencia, sendo offerecidos á sua exma. esposa lindos ramos de flores. Na gravura acima se vêem o dr. Ranulpho Bocayuva e senhora, cercados por pessoas de sua familia e de seu vasto circulo de relações na alta sociedade carioca e fluminense.

FILIGRANAS

Tarde. O sol que se amortalha no incendio do poente. E eu que me levanto e vou andando pelo alvo caminho solitário. Tanta coisa me passa pela memória! Tanta coisa que se passou nesse mesmo caminho e que, embora ainda tão perto, parece que vae tão longe! Tanta coisa! A vida é feita de experiencias e das magoas dessas experiencias. Entretanto, ha experiencias que a gente desejaria recomeçar e outras que só o pensar nellas apavora...

Pelos ares vibrando, o bronze chora, cantou o poeta. O badalar dos sinos corta-me as scismas e eu estugo o passo para a cidade febril dentro da noite que desce...

UM CREPE PARA O MEU AMOR

Foi quando assassinaram o meu amor, que eu pensei: é preciso envolvel-o num crepe muito fino, muito leve, muito vaporoso...

E passei a procural-o. Escolhi o preto, symbolo da minha tristeza. Um contraste doloroso. O meu amor sentiu-se mal naquella côr. Escolherei novamente: o azul. Mas o meu amor, um pouquinho diabolico, não gostou della tambem. Eu queria sepultal-o á força. Depois de bem enfeitado, queria deposital-o, num sorriso, no seu caixãozinho rosa.

Não.

O meu amor persistia em ficar commigo. Um dia eu gritei, impacientada.

— Afinal, que queres que te faça?

Elle respondeu, garoto:

— Tu o sabes. Quero que me leves comtigo. Quero que tu me envolvas no doce crepe da recordação...

Eu me curvei á sua vontade.

Crepes...

E ainda procuro um crepe para o meu amor...

Conchita Cid.

O casal Santos Lobo, cercado de parentes e amigos, no cáes de Mauá, por occasião de seu embarque para a Europa, a 3 do corrente, a bordo do «Asturias».

TREPAÇÕES

A viuva tem amargurado a vida do rapaz.

Elle está completamente dominado pelos menores caprichos della, podendo ser considerado hoje um homem morto para a sociedade.

Não será de espantar que, de um momento para outro, surja a noticia do casamento.

Então, a obra ficará completa e acabada.

Uma casinha pequenina de avenida e os filhos do outro, ao redor, berrando pelas mammadeiras.

Si a viuva fosse rica ou bonita, estava decifrada a charada.

Mas, parece *canguru*...

O nosso amigo é realmente um caso perdido.

Nem mesmo depois de ser avô tomou juizo...

Gosta da *gandaia*, e pella-se por um passeio de automovel, em amavel companhia.

E como é um principe no volante, como adora a vertigem da velocidade, conduz de preferencia o seu automovel para as praias distantes, pelos caminhos desertos, onde póde correr á vontade...

Numa das noites da semana finda, o nosso amigo passou, entretanto, por um grande susto, enfrentando uma situação melindrosa, da qual se livrou tão sómente devido a um ousado golpe de sorte.

Havia parado no Leblon, quando subitamente se viu cercado por dois policiaes façanhudos.

Era prohibido automovel parado na praia.

O nosso amigo explicou que havia parado o carro para verificar por que o motor estava falhando...

Os policiaes replicaram que

O pequeno Rolando Flores, filho do dr. Oliveira Flores, advogado em nosso fôro, é um garoto intelligente, bonito e divertido. Passando amanhã o seu natalicio, elle offerecerá, na residencia dos seus progenitores, um baile e uma hora de arte aos seus graciosos amiguinhos.

eram *ordens*, ao que a victima respondeu que era um absurdo, uma violencia...

Mas, calmamente, os policiaes disseram que não tinham competencia para apreciar *ordens* superiores, e que o nosso amigo devia explicar-se com o commissario.

A dama tremeu pensando no marido, e o heróe do caso tambem, imaginando o escandalo em perspectiva.

Então, elle teve uma idéa salvadora.

Gritou que dali os soldados só o levariam morto para a delegacia, que era official de marinha e que só acompanhado de um collega iria á presença do commissario. Que os soldados fossem buscar um official para o prender.

A' voz de official, os soldados perderam a energia e desmancharam-se em desculpas.

Seu tenente devia comprehender que elles não sabiam com quem estavam falando...

Que desculpasse: eram *ordens*...

Deante do exposto, o nosso amigo recobrou animo, olhou os soldados por cima dos hombros, com desdem, e pedalou o motor, partindo, veloz.

Mais tarde, contava o nó, rindo-se, numa róda de companheiros, garantindo que a dama que estava ao seu lado não havia ganho para o susto, tendo jurado nunca mais metter-se em passeios de automovel.

O vôvô precisa tomar juizo...

CASAR é bom, mas não casar é muito melhor.

Assim falava a linda creatura o outro dia, numa casa de chá, a uma amiga que a ouvia muito espantada.

Nós tambem não deixámos de achar estranhas as palavras de *madame*, porque sabiamos a historia do seu casamento quasi recente.

Um romance de amor, suave, com todas as condições de um epilogo feliz.

Ella, formosa, rica; elle, rico, bôa apparencia.

O casamento foi o outro dia.

Tinhamos a impressão de que o casal vivia ainda em plena lua de mel.

Ella, porém, já affirma que casar é bom, mas não casar é muito melhor...

Deve ter sido grande a decepção experimentada por *madame*.

O menino Reginaldo, filhinho do sr. Oswaldo Telles de Souza e de sua exma. esposa, d. Regina Carvalho de Souza.

A galante Maria Celeste é tambem filhinha do casal Oswaldo Telles de Souza e reside, como seu irmãozinho Reginaldo, em Nictheroy.

FILIGRANAS

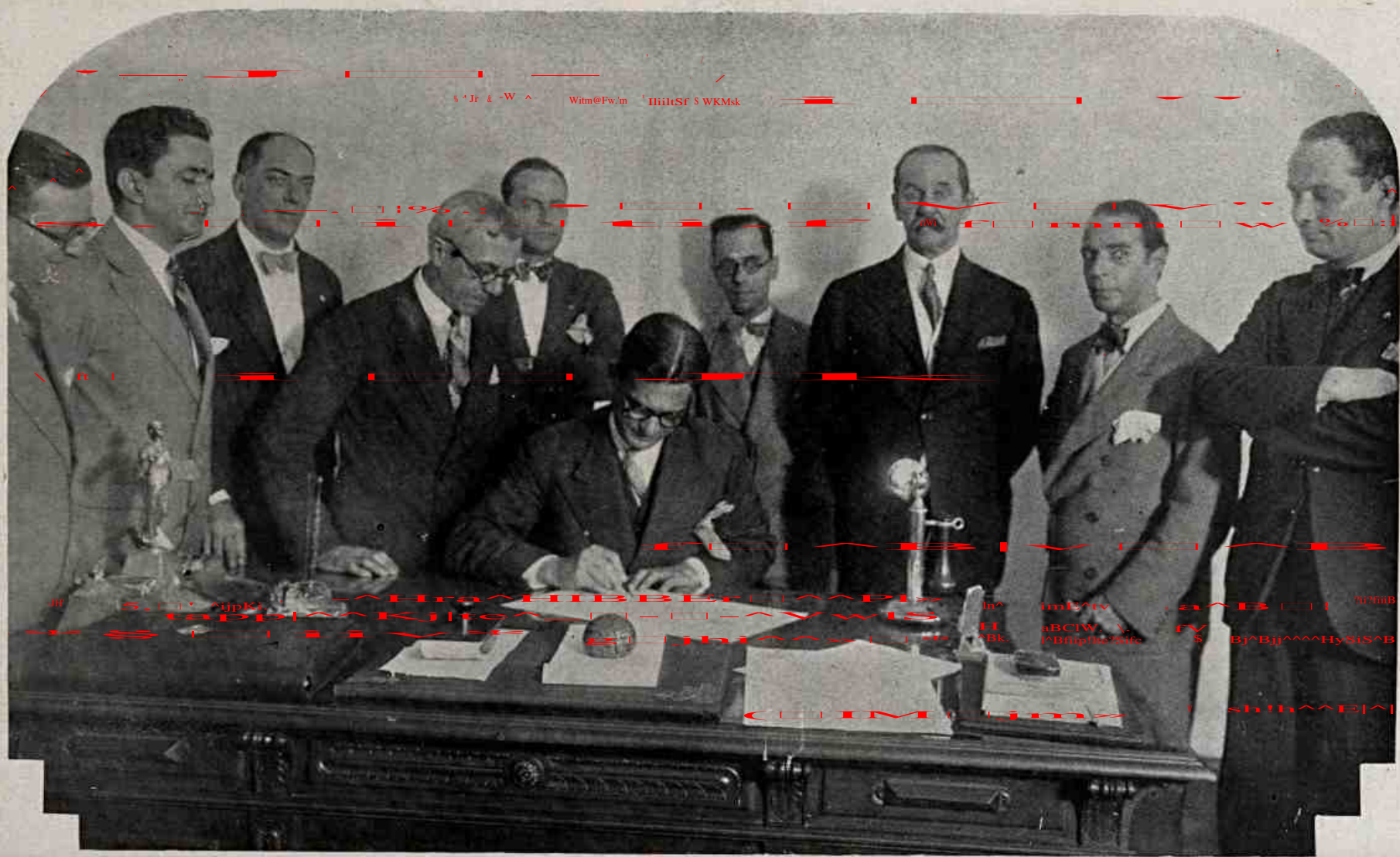
A's vezes, quando olho a figura chata de certos deputados, sinto-me cheio de asco. Acodem-me á mente aquellas palavras candentes do grande João Francisco Lisboa: "obscuras mediocridades que rebaixam por todos os modos o logar de deputado...'" Coitados! O estomago preso aos seis contos de subsidio, nem se dão conta do desprestigio horrivel a que hoje em dia chegaram as suas funcções...

No luxuoso palacete de sua residencia, em Copacabana, o distincto casal dr. Aristóteles Coutinho reuniu, a 29 de Junho ultimo, as pessoas de suas relações mais intimas para commemorar, com uma encantadora festa regional, o dia de S. Pedro. A nota de originalidade dessa fina reunião familiar deram-na as elegantes figuras femininas que nella tomaram parte e que se apresentaram em trajes caracteristicos, de accordo com os nossos costumes tradicionaes. E, assim, entre fogueiras crepitantes e fogos de artificio, num ambiente de ruidosa alegria e fina cordialidade, é que S. Pedro foi festejado á... brasileira, dentro da mais rigorosa observancia da pragmatica tradicional. As gravuras que aqui estampamos focalizam dois interessantes aspectos da linda reunião, vendo-se, ao alto, um grupo de pessoas, reunidas, antes do inicio das danças, no salão da residencia Aristóteles Coutinho, e outro numa rústica e pittoresca dependencia do vasto e bello parque da luxuosa vivenda.

FESTA

Na séde do Country Club realizou-se, a quatro do corrente mez, o lindo festival, ao ar livre, com que a sua illustre directoria commemorou o «Independence Day» e, ao mesmo tempo, homenageava a distincta officialidade do cruzador inglez «Delhi», que se encontra actualmente no porto

AMERICANA

desta capital. Todos os numeros do interessante programma organizado para essa encantadora festa foram desempenhados a rigor, muito contribuindo para animar aquelle ambiente de intensa alegria e fina cordialidade.

Apostilhas

DIZEM os astronomos que existe um planeta denominado Vulcano, quasi invisivel por se achar debaixo da irradiação do sol, muito proximo dessa estrella chefe do nosso systema.

O que se passa entre os planetas muita vez acontece entre os proprios mortaes: o brilho exaggerado de uns esconde o brilho, embora invulgar, de outros.

* * *

O mysterio das cousas, que o homem, desde tempos immemoriaes, busca afanosa e ansiosamente descobrir, uma vez descoberto, talvez, seja como todos os mysterios que se descobrem — simples desillusão. Talvez mesmo o encanto da vida residisse em se não poder responder ás eternas perguntas: — De onde? Por que? Para onde? Para que?

* * *

A cobiça e o amor são os acicates que sempre esporearam, que esporeiam e ainda esporearão sempre todos os argonautas do mundo.

* * *

A palavra é ubiqua e indestructivel. Sôlta ao vento ou transcripta no papel, cedo ou tarde ella vencerá os homens e as proprias cousas.

* * *

As lendas dos thesouros e das minas são uma necessidade para a acção civilizadora do homem á face da terra. São ellas que conduzem as aventuras fecundantes aos desertos inviolados e ás florestas virgens. Dão aos individuos a força sobrehumana com que realizam invasões, bandeiras e conquistas.

* * *

O sentimento religioso, que foi o primeiro a abrolhar, depois do medo, na alma barbara dos nossos veneraveis avós das edades de pedra ou lacustre, será o derradeiro a deixar o coração do homem?

BASTOS PORTELA

Sua alma e seu temperamento revelados pela graphologia.

A primeira cousa que resalta na letra de Bastos Portela é a mobilidade. Espirito ardente como o fogo, a sua insaciedade psychica ascende aos limites extremos de uma agitação mental quasi mórbida.

Sua alma espera sempre, sempre, o *inédito*, e soffre porque raramente o encontra. Bizarro por indole, procura, sem treguas, a sensação nova que nunca vem. E, desde os seus dias da adolescencia, aguarda qualquer felicidade ou qualquer acontecimento que elle proprio não sabe precisar, mas que o seu coração intensamente deseja, sem jámais ser satisfeito.

E' um romantico materialista. Sua imaginação se parece com a de um beduino: é quente, fogosa, causticante, até o ardor da braza. Tudo para elle deve ser brilhante, rapido, incisivo.

Caracter profundamente altivo e combativo, não rejeita a luta, que, em todo o caso, só lhe interessa quando não muito demorada, porque um dos caracteristicos essenciaes da sua natureza é a soffreguidão, a impaciencia, a pressa de acabar o que já iniciou com enthusiasmo.

Sua força de vontade é bastante accentuada, comquanto a imaginação a disperse a todo instante, desviando-a para caprichos e extravagancias sensoriaes.

Senso esthético evidente; paixão pelas letras, pela belleza, pela arte, pelo movimento, pela luz, pela vida. Intelligencia penetrante e inquieta.

Sente uma enorme attracção pelo *eterno feminino*, chegando a ser um exaltado. Entretanto, o seu amor proprio é tão forte, que vence a volupia, toda vez que a sua dignidade soffre por causa das mulheres. Sensual e observador, pertence a esse genero de philosophos experimentaes dos sentidos que acham que cada minuto que passa é um mundo de delicias ao alcance do nosso tacto, do nosso olhar e das nossas mãos.

Intuitivo em elevado grão. Potado brilhantemente da faculdade do *maravilhoso*; espirito propenso ás sciencias occultas; attrahido pelo mysterio, seja este espiritual ou mesmo carnal.

Tem predilecção pelas palavras sonoras e leves.

Suas idéas saltam-lhe do cerebro, faceis, tepidas, coloridas, como laços envolventes, em cujas pontas faiscassem raios de estrellas.

Amavel e bem intencionado, conhecendo, por experiencia, o meio de agradar ás pessoas da sua sympathia, é effusivo, excessivo, tropical, a ponto de se prejudicar ás vezes, porque descobre demais a sua alma.

Em amor, é tenaz, e fecha-se dentro de si mesmo, se lhe contrariam o desejo, não obstante ser altamente affectivo e sensivel á emoção.

Sêde de ternura. Ansia de liberdade. Coração largo, batendo com sangue impetuoso, e, não febril. Pulmões dilatados, respirando com desafogo.

Traços de neurasthenia, por "surmenage". Tristezas intimas e não confessadas. E' um desses temperamentos que pódem praticar o mal; todavia, após este praticado, se commovem e choram dentro do seu pensamento, guardando, em silencioso pudor, as lagrimas no fundo do espirito.

PADUA DE ALMEIDA

PADUA DE ALMEIDA não é só o poeta que nós todos conhecemos; é tambem um perigoso *revelador* de almas, que a graphologia, mais ou menos discretamente, lhe dá a conhecer.

Esta pagina com que o seu percuciente coup d'œil de graphologo, doublé de psychologo, põe... semi-núa a alma de Bastos Portela, nosso prezado companheiro de redacção, é um documento curioso e cheio de revelações interessantes.

Semi-núa — dissemos — porque Padua de Almeida, com sua fidalga gentileza, seria incapaz de pôr núasinha, em pello, a alma complicadissima do querido poeta do Suave Enlevo.

E fez bem, pois, mesmo sem commetter esse attentado ao pudor de seu collega de musas — deu-nos, delle, um estudo graphologico em que, "sobre o manto diaphano da fantasia a nudez forte da verdade" esplende magnifica e sincera.

"Meu amigo. Escrevo-lhe no derradeiro dia da minha vida de solteira... Amanhã, a esta mesma hora, deverei estar casada.

Um sonho! Um sonho, bom ou máu, não sei, nem quero saber. Tudo está preparado para a cerimonia, os convites distribuidos, e acaba de chegar, neste instante, o meu vestido de noiva. Entretanto, meu amigo, até esta hora em que lhe escrevo, eu não tenho ainda certeza si devo ou não me ajoelhar perante o altar, vestida de branco, porque temo trahir o nosso grande segredo.

Tremo da cabeça aos pés, possuida de um terror que cresce á medida que as horas avançam, e tão grande é a minha afflição, que tenho medo de enlouquecer.

Você é a unica pessôa, meu amigo, que póde avaliar o soffrimento que me domina.

A minha alma não tem segredos para você, porque deixei na sua bocca o ardor do meu primeiro beijo de mulher.

Não sei si fiz bem ou mal, mas, obedeci a um irresistivel impulso do coração. Não chorei, porque a chamma do amor me aquecia toda, e os meus olhos sorriam.

Era o supremo instante de alegria da minha alma desabrochando para a vida, ao encontro de outra alma irmã, arrebatada pelo mesmo anseio.

Fui feliz. Fomos felizes! Só mais tarde comprehendi que eu tinha sido sua, mas que você não era meu...

Não devo recordar como isto foi.

Esta carta não é escripta para um desabafo, nem para lhe amargurar.

Mentiria a mim propria si lhe confessasse o meu arrependimento, ou si duvidasse do seu affecto.

Conheço-o muito bem, e sei que você soffre.

Mas, o meu soffrimento é muito maior que o seu, querido amigo.

Você não póde quebrar a cadeia de oiro que lhe prende ao lar, nem eu tenho o direito de exigir a consummação de um sacrificio que importaria na morte do seu anjo tutelar, essa velhinha bôa e santa que é a sua mãe.

Comprehendo tudo, perfeitamente.

Faz hontem um anno que você partiu sem esperança de voltar.

Eu não posso ir para o seu lado, muito embora tenha a illusão de que o vejo ao pé de mim, sempre, embora sinta a sua bocca junto á minha!

Estamos deante do irremediavel!

E' uma situação dolorosa, que não póde ser prolongada, mesmo que importe no sacrificio de nós ambos.

Meu pae perdeu os ultimos haveres numa especulação commercial de resultados desastrosos.

Está arruinado, desanimado, velho, sem forças para dar novo rumo á vida.

Uma unica esperança lhe resta, que é casar-me bem, como elle m'o diz.

E a occasião se me apresentou...

Fizeram-me noiva! Oiça como isto é horrivel!

Um homem quasi maduro, vivido, de physionomia fatigada.

Foi meu pae quem o conduziu pela mão até junto a mim, numa noite em que eu tinha os olhos vermelhos de tanto chorar de saudades suas.

Não podia recusar a fortuna que entrava pela nossa casa a dentro...

Esse homem, amanhã, deve ser o meu marido!

Veja bem, a mesma fatalidade nos persegue...

Sacrificamo-nos para que os nossos paes vivam...

Que ironia do destino, meu amigo, meu querido amigo!

Amanhã, devo vestir-me de branco, devo mentir ao cura que vae exaltar a pureza do meu corpo no instante de ser entregue ao homem que odeio, que detesto, que me repugna.

Amanhã deve se consummar esta infamia sem um protesto meu, si até lá tiver forças para suffocar o segredo do nosso amor!

Devo emprestar á physionomia o meu melhor sorriso para que todos sintam a minha felicidade...

Devo reunir forças para que o meu noivo não leia nos olhos a traição que lhe prepara a minha alma!

Como isto é possivel?!

Diga-me. Diga-me qualquer coisa, meu amigo. Uma palavra... Uma palavra, fazendo-me sentir que não pratico a infamia de enganal-o, que você acredita que sou sua, sómente sua.

Diga-me si devo ser uma filha obediente, ou qualquer coisa, emfim, que me faça recuar deante do homem que me espera!

Querido amigo, não quero dar a nenhum outro a illusão da felicidade, ao meu lado.

Mas, si amanhã esta desgraça se verificar, creia, eu estarei mais junta ao seu coração, como nunca.

Porque só você poderá comprehender a singeleza de um vestido branco, não deste que tenho deante dos olhos, porém, de um que trazia sobre o corpo no dia do noivado do nosso grande amor.

Sua, para sempre. — Violeta"

MARION

Dois usurarios se encontraram:

— Deixei de fumar.

— Por que?

— Porque os meus amigos levavam todos os meus cigarros.

O outro declarou:

— Pois olha, abandonei todos os meus amigos.

— Para que?

— Para ficar com os meus cigarros.

*

Leopoldo foi pedir a mão de Artemisia. O pae della responde:

— E's muito joven, meu caro, para esposares minha filha. Tens apenas 21 annos, emquanto ella conta 27.

— Mas senhor...

— Não; a differença, agora, é muito grande. E' melhor esperares cinco ou seis annos mais. Contarás 27, então, e ella terá provavelmente, a mesma idade...

*

A' cabeceira de um official está uma bellissima irmã enfermeira. O moço official olha-a continuamente:

De repente, exclama:

— Oh! Deus misericordioso!

— Que quer do bom Deus? Diga-me, a mim, que sou sua filha — responde-lhe a bella joven.

E o official, sem vacillar:

— Queria tornar-me seu genro!

*

O caixeiro novo entrou para o serviço do armazem de comestiveis. O patrão observou o serviço delle. No outro dia, chamou-o á parte, e declarou:

— Pude hontem comparar que todas as mercadorias que pesaste estavam justas no peso.

O caixeiro respondeu, satisfeito:

— Sim, senhor. Muito bem.

O dono do armazem disse, então:

— Está bem. Mas que seja essa a ultima vez.

*

O pintor. — Dize-me, caro amigo, tu, que és um homem de recursos: onde poderei encontrar um bom modelo para representar a expressão do mais profundo assombro?

O amigo. — E' a coisa mais simples do mundo. Vae pagar a um desses a quem deves.

*

A senhora Helena notou que Zizi, a sua filhinha de oito annos, deixou de comer pão. Agora, ella só acceita bolachinhas e biscoitos

Madame, estranhando o caso, perguntou:

— Zizi, por que não queres mais comer pão?

— Por que me causa repugnancia.

— Que queres dizer com isso?

E Zizi, encabulada:

— A professora me disse na escola que o nosso pão éra amassado com o suor de papae.

*

O individuo que se acha em situação inferior nunca está satisfeito com o bem estar alheio. E' que elle quer subir, quer estar de cima, e não admitte que outro o supplante.

Ha dias, um cidadão conversava com outro, á esquina da Avenida.

Diz elle, com despeito:

— Esses automoveis são detestaveis.

— Mas hontem — replicou o outro — você dizia o mesmo contra os transeuntes.

— Sim, — justificou-se elle — mas é que iam de automovel.

*

Numa escola media, depois da explicação de um argumento de biologia, o professor pergunta:

— Qual é a mais alta manifestação da vida animal?

Um alumno: — A girafa, senhor professor!

*

— Que preferes, querida: um porta-cigarros de ouro ou um collar de rubis como os teus labios?

— Prefiro o porta-cigarros de ouro, porque o vermelho dos meus labios é falso.

*

O marido. — Ouve, querida: não creio que queiras ir ao theatro com teu capote velho.

A mulher. — Ah, de certo que não! Não está mais apresentavel.

O marido. — Foi isto mesmo que imaginei. Por isso comprei só uma entrada.

*

— Sim, meu caro, vou a Napoles; faço a minha viagem de nupcias.

— Mas sozinho?!...

— Sim. Comprehende-se: minha mulher já lá esteve o anno passado.

Tres virtudes

Tres virtudes reconheço
Num só producto de escol:
Pureza, perfume e preço
No sabonete Eucalol.

Notas de Arte

Oscar D'Alva

CARLOS ZECCHI. — Mais dous concertos, mais dous triumphos de Carlos Zecchi. Foram os grandes successos da ultima semana. Ouviram-se então: I) Beethoven — 15 *Variações e Fuga*, sobre um thema da *Symphonia Heroica*; Cesar Frank — *Preludio, Aria e Final*; Gossens — *Kaleidoscopio*, op. 18; Liszt-Busoni — *Fantasia*, sobre o *Don Juan*, de Mozart; II) Mozart — *Ouverture do "Don Juan"*; Brahms — *Concerto em ré-menor*, op. 15 (piano e orchestra); Mendelssohn — *Gruta de Fingal*; Liszt — *Concerto em mi bemol* (piano e orchestra).

Em tudo o mesmo brilho, a mesma virtuosidade, a mesma perfeição technica e sobretudo a mesma belleza de expressão sentimental. Não fossem certos effeitos mimicos que acompanham as suas execuções, e de que aliás não estão isentas muitas summidades do piano, as impressões visuaes do executante dariam ainda mais esplendor aos esplendores sonoros, com que o pianista commove e empolga o auditorio ansioso e attento.

E' de vêr-se a mestria com que o famoso virtuose interpreta autores e peças de genero e estylo diversos, como o *Kaleidoscopio* de Gossens, serie de fragmentos descriptivos de uma vida de creança — brinquedos musicaes, e o poema de Cesar Frank, *Preludio, Aria e Final*, de admiravel unidade, cheio de calma e de grandeza, especie de Sonata, inspirada nas licções de Beethoven.

Mas, onde Carlos Zecchi mais se **revelou** pianista de excepcional realce, foi na execução das peças com orchestra. Os *Concertos* de Brahms e de Liszt. Houve momentos em que o piano constituiu realmente uma orchestra em miniatura; as teclas vibradas pelo virtuose soavam **como** violinos e flautas, trombones e fagotes; muitas vezes, a simultaneidade da execução dos instrumentos da massa orchestral e da execução do pianista davam a illusão de que Zecchi se desdobrava em varios professores da orchestra. Notamos este magico effeito especialmente nos ultimos tempos do *Concerto* de Liszt.

E' de assignalar-se que a concurrencia ao ultimo recital de Zecchi fez lembrar as orchestras das grandes vesperaes de Brailowsky. E o publico não se cansou de ovacional-o com ruidosos e enthusiasticos applausos: palmas e bravos ecoavam pela sala inteira.

Mlle. Spinelly, grande «vedette» parisiense de comedia e "vaudeville", que estreará com a sua companhia, no Municipal, no proximo dia 19.

A senhorita Messodi Baruel, primeiro premio (medalha de ouro) do Instituto Nacional de Musica, é uma violinista que tem dado provas brilhantes dos seus altos meritos artisticos. Quarta-feira da proxima semana, 16 do corrente, a senhorita Messodi Baruel dará, no theatro Municipal, com o concurso do professor Francisco Chiaffitelli, um recital em homenagem á exma. sra. Octavio Mangabeira, esposa do ministro das Relações Exteriores, e que constituirá, por certo, mais uma victoria para a sua gloriosa carreira.

LAURA SUAREZ. — Foi para nós quasi uma estréa o recital da Srta. Laura Suarez, realizado no Theatro Casino Beira-Mar, na tarde do ultimo sabbado, pois só a ouvimos antes, **numa** hora-de-arte do *Botafogo Football Club*. Infelizmente não nos foi possivel estar presente sinão á 1ª parte da audição, pela simultaneidade desta com a do grande concerto de Carlos Zecchi no Theatro Lyrico. Ainda assim, não queremos deixar sem registo as nossas impressões.

Embora não sejamos apologista do genero cultivado pela gentil senhorita, nem por isso deixamos de applaudil-o, desde que produzam as emoções de belleza que lhe são peculiares. Certo, em igualdade de condições, preferimos sempre a arte systematica dos civilizados á arte expon-

tanea dos primitivos, a musa urbana, á musa campesina; mas isso não impede que admiremos, quando bem interpretada, a poesia popular, e repillamos a alta poesia, atravéz dos máos interpretes; não impede mesmo que prefiramos a esta, aquella, se a interpretação da primeira despertar, e a da segunda adormecer a nossa sensibilidade.

Vem a proposito esta confissão, porque não nos parece que a formosa interprete da poesia e da musica popular brasileira tenha correspondido plenamente á espectativa sympathica com que aguardavamos o seu recital, dada a fama que lhe aureola o nome. Em geral gostamos da letra e da musica das cantigas de que é autora, mas, a não ser *Meu gaúcho*, não nos impressionaram, como esperavamos, as interpretações da bella "Miss" Ipanema.

Apesar de possuir voz adequada a toadas e cantigas, talvez mesmo a

NOTAS DE ARTE

(Conclusão)

fórmas superiores do canto, de ostentar porte elegante e rosto formoso — de formosura singular pela estranha morbidez dos traços — a Srta. Laura Suarez não realçou tão insinuantes dotes de modo a nos dar verdadeira impressão de arte, embora dentro do circulo estreito do canto ao violão. Se tivesse synchronizado a voz com os gestos e attitudes; se não se houvesse mantido de pé, quasi immovel, numa postura rigida, ao modular sambas e canções; se houvesse mobilizado toda a sua radiosa figura ao som das notas; teria tido outro successo, a bella violonista e cantadora. Talvez algum motivo occasional determinasse a especie de indifferença, de displicencia, com que nos pareceu ter executado os numeros por nós ouvidos. Entretanto, não obstante todas as restricções, acreditamos que, eliminados os defeitos e cultivadas as qualidades, a joven e formosa senhorinha justificará em pouco tempo, nos meios artisticos, o nome de que já goza nos meios sociaes, e então será, não só o que já é uma cantora linda, mas tambem uma linda cantora.

THEATRO LYRICO. — Supprindo a carencia de grandes espectaculos lyricos, que, parece, não teremos este anno, o incansavel emprezario Nicolino Viggiani vae proporcionar ao publico do Rio uma serie de representações populares de opera, a partir da 2ª quinzena deste mez, por uma Companhia Lyrica Italiana, que conta, no elenco, como primeiros cantores, 15 figuras, algumas das quaes, segundo nos informam, de real valor, e, no repertorio, as operas mais apreciadas dos mais famosos compositores italianos, francezes, allemães e brasileiros, taes como *Aida*, *Rigoleto*, *Otello*, *Favorita*, *Gioconda*, *Norma*, *Bohemia*, *Tosca*, *Manon*, *Carmen*, *Thais*, *Sansão e Dalila*, *Lohengrin*, *Guarany* etc.

Pouco antes dos espectaculos de operas, ouvir-se-ão ainda vesperaes de arte no Theatro Lyrico. Entre elles, o *Trio Brasileiro*, constituido pelos notaveis instrumentistas: a violinista Paulina d'Ambrosio, o violoncellista Alfredo Gomes e a pianista Amelia Rezende.

Não esqueçamos que está feito o elogio desse *Trio* nas palavras dos mais celebres pianistas que o applaudiram. "Merecia ser ouvido em Paris por um publico de escol", disse Arthur Rubinstein. E Freedman accrescentou: "Nunca pensei encontrar no Rio um *Trio* deste valor".

A nossa objectiva constata a fachada das novas installações da conceituada casa de Chapéos de Senhoras, de Mme. MARIA MAGRA, á rua do Ouvidor, 155, que offerece á élite carioca bellos modelos ao rigor da moda, confeccionados com arte e elegancia, facultando-lhe um modelar estabelecimento, com capacidade para attender a todas as acquisições com a maior presteza, mantendo magnifica exposição ao alcance do mais apurado gosto. Asseguramos que, com as ampliações do novo predio, a acreditada casa de Mme. Maria Magra terá seguro desenvolvimento, honrando a nossa capital com um prospero futuro.

GARÔA.

Em Tenerife

NOITE cheia de estrellas. E quasi tocando-as, pontilhado de luzes, o pico de Tenerife se levanta deante dos nossos olhos, cançados de ver, durante tantos dias, só o céo e o mar.

Uma alluvião de pequenas embarcações, lanchas, botes e barcaças, enxameia em torno do navio, como pigmeus em volta de um gigante. E turmas de vendedores põem o tombadilho em polvorosa, expondo os seus artigos multiplos e interessantes.

Manteaux de Manilha, bordados, colchas e toalhas, collares de madeira e galalith, brinquedos de chumbo e marfim transformam o passadiço numa feira internacional, onde se falam todas as linguas vivas e onde se discutem preços e legitimidade das bonitas coisas expostas. E um vae-e-vem de gente apressada, descendo e subindo a escadinha movediça pendendo sobre as ondas do mar...

Tenerife.

Na praça principal, ajardinada, uma banda de musica delicia os ouvidos da população que alli se reune todos os domingos á noite. A mim me pareceu estar no Brasil, vendo aquellas meninas de olhos escuros, passeando em cabello, porem com vestidos á ultima moda, e aquelles rapazes morenos, tambem sem chapeu, fazendo o "footing", commentando e "flirtando"... Tal qual na nossa terra.

Em Tenerife, ás 10 horas da noite, na bodega do José Benitez, intitulada "La Gaditana", reunimo-nos em torno de uma mesa tosca, emquanto o velho Benitez nos servia aquelle vinho velho, muito secco, e muito gostoso...

Duas melindrosas de bordo, um medico, dois estudantes, o commissario do vapor e um poeta nostalgico, e mais alguem, uma pequena e alegre comitiva.

E depois de ouvirmos algumas anecdotas espirituosas do medico, um rapaz pallido, interessantissimo, que passou os melhores annos de sua mocidade combatendo na grande guerra, o poeta disse uns versos da sua terra longinqua, emquanto as melindrosas riam, e o commissario recordava qualquer coisa, passada, lá longe, nos confins da Africa, onde a gente julga que a civilização não existe, mas onde existem tambem corações que soffrem...

E o vinho de "Gaditana" era bom, mas o vapor não tardava a levantar ancora e sob o céo estrellado voltamos para o cáes, emquanto a banda de musica local tocava uma linda marcha hespanhola, acompanhando, como em toda parte do mundo, o "flirt" das meninas bonitas de Tenerife...

E era quasi meia noite, quando o nosso barco foi singrando as ondas serenas e a pequena ilha canaria foi ficando lá longe, cada vez mais pequenina, pontilhada de luzes, como si a noite tivesse sobre ella estendido o seu manto estrellado...

COLOMMINA.

RITORNELLO

Deixa teu coração bater bem junto ao meu. Deixa que elle revele, no seu pulsar desordenado, tudo o que ainda não me quiz dizer esse outro coração que tens na bocca. Beija-me, querida, e deixa teu coração bater bem junto ao meu.

Recebe-me em teus braços para que eu tenha a illusão de que me queres assim como eu te quero. Acolhe-me em teus braços, o' misericordiosa, que meus olhos precisam dos teus olhos e meus labios anseiam por teus labios. Beija-me, querida, e deixa teu coração bater bem junto ao meu.

Deixa-me sentir o aroma estonteante de tua mocidade. Cobre-me com tua negra cabelleira. Beija-me, querida, e deixa meu coração parar juntinho ao teu.

Tenho medo do frio que ha pelas estradas. Tenho medo da saudade, ciumes do teu collo. Acolhe-me em teus braços, o' misericordiosa, que eu tenho vergonha do luar e das estrellas. Beija-me, querida, e deixa meu coração parar juntinho ao teu.

Ha de morrer aqui o coração que torturaste num capricho louco. E que seja essa, querida, a nossa maior felicidade. Eu sei que teus olhos, um dia, pousarão em outros olhos, que tuas mãos terão caricias para outras mãos, que teus labios perfumarão outros labios. Mas deixa, primeiro, meu coração parar juntinho ao teu. Não me promettas nada, não me guardar fidelidade. Porque, deante do teu corpo do, eu só creio, o' divina, na delicia da vida. me em teus braços para que eu tenha a suprema são de que me queres assim como eu te quero. agora, meu coração morrer juntinho ao teu. que elle siga, por entre o frio e as nevoas desta o aroma estonteante de tua mocidade.

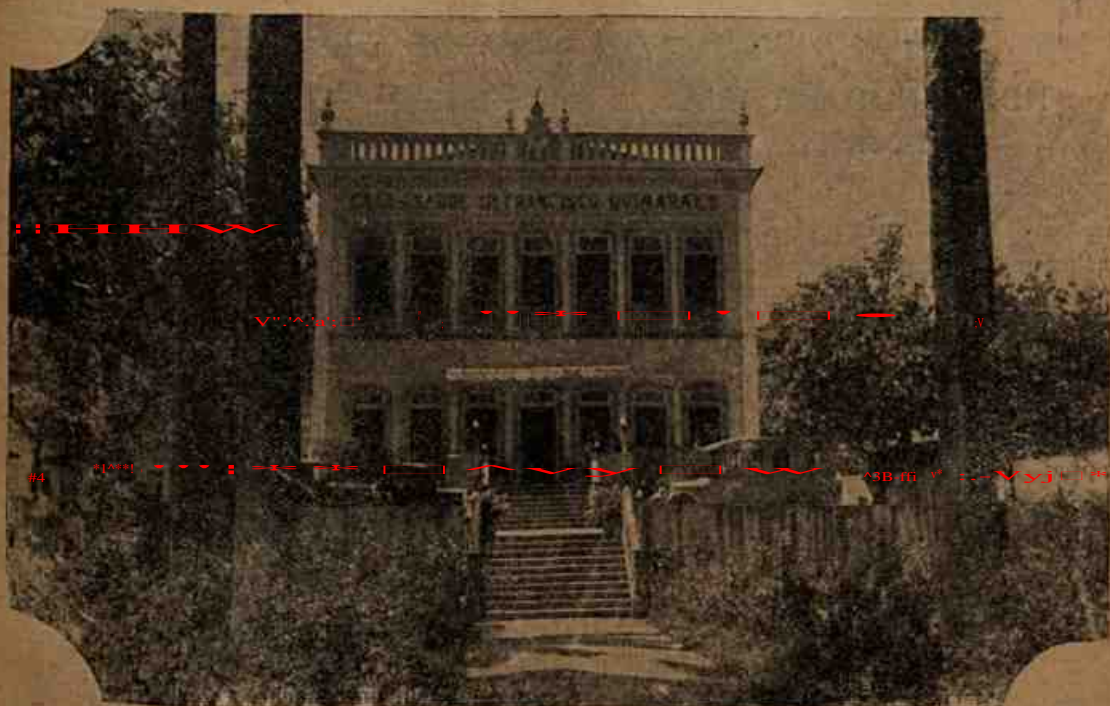
Horacio Me[...]

JAURÈS

Jaures, o "leader" socialista francez, contou seguintes termos, o que lhe aconteceu no inicio sua carreira de orador publico:

"Num comicio numerosissimo, depois de terem lado alguns dos mais antigos, comecei a falar. assembléa estava muito excitada; e eu, excitadissimo. Falei com grande calor; fui applaudido. Voltei casa satisfeitissimo com o meu successo, mas cei a pensar que, talvez, me tivesse excedido. tambem allusões pessoaes que poderiam trazer grandes aborrecimentos. Fiquei todo agitado, e mi muito mal, sonhando com desafios, duellos, muitos, o diabo a quatro!

"Na manhã seguinte, levanto-me e precipito para os jornaes, na afflicção de saber o que di[...] Corri columna por columna, cheio de ansiedade nervosismo. Finalmente, encontrei aquella que se feria ao meu discurso, e li apenas o seguinte:

"Depois falou tambem um rapazola chamado Jaures."

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÃO — E . . . DETESTAVEL

NO MUNDO DA LUA

Da Metro

Cinema PALACIO — O que caracteriza este filme, para o desvalorizar, é o prolongado de certas scenas e monotonia da acção. O ambiente das caixas de theatro não dá margem a grandes novidades. E' o mesmo em toda a parte e em todos os tempos. Ha, comtudo, neste filme, um valor a salientar: a belleza dos trechos musicaes. As scenas coloridas não surprehendem, por já ter apparecido cousa melhor. A interpretação é fraca e a technica bastante descorada.

Cotação — SOFFRIVEL

PÃO NOSSO DE CADA DIA

Da Fox

Cinema ODEON — E' um filme com a direcção de Murnau. Que deseja mais o nosso leitor? Do talento desse director não póde sair obra mediocre. Accresce que sob o seu dominio de genio filmesco se encontram artistas como Charles Farrel, Ernest Torrence e a formosa Mary Duncan. O enredo é duma grande simplicidade mesmo de simplicidade abaixo do merito daquelle grande mestre. De tal enredo, porém elle teve artes de, com o seu genio, produzir emoção e belleza. E' um trabalho que nos deixa a melhor das impressões e que serviu, para Mary Duncan de demonstração de que ella é capaz de se impôr mais do que pela sua belleza, porque nesta producção conseguiu manifestar-se uma intelligente intrprete. Technica excellente, acompanhando o merito da direcção.

Cotação — BOM

A NOITE E' NOSSA

(Da ?...)

Cinema GLORIA — A comedia de Kitimkers, tão vulgarizada no seu original theatral, que já teve uma edição cinematographica franceza, teve na edição filmesca allemã, apresentada pelo programma Serrador, uma interpretação *hors digne*, verdadeiramente encantadora, em que o espirito romantico do original se valorizou pela enscenação. O original literario do grande comediographo flamengo é já de si uma obra de alta espiritualidade. E' um trabalho que pediria os nervos duma Greta Garbo. A edição allemã que o Programma Serrador nos apresentou é excellente como adaptação. Simplesmente teria sido de bom alvitre não deixar exhibir-se as scenas, sem nenhuma synchronização, nem musical, nem dialogada. Dá monotonia. De resto, o filme deixou-nos a melhor das impressões.

Cotação — BOM

NOS CINEMAS DA AVENIDA (Continuação)

DIAS FELIZES

Da Fox

Cinema ODEON — Para os *fans* adoradores do céo estrellado da Fox, esta revista foi um encanto. Na realidade, sem podermos considerar este filme um dos assombros dos studios creadores da "Fox-Follies", é um filme alegre, cheio de vida, com encantadores numeros de musica, apresentados num perfeitissimo trabalho de movietone. O filme agradou ao numeroso publico que o viu, e tem condições para uma carreira victoriosa, porque é alegre, variado, interessante a muitos titulos. O enredo é quasi um pretexto. Tem pouca consistencia e delle quasi nos esquecemos para ver apenas as scenas encantadoras da revista, lançadas com aquelle brilho, gosto e perfeição que caracterizam os trabalhos da Fox neste genero.

Cotação — BOM

UM PERFEITO CONQUISTADOR

Da Paramount

Cinema CAPITOLIO — Uma pellicula de ambiente bem americano. Mesmo que não fôsse um bom filme cantado, falado, synchronizado, era uma interessante pellicula muda, porque o argumento, o seu scenario, apesar de serem accentuadamente norte-americanos, prendem pelo interesse da acção e pela sua cuidada sequencia. E' um filme que irresistivelmente se vê até ao fim. William Powell, Helen Kane e Fay Wray são tres interpretes admiraveis. Saliente-se com justiça o trabalho do primeiro, que é um artista ao modo antigo (este antigo é de hontem), cousa rara nestes tempos em que predominam os cantores... sem arte.

Cotação — BOM

"O MAMUDE"

NA antiga Escola Militar da Praia Vermelha, antes da proclamação da Republica, havia um professor, o dr. Leopidio Garrão, que os alumnos appellidaram de "Mamude", nome derivado de mammuth, elephante fossil que viveu durante a epoca quaternaria.

O dr. Garrão era de côr escura, gordo, baixote e de voz muito fina. Irreprehensivel na indumentaria, nunca abandonava o frack. De grande talento e preparo, levava o estudo muito a serio e, por motivo nenhum, deixava de dar aulas. Por ser muito rigoroso no julgamento das provas, não gozava de sympathia entre os seus alumnos. Leccionava arithmetica e, mesquinho nos gráos, difficilmente dava uma nota boa por uma sabbatina. Mas os gráos delle valiam muito mais que os de outros professores. Gostava de metter a ridiculo os alumnos que se afastavam de certas normas de conducta e tornava-se, ás vezes, bastante ferino.

Certa occasião, o alumno Serpilio Gonçalo entra esbaforido, de olhos arregalados, na aula, quando já havia começado a lição.

Interrompendo a explicação, pergunta o "Mamude" ao alumno retardatario, cujo physico descreve:

— Sr. Serpilio, que idéa faz o senhor de um moço, magro, alto, esgulo, cansado, com os olhos esbugalhados e cara de doido, estudando arithmetica na Escola Militar?

— Eu faço melhor idéa do que de um negro, baixo, gordo, barbudo, feio, mettido a conquistador, ensinando arithmetica na Escola Militar.

Não gostou da resposta o "Mamude". Serio e energico, retrucou:

— O senhor retire-se, que eu não quero aqui alumnos malcriados.

Ha muitos e divertidos casos do tempo em que o dr. Leopidio Garrão leccionava.

Na epoca em que os bondes eram puxados a burro e não chegavam até á Escola Militar, os professores ou iam para as aulas de tilbury, ou por mar, num pequeno escaler que fazia a viagem de Botafogo á Praia da Saudade e vice-versa.

O dr. Garrão era tão assiduo, que, uma occasião, tendo cahido nagua quando saltava do escaler, foi, todo encharcado, dar a aula á sua turma.

Certo dia, numa quinta-feira, os alumnos do "Mamude" fizeram gréve e não foram á lição. E, mais ainda: Puzeram um cavallo muito manso que havia na Escola dentro da sala do pavimento terreo, onde o dr. Leopidio dava aulas.

O "Mamude", entrando, viu o animal: o bedel quiz retiral-o, porém elle não deixou.

E, a despeito dos rinchos do cavallo, deu talvez a maior aula do anno.

Quando terminou a lição, voltando-se, fala ao animal:

— O senhor diga aos seus collegas que no proximo sabbado temos uma sabbatina; entra toda a materia dada, inclusive a de hoje.

Leopoldo D. Amaral

A GARAGE DO LYRISMO

HORMINO LYRA

MURILLO Araujo não se fez poeta; nasceu bafejado pela Musa gentil que preside a harmonia, a poesia lyrica, e lhe fôra companheira de infancia, pois, ao decorrer da decima oitava primavera do fio vital, já empunhava um sceptro para, em 1917, entregar a Polymnia o seu primeiro poema, "A Galera", incluso em "Carrilhão". Mais tarde, em 1921, anno em que se bacharelou em direito, á sombra do sempre verde loureiro, offertara á Musa predilecta "A Cidade de Ouro". Por fim, em 1927, sobraçára o symbolico rolo de papyro para depôr ás mãos da mesma filha de Jupiter "A Illuminação da Vida", e a Academia Brasileira de Letras, por votação unanime, déra por bem laurear-lhe o livro com o primeiro premio de poesia.

* * *

Medeiros e Albuquerque, primeiro titular da cadeira numero 22 da A. B. L., com o privilegio das expressões engraçadas, das phrases elegantes, dos bons ditos, em cuja dextra a penna nunca serve para detrahir ninguem nem será uma arma para esgrimir com outrem, mas o escalpello para, num golpe de fina ironia, fazer sahirem os maus humores que perturbam a intelligencia do contendor, é um jornalista de pulso de aço.

Além de jornalista, é escriptor e poeta. Si, como escriptor, descreve com arte tudo o que pensa, como poeta, sabe colorir com subtileza e graça os mesmos pensamentos.

* * *

Quando preparou Murillo o discurso de agradecimento por si e pelos companheiros de laurea, submettera-o á apreciação da directoria, consoante o art. 5°, letra b), do *Novo Regimento Interno*, elaborado ao tempo da presidencia Ruy. No Petit Trianon encontrava-se entre os presentes o immortal Medeiros, a quem deram a ler o pequenino trabalho.

Era contrario a discursos de agradecimentos, affirmava, mas aquelle lhe agradava pela qualidade dos termos e quantidade de palavras. Era contrario, justamente para se evitarem os discursos de *legua e meia* dos laureados; firmando-se, porém, a pratica de discursos na medida dos agradecimentos de Murillo, nada tinha a oppor.

Os circumstantes riram, e concordaram os immortaes presentes com a idéa do ironico Medeiros, a qual, em verdade, julgaram optima.

* * *

Murillo aproveitara o ensejo para dirigir-se ao academico e agradecer-lhe a gentileza. Estava deveras surpreso, pois esperava não es- vesse elle de accordo com o curso.

— Por que? — interrogara o pro- prio immortal.

— Porque me informaram que o senhor não gostava dos poetas, sendo certo serem encontrados, certa vez, num *sêbo* do Rio, muitos livros de poesias de autores nacionaes, com dedicatorias a Medeiros e Albuquerque, e talvez vendidos a peso!

Exclamara o academico ser grave injustiça; pois, quando foi á Europa pela ultima vez, e afim de armazenar em Paris o grande numero de volumes de versos produzidos pelos compatriotas, teve a necessidade de fazer despezas com o aluguel de uma garage!...

E foi por isso que a este trabalho puzemos o titulo de a garage do lyrismo.

30 ANNOS DE USO CONSAGRADO!

CREME DO HAREM

CONTRA ESPINHAS, RUGAS, MANCHAS, PANNOS E ERUPÇÕES DA PELLE

Larga-me... Deixa-me Gritar!...

Xarope São João

É O MELHOR PARA TOSSE DOENÇAS DO PEITO

ALVIM FREITAS - Rua W. Braz, 22 - São Paulo

Visitas inesperadas

nos dias de indisposição natural. Que tranquillidade o saber que Modess offerece segurança absoluta! ◆ ◆ ◆ É a toalha sanitaria moderna de incomparavel commodidade cujo enchimento, suave e absorvente, se dissolve totalmente na agua corrente. ◆ ◆ ◆ O seu lado impermeavel torna a protecção ainda mais efficaz.

Experimente-a e convença-se.

A BELLA FRONTE

CAROLA PROSPERI

UMA fronte obstinada, soberba, sim, desde pequena. E era uma bella fronte, lisa, branquissima sob a onda dos cabellos negros. Mas, talvez, muito alta, um pouco desproporcionada para os traços miudos, regulares; mas uma fronte que se impunha.

Em casa, o pae dizia, com uma certa complacencia: — Carla é um typo, tem idéas suas. A mãe tinha orgulho della, e dizia: — Carla é séria. A irmã mais velha, que sentia ciumes daquella preferencia, protestava: — E' uma presumpçosa e uma teimosa, ainda não se aperceberam disso!... As criadas temiam-na: — A senhorinha Carla impõe mais respeito a todos por aquelle seu modo de olhar e por não dizer nada tambem...

Não lhe importava a opinião alheia; parecia ter consciencia de sua perfeição intima e de que era uma creatura excepcionalmente limpida, pura, segura de si, creatura que não seria nunca manchada pelo peccado. Trazia altivamente a sua fronte, olhava em torno com aquelles olhos graves e um pouco severos. Não tinha nunca uma duvida, nem uma hesitação. Tudo era tão logico no mundo!... Quem agia bem na vida, andava tranquillamente e em boa ordem por uma estrada plana e risonha; quem fazia o mal, se arrastava penosamente, com uma fadiga immensa, por uma estrada lamacenta e pedregosa. Mas por que não escolhiam todos o caminho mais commodo? Seria tão simples!...

Em sua casa tudo andava sempre bem; o pae trabalhava incansavelmente; a mãe governava, com intelligencia, a casa; a primogenita era, segundo a sua opinião, um pouco frivola, mas, no conjuncto, ajuizada. Os dias deslisavam para elles sem alterações, sem contrastes. Por que não eram assim todas as familias? Por que havia gente que se arruinava moralmente, que cahia na miseria por culpa propria?

Quando dizia estas coisas, a mãe olhava-a com uma condescendencia mesclada de respeito e, talvez, de um pouco de temor; o pae punha-se a rir e a irmã encolerizava-se: — Tu não comprehendes nada — dizia-lhe — és um pedaço de gelo, não tens piedade de ninguem.

Contava quinze annos quando toda a parentela foi perturbada por uma desgraça ou, melhor, por um drama: um primo, medico distincto, o mais importante facultativo de uma cidade do meio-dia, matara, com um tiro de revolver, a mulher que o trahia. Carla não soube logo do facto, mas, depois, começou a ouvir falar delle em casa, e a mãe, durante todo o tempo que durou o processo, chorava sempre. Quando elle foi solto, tambem Carla se encontrava ao par de tudo. Dizia, então: — Era justo que o absolvessem.

Todos ficaram desconcertados; ainda que estivessem satisfeitos com a absolvição, ninguem tinha ainda dito aquella phrase em casa. A propria mãe observou: — Carla... que dizes tu? — A irmã, que aninhava idéas feministas, olhou-a com olhos inflammados: — Ah! tu admittes que se deva assassinar a mulher?... Mas Carla não se abalou.

— Mas se trahia o marido! Ao marido não se deve trahir.

E calou-se, como se não tivesse ouvido as razões da irmã e sentido sobre si o olhar dos progenitores.

Impeccavel, mantinha levantada a fronte nua, que parecia a fronte lisa e alva das [illegible] de marmore.

O tempo passou. A irmã casou-se e partiu; o pae, doente do coração, faltou de repente; ficaram apenas a mãe e Carla; uma vida monotona, tranquilla, sem emoções e sem revezes; a estrada das pessoas de bem, a estrada commoda, onde não se têm maus encontros.

Carla era uma bella moça agora, mas desses typos frios e severos de mulher; intimidava a todos, e, além disso, a vida que levava era tão retirada que difficilmente (assim pensava a mãe, com uma certa inquietação) encontraria um marido que lhe conviesse. E um acontecimento quando o primo, de volta da America, para onde se fôra depois da absolvição e onde estivera durante dez annos, desembarcou em Genova, cidade em que ellas moravam, e foi visital-as. O tempo passara, Carla não se recordava... Mas ao olhar que lhe deitou a mãe e á sua voz commovida: — E' o primo Ludovico — ella se lembrou, e estendeu, para saudal-o, a sua bella mão, longa e perfeita, que não tremia.

— Carla!... — exclamou elle, emocionado. — Vi-te menina, uma vez, não te deves recordar mais... Em que moça te tornaste, Carla!

Percebia-se a sua admiração no tom de voz em que pronunciara essas palavras. Na penumbra do pequenino salão, ella se erguia, direita, esbelta, com aquella bella fronte marmorea, sob os cabellos lustrosos, e os olhos com uma expressão séria e profunda. Fixava o primo, tranquillamente; elle não apparecia a seus olhos como um homem qualquer. Tinha um rosto pallido, bem escanhoado; um rosto que seria pouco expressivo sem os olhos de um bello cinzento azulado, de uma expressão viva, joven, em contraste com a bocca desdenhosa e delicada. Aquelle rosto revelava vontade e rectidão; um caracter forte, uma visão segura da vida, uma profunda confiança em si mesmo.

Assim pensava Carla. E se tivesse cedido a um impulso muito intimo, teria perguntado: — Mas como se póde trahir um homem como este?...

A mãe calava-se, assentada a um lado do canapé. Carla e Ludovico não se apercebiam do seu silencio; conversavam; uma sympathia mutua começava a prendel-os. Elle dizia que não estava certo de emprehender de novo a carreira na Italia, mas que para a America não voltaria mais, já tinha ganho muito lá. Possuia fundos na Calabria; uma bella casa; queria estabelecer-se alli, em pleno campo; começar uma vida nova, cuidar dos seus interesses. Estava farto das grandes cidades; desejava a paz, a vida tranquilla, campestre, nada mais.

Palestraram ainda um pouco; depois, em logar de partir de Genova, voltou outras vezes, voltou sempre. E, após muitos colloquios, perguntou a Carla se consentiria em acompanhal-o, isto é, em esposal-o. Parecia temer que ella não quizesse deixar Genova e que se adaptasse difficilmente á vida do campo, mas ao passado, não.

E, de facto, Carla não dava a impressão de pensar nelle. E acceitou casar-se, não obstante as lagrimas da mãe e as scenas que lhe veiu fazer a irmã: — Vaes casar com um assassino!... — com a ameaça de romper todas as relações com ella. Nada pôde vencer a resolução de Carla; esposou o primo e abandonou para sempre a cidade natal, a casa e a mãe que foi, [illegible] em lagrimas, morar com a primogenita, considerando-a agora como filha unica. Carla, para ella, estava morta.

A BELLA FRONT

(Continuação)

Agora ella morava na sua casa de campo, baixo, na Calabria. Era um pouco longe da uma bella casa, grande, silenciosa. Acreditara villa, onde os paes de seu marido passassem estivaes: mas não, tratava-se da propria casa da casa onde tinham morrido, onde Ludovico E ainda mais: Carla veiu a saber que o famoso tivera logar mesmo ali... Tivera conhecimento pouco tempo depois de chegar. O marido entre logo a seus affazeres.

Estudara certas innovações na America e queria troduzil-as na sua propriedade; corria as suas o dia todo em motocycleta; era incansavel. Dizia mulher: — Tu tambem, Carla, terás aqui dentro ta coisa a fazer. Quanta paciencia te será preciso pores em ordem a casa!... Em todos estes teve como uma casa abandonada. Imagina: lher de um colono vinha aqui, de vez em quando uma olhadella ás coisas, mas sabe Deus qual estragada não se encontra por ahi, e quanta tará tambem...

Elle era methodico e cuidadoso; principalmente a sua roupa, era justo. E queria um arrolamento tudo; queria que tudo fosse marcado, conferido metteu em ordem todas as coisas, marcava, fazia o arrolamento. A casa era rica de roupas, marios estavam cheios dellas; quando Carla um cheiro activo de camphora a obrigava Tudo, porém, se encontrava em seus logares, rumado, catalogado, sem a mais leve falta. phora e os perfumes conservavam-se em todas sas e de todos os cantos exhalavam o seu ou menos forte. Carla fazia-se ajudar pela colono, que lhe parecia bastante educada para se sua camareira, porque a outra, que vivia na cozinha, era surda e algum tanto aluada, mente abria a bocca. Só a ouvira animar-se quando, recusando entrar numa especie de sala no primeiro andar, sobre a escada, exclamara da de um pavor repentino:

— Ahi não, ahi não!... Ahi morreu a outra senhora!...

No silencio que se seguira, em que Carla terdicta e não pudera abrir a bocca, a rapariga tiara coragem para dizer:

— Era ahi, que vinha conversar com ella, dias, aquelle moço, filho do conde Mauri, que perto, naquelle castello que daqui se vê... senhora ficava aqui sozinha tantos mezes... subiu as escadas sem sapatos (não se sabe ou não que vinha); o moço conseguiu saltar abaixo, mas a senhora... pobresinha...

Carla levantou finalmente a mão para cio, mas ficou por um bom momento muito narração breve, mas clara, apparecera-lhe coisa inesperada, absurda, uma coisa do do... Foi preciso um certo tempo para lhe voltasse de novo. Dominou-se depois. Era alguma novidade talvez para ella aquella ria?... Não sabia já que Ludovico tinha morto meira mulher?... De certo, e ella sempre "foi porque o trahiu, e ao marido não se hir..." Mas como nunca perguntara nem bera os particulares da tragedia, era como conhecesse; tudo era vago, a este respeito, mente, nem pensara nunca que aquella infeliz vivido ali dentro e ali dentro tivesse sido

Precisava tambem pôr em ordem o pequeno precisava fazer tambem o arrolamento de

A BELLA FRONTE

(Conclusão)

——) : :(——

se encontrava dentro delle?... Ella o tinha sempre esquecido, áquelle retiro, especie de recanto para repouso moral, e, agora, entrando nelle, examinava-o com uma estranha curiosidade, com repugnancia e interesse ao mesmo tempo; um pequeno e pobre mobiliario encontrava-se ali. Havia um bandolim na parede, folhinhas, pequenos quadros cobertos de pó, uma mesinha de trabalho; um conjuncto frivolo e vulgarissimo. Onde se assentaria a *outra?* Carla assentou-se ao pé da janella; era ali, provavelmente, de onde se via um castello ao longe, certo aquelle em que habitava o rapaz que se atirara janellas abaixo. Que horror, santo Deus!...

• • •

E agora, sabe Deus porque, ella se vinha sempre assentar áquella janella. Tomara esse habito. Espanado o pó dos moveis, do bandolim, dos quadrinhos, da pequenina mesa, sem mudar coisa alguma de logar, assentava-se ali, junto da janella, muito recta em seus affazeres, bem penteada, com as longas e frias mãos occupadas no bordado, a olhar, de quando em quando, para fóra, para os arredores tranquillos. Planicie, solidão, silencio. E, além, o castello; acolá, bosques diversos. Viria por aquelles bosques o moço namorado?...

E as horas e os dias iam decorrendo assim...

Alguem, uma camponeza talvez, perguntou uma vez á camareira, e Carla, da janella, escutou: "Mas não tem medo de estar ali?... E a rapariga respondeu:

— Qual o que! ... Esta não tem medo de nada! ...

Uma tarde, o marido, ao voltar, encontrou-a no pequenino salão. Deteve-se á entrada, e não a transpoz. — Fica aqui agora? — perguntou com desconfiança. Os seus olhos se encontraram por um momento. Desde este dia, apenas ouvia o ruido da motocycleta do marido, apressava-se em deixar o salãosinho e a descer ao seu encontro. — E então? — interrogava elle, invariavelmente — que fizeste hoje? — como passaste o tempo?...

— Como de costume — respondia ella — trabalhei e depois entediei-me.

Elle lhe disse um dia:

— Dantes, não te entediavas nunca, não é verdade?...

— E' verdade, quando solteira não me entediava nunca...

— E agora por que te aborreces?...

— Tu não estás aqui nunca, e sem ti aborreço-me.

Mas não era verdade, porque tambem quando elle se encontrava em casa, ella experimentava o mesmo estranho mau estar, um mau estar jamais experimentado e que acreditava ser tedio.

— Agradar-te-ia ver gente?... — perguntou-lhe elle — receber visitas?...

— Não, por que?

Trocaram um rapido olhar e calaram-se. Tinham tido o mesmo pensamento e a mesma sensação desagradavel. Depois ella disse, com o seu antigo orgulho:

— Não tenho necessidade de visitas; estou muito bem em casa.

Trabalhava, mas quando bordava ou cosia, parecia-lhe que uma sombra se vinha assentar deante de
a sombra da primeira mulher, e que murmurava:

— Não vês que é assim que se chega á trai

E Carla olhava ao longe, a estrada por onde vir, em tempos idos, o filho do conde... Oh! co tinha transformado o casamento!... Era mulher ra; a sua fronte estava estranhamente sombria crespada e parecia occultar pensamentos com importunos, de que ella propria se horrorizava. — tens agora, tambem tu, o desejo de que alguem nha falar?... Aprendeste a comprehender e a doar?...

Ella se punha de pé e olhava em torno, aterro Seria possivel que houvesse qualquer coisa de mum entre uma mulher como fôra a primeira e ella?... Oh! fugir, poder tomar o trem, voltar nova, rever o mar... Quem sabe? talvez isto a da sombra sem rosto que lhe estava sempre a os passos, dizendo-lhe, num sopro envenenado: tens medo, tu tambem, da tentação?... Não que tu tambem poderás tombar no peccado?... sensação da molestia que já lhe alcançava o prendia-a no salãosinho tragico, naquella cadeir to á janella, como uma pesada cadeia.

• • •

Uma manhã, o marido, que devia erguer-se cedo uns tantos negocios, e vestia-se de cabeça bai lencioso, concentrado, como era de habito fazer aquelles momentos em que acreditava adormeci mulher, admirou-se vendo-a levantar-se tambem. tar-se no leito, escorregar silenciosamente para do mesmo e vestir-se apressada.

— Mas, Carla, que fazes?...

Ella respondeu, com um ar meio desvairado:

— Vou comtigo.

— Fazer o que?... Por que?...

— Não quero estar sozinha — disse ella — não ro mais estar sozinha, tenho medo.

Estava muito branca, com a longa trança solta como uma longa serpente pelas costas

Ludovico perguntou, com voz estrangulada:

— Tens medo... medo de mim?...

Estava livido, com os olhos injectados de san respirava com difficuldade.

Ella se aproximou delle; agarrou aquella mão ossuda que tinha disparado o tiro, olhou duros olhos claros que haviam amaldiçoado, e num sopro, olhando, por sobre os hombros, para lado e outro, com um olhar cheio de terror:

— Não tenho medo de ti; tenho medo, quando sozinha, da tentação. Poderia vir o filho do conde então, apenas um camponez, um estroina, sei então, tu subirias descalço as escadas, entrar salãosinho e matar-me-ias...

O marido poz-lhe uma mão sobre a cabeça e do-a dentro dos olhos, comprehendeu que chegara elle a hora da expiação, uma expiação mais que aquella que se fôra com o passado.

De nada valeu a viagem que elle iniciou logo distrahil-a. Nem a vista do mar de Napoles a mou. Teve elle bem depressa de recorrer a me a curas, e a longa estada numa casa de saude uma doente tranquilla, mas não podia supportar sença dos homens. Era tratada por um medico guem lhe podia afastar do pensamento a idéa se a encontrasse a falar com um homem, fosse um medico ou um enfermeiro, o marido a m

Elle apparecia raramente; vivia como um urso na cova, entregue aos trabalhos do campo, com carniçamento furioso; mas os cabellos estavam brancos e tinha a apparencia de um velho pelos annos.

UM VERDADEIRO PRAZER
assar, cozer sem abaixar-se
NOVOS MODELOS DE
FOGÕES A GAZ
DE JUNKER-RUH
JR

CEREBOS TABLE SALT

Cerebos

O que nem todos sabem

Os elephantes domesticados, que são utilizados para o trabalho, podem supportar cargas de uma tonelada. Mas precisam, diariamente, para satisfazer a seu appetite, de trezentos kilos de forragem verde.

*

A cordilheira dos Andes é a mais extensa do mundo, emquanto que a do Himalaya é a mais alta.

*

Alguns povos selvagens ou barbaros comprehendem o desmaio suppondo que a alma abandona o corpo por certo tempo. Nesse caso, o methodo curativo consiste em fazer com que a alma volte ao corpo. Para isso, a chamam aos gritos ou celebram ritos em que, com grandes gestos, pretendem segurar a alma fugitiva.

*

As irradiações dos diamantes constituiram, nalgum tempo, a base para uma cura da paralysia, cegueira e outras muitas molestias produzidas por transtornos nervosos.

*

Em algumas aldeias da Austria, os sacerdotes tinham a virtude de conjurar a tormenta para impedir seus máos effeitos sobre o povo. O processo empregado era o seguinte: no momento em que a tormenta se desencadeava, toda a aldeia corria á procura do sacerdote e com elle iam os habitantes á egreja, a cuja porta sahia depois o sacerdote revestido, com os Evangelhos e o hyssope com agua benta nas mãos. Voltando-se para o lado onde se encontrava a nuvem, fazia seus conjuros e traçava cruzes no ar com o hyssope. Afinal, a tormenta cedia e a nuvem se afastava. Então o sacerdote e o povo entravam na egreja para dar graças a Deus.

*

Da equipagem de cada soldado do Exercito allemão, no tempo do Kaiser, faziam parte um exemplar da "Biblia" e meia libra de chocolate.

*

No popular bairro latino, de Paris, se celebrou, em certa occasião, um casamento de conveniencia por uma causa bem cu-
sa. A noiva tinha, no al-
bairro, uma casa de pensão, e
tre seus inquilinos figurava
joven poeta pobre, que, havia
menos de onze annos, não pa-
um franco da sua conta de
dagem. A dona da casa, che-
perder a paciencia e a espe-
de receber o seu dinheiro, e
vidou o hospede atrazado a
cupar o commodo. Então, o
teve uma idéa luminosa:
ceu sua mão á paciente
deira, em troca da cancella-
debito. A mulher acceitou de
bom grado a original propo-
poucos dias depois se rea-
um casamento e se saldava
conta atrazada...

*

Os noivos turcos não co-
a noiva até o dia do casa-
E, para mostrar que lhes
a mulher que o destino lhes
atiram um punhado de moedas
quarto onde a recem-casada
acha reunida com suas ami-

Atrazado!

PERDEU o trem ... Tempo perdido. E tudo porque o despertador lhe falhou!

V. S. se livra de tal massada com um Westclox. Porque todo os relogios Westclox, Big (Grande) Ben, Baby (Pequeño) Ben e os outros, são o que ha de melhor no ramo.

Os despertadores Westclox trabalham com admiravel precisão. Com elles V. S. despertará sempre quando quizér.

Western Clock Company

La Salle, Ill., E. U. A.

Westclox

205

Versos

Agonia do amor

Sentir que a alma enfraquece aos poucos, lentamente,
Cançada da illusão que a fez vibrar;
Sentil-a, emfim, menos ideal, menos ardente,
Sem se ter forças de fazel-a amar.

Ainda fazendo-a amar, mas de tal fórma,
Com uma tão grande e tão profunda differença,
Que a gente só á força se conforma
Penalizado pela magoa atroz e immensa.

Assistir, sem querer, á scena pungitiva
Em que, fibra por fibra, morre o amor;
E a voz do coração, outrora imperativa,
Abafar no desanimo interior.

Tentar, inda uma vez, a escalada de um beijo,
E sentir, afinal, envergonhado,
Que já não se conduz a flamma do desejo,
Já não se póde amar nem ser amado.

— Sentir-me assim nessa hora triste de sol pôr!
Ver que vens, sem te olhar! Ver que procuras
Meus labios, minhas mãos, minha ansia, meu amor,
Sem poder reflorir — como arvore no inverno
Com mais seiva e vigor — mais humano e mais terno
Para a renovação dessas lindas loucuras...

SOUZA NETTO

Maio

Chego á janella e espreito: a paizagem me encanta,
Gozo o bem de viver, gozo a gloria da vida,
Rasgo a luz que me attrae toda a estancia querida,
Onde abrigo a existencia entre lúbrica e santa.

Maio esplende e ha no espaço uma prece escondida,
Nas orgias de festa onde o som se levanta,
Nesta estranha alegria, arde o sol, vibra a planta,
Acho em tudo um sabôr que ao viver me convida.

Toda a terra me empolga, e me arrasta e me inspira,
Sinto nalma o prazer que extorqui de algum raio,
Desta fúlgida luz que os meus sonhos transpira...

E este céo pulchro e azul e este azul sem desmaio,
Grava a luz sideral, toda a estrophe em que á lyra,
Canta ao sol, meu amor, entre as dahlias de Maio.

AUTHBERTO COSTA